REALIDADES E PERSPECTIVAS DO CINEMA AMADOR (NO SUPLEMENTO MESA REDONDA)

Diário de Lisboa

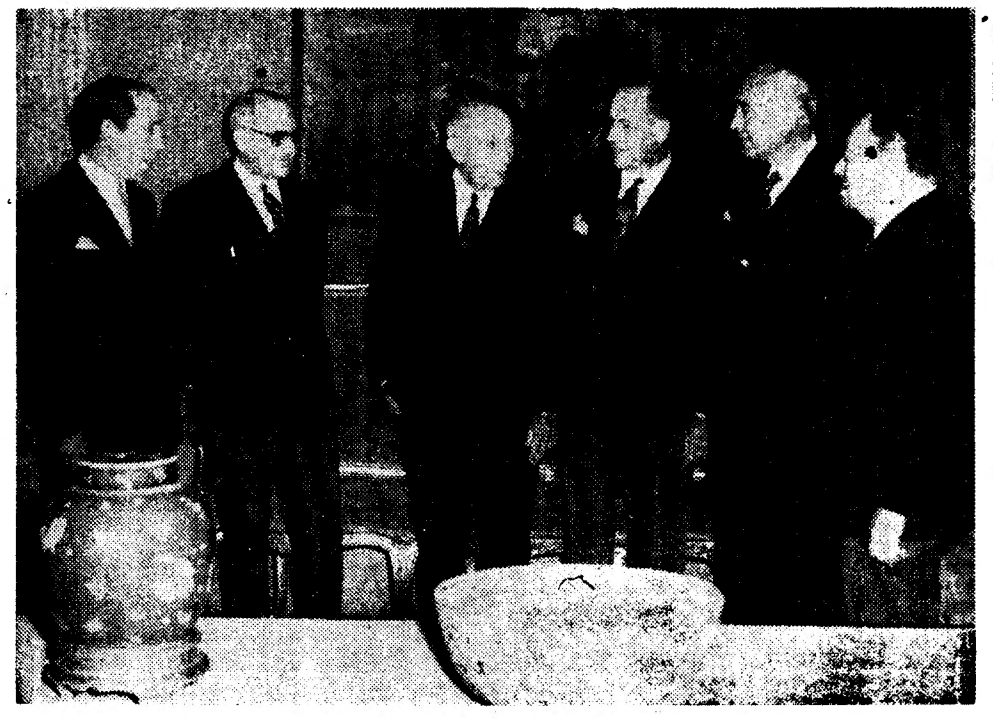
FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 2 DE JANEIRO DE 1970 N.º 16 894 ANO 49.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA

1 X 2

TOTOBOLA



O Chefe do Estado, tendo a seu lado o Presidente do Conselho, recebe os cumprimentos dos presidentes da Assembleia Nacional, Câmara Corporativa, Supremo Tribunal de Justiça e Câmara Municipal de Lisboa. A foto foi obtida ontem, no Palácio Nacional de Belém, durante as cerimónias de cumprimentos de fim de ano ao Presidetne da República, que se prolongaram por toda a manhã. (Ler na página central)

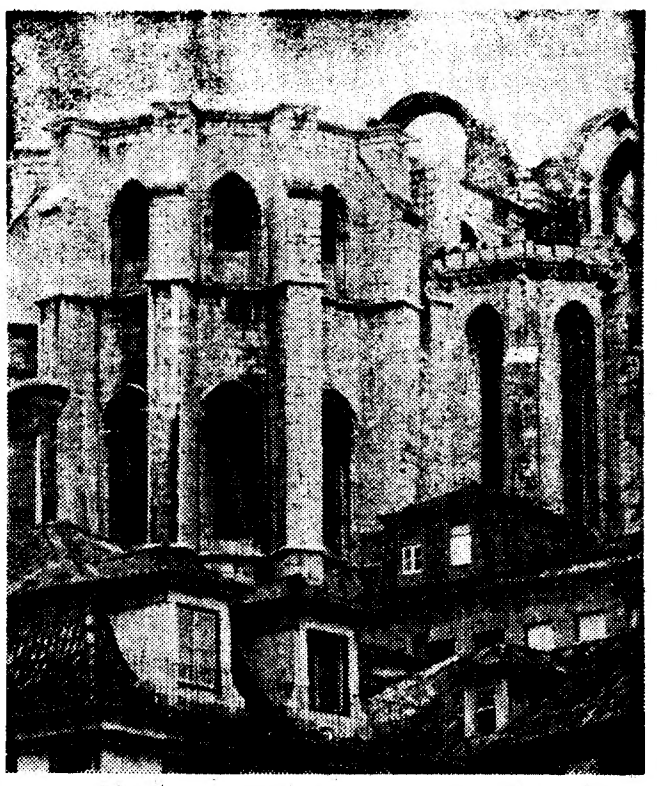
O FIM DA EFTA

— prevê um ministro norueguês no caso da saída da Inglaterra

OSLO, 2 — (R.) — Kaare Willoch, ministro norueguês do Comércio e Navegação, afirmou que a Associação Europeia de Comércio Livre (E.F.T.A.) deixará de existir se a Grã-Bretanha entrar para o Mercado Comum.

Se a Noruega permanecer afastada de uma Comunidade Económica Europeia alargada, «não só ficará

(Continua na 11.ª página)



As ruínas do antigo Convento do Carmo, com os seus arcos, ogivais suspensos, em nave descoberta, são interessantes pela sua singularidade decorativa. Restam da linha monumental do século XIV apenas parte da fachada gótica, alguns arcos de ogiva e uma secção da capela-mor (Reportagem na 2.ª página)

«ÁLBUM DE LISBOA»

A MENSAGEM DE ANO NOVO DO CHEFE DO ESTADO

INFELIZMENTE A PAZ É UMA META MUITO DIFÍCIL DE ATINGIR

Através da Rádio e da Televisão, o Chefe do Estado dirigiu ontem, pelas 13 horas, a sua habitual mensagem de Ano Novo aos portugueses de todo o mundo. Eis, a seguir, o texto integral das palavras do sr. almirante Américo Thomaz

A MISÉRIA É PERMANENTE E A GRANDEZA EFÉMERA

Continua o tempo correndo indefinidamente e, na esteira do seu caminhar implacável, vão os anos passando e, com eles, vão os homens desaparecendo do palco da vida, uns após outros, e mergulhando na bruma, mais ou menos cerrada, do esquecimento. Perante esta inevitável realidade é de perguntar á Humanidade porquê tanta ambição, tanto egoismo, tanto orgulho e tanto ódio. Não seria antes preferível mais humildade, mais resignação, mais compreensão e mais caridade?

Com estas primeiras palavras, que são o desabafo duma alma que já viveu o bastante para saber que a miséria é permanente e a

(Continua na 15.ª página)

ABOLIDAS AS RESTRIÇÕES ÀS DESPESAS DE TURISTAS INGLESES

LONDRES, 2 — (R.) — O limite máximo de 50 libras para as despesas que os turistas britânicos podiam fazer no estrangeiro foi abolido a partir da meia-noite de ontem anunciou o Governo de Londres.

A restrição foi imposta em Novembro de 1966 no quadro das medidas económicas então decretadas.

Um comunicado do Governo anunciou que serão mantidas certas formalidades para impedir a exportação não autorizada de capitais. Acrescentava que a decisão agora tomada não se aplica no caso dos cidadãos britânicos que pretendam visitar a Rodésia. Os turistas poderão agora trocar até 300 libras por moedas estrangeiras para cada viagem que façam ao estrangeiro e pedirem ao banco da Inglaterra mais dinheiro se dele necessitarem.

ACELERAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO COM A INTENSIFICAÇÃO DOS INVESTIMENTOS PÚBLICOS

— **objectiva do Governo anunciado no Orçamento Geral do Estado** (Pág. 8)

«O PRIMEIRO DE JANEIRO»

O nosso presado colega «O Primeiro de Janeiro», dos mais antigos jornais e composição de relevo na Imprensa portuguesa, celebrou, ontem, o seu 102.º aniversário. Ao director sr. Manuel Pinto de Azevedo Júnior e aos que trabalham no prestigioso diário portuense as nossas cordiais felicitações.

AINDA É POSSÍVEL CONCORRER

APARENTEMENTE, Lisboa possui o enunciado de quase todas as cidades do Mundo. Mas é diferente. Cada cidade tem a sua maneira de cativar, o seu modo íntimo de agradar. Lisboa vive do pitoresco, dos panoramas, da cor, da luz, da sua forma e do seu movimento por subidas e descidas, dos becos que acabam em largos e dos seus bairros que se desmoronam para o Tejo, num labirinto de planos. As feições de Lisboa, onde reside o seu carácter e a sua personalidade, decidiram o nosso Jornal á iniciativa que rápidamente viria a conquistar muitos milhares de concorrentes.

De facto, o «Álbum de Lisboa» documenta aspectos históricos, pitorescos e tradicionais da cidade e, também, as que possui expresões como grande capital do mundo do nosso tempo. Por uma importância infima (2$50) cada concor-

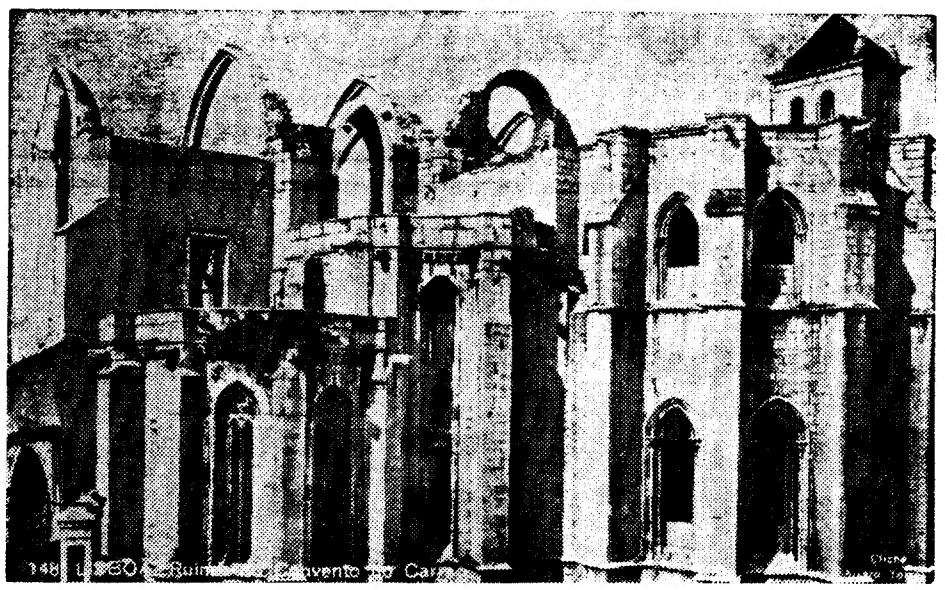
(Continua na página seguinte)

HOJE 36 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

PUBLICAMOS NA 2.ª PÁGINA A GRAVURA N.º 22 DO NOSSO CONCURSO

«ÁLBUM DE LISBOA»

AS RUÍNAS DO CARMO



Quando o Convento do Carmo ficou construído, em 1423, D. Nuno Álvares Pereira, «titular de três condados, donatário de trinta e três vilas, senhor de quase tantas terras como tinha o Rei, despiu a armadura, vestiu-se de burel, distribuiu todos os seus senhorios, bens, terras e rendimentos, renunciou a todos os títulos, dignidades e relações» e entrou para o Convento, que o terramoto, séculos mais tarde, viria a destruir quase completamente e onde é hoje um museu arqueológico

NÃO SÃO AS DO CONVENTO DE D. NUNO

DAS MIL FACES que Lisboa ostenta, qual delas o seu maior galardão de glória? Cidade antiga e moderna, triste e simultâneamente alegre (como lhe chamam os cronistas seus amantes), Lisboa debruça-se das sete colinas e reflecte-se no Tejo, que lhe corre aos pés. Em cada pedra, em cada monumento antigo, a urbe esconde uma história, sempre interessante e, infelizmente, desconhecida dos lisboetas. Ao mirar-se no rio, qual o trecho que a cidade mais estremecerá? Nenhum em particular, decerto, e todos em geral. No entanto, as ruínas do Convento do Carmo têm um lugar especial (e conquistado por direito próprio) no coração de Lisboa.

São muito antigas as ruínas? Não. Embora o Convento tenha sido mandado construir por D. Nuno Álvares Pereira e a primeira pedra lançada em 1389, o que ali se vê hoje não passa de restos de uma reconstrução inacabada, da iniciativa do provincial dos Carmelitas da época (frei José Pereira de Sant'tAnna) após o terramoto de 1755.

A história do Convento do Carmo é esta: encontradas enormes dificuldades na construção, devidas sobretudo ás irregularidades do terreno, nem por isso D. Nuno Álvares Pereira desistiu do seu intento. E já em 1397 (a data não é rigorosamente exacta, mas a mais aceite pelos historiadores), o Condestável escrevia ao vigário-geral dos Carmelitas, frei Afonso de Alfama, pedindo-lhe que mandasse alguns dos seus religiosos de Moura para o Convento de Lisboa. O primeiro superior chamava-se frei Gomes.

Logo em 28 de Julho de 1404, D. Nuno Álvares Pereira fazia doação de um grande património ao Convento e, passados anos, precisamente no mesmo dia e no mesmo mês de 1423, doava o próprio edifício aos Carmelitas.

Chega o ano trágico de 1755. O terramoto arrasa Lisboa. Aos seus dramáticos efeitos não fugiu o Convento do Carmo, que ficou totalmente destruído, perdendo-se tudo o que aí havia. No sinistro morreram nada menos de 14 religiosos.

Não são pois da construção inicial as ruínas que Lisboa conserva hoje do seu Convento. A reconstrução, iniciada, como dissemos atrás, por frei Pereira de Sant'Anna, jamais viria a concluir-se. E, embora em Julho de 1758, já o Convento pudesse receber alguns religiosos, o certo é que, em 1810, era ali o quartel da Guarda Real da Polícia; em 1814, o Batalhão de Atiradores; e, em 1831, um Regimento de Milícias ocupava já parte da casa de D. Nuno. O Governo apressava-se em transformar os conventos em quartéis.

No entanto, só em 1834, os frades abandonariam definitivamente o Convento. E dois meses antes do decreto de extinção, a biblioteca do Carmo tinha 6880 volumes.

Esta a história, a traços largos, do Convento do Carmo. Ao passar no Rossio, a um domingo, ao fim da tarde, e ao ouvir o clarim do arrear da bandeira no quartel da G. N. R. que ali está instalado agora, quem se lembrará (que saberá?) esta história simples, mas de tão grande valor para as tradições lisboetas?

Hoje as ruínas do Convento do Carmo oferecem, aos poucos visitantes que as procuram, uma sensação de austeridade — um inusitado clima de paz, em pleno coração da urbe.

OS «STANDS» GAZCIDLA DE LISBOA

Os «stands» da Cidla, integrados na campanha «Gazcidla no seu bairro», e as zonas que servem:

ALCANTARA	— Largo do Calvário, 12-C
ALECRIM	— Rua do Alecrim, 77
ALFAMA	— Rua de S. Miguel, 5
ALVALADE	— Rua José Duro, 27-C
ARROIOS	— L. Mendonça e Costa, 9-C
AVENIDAS NOVAS	— Av. Miguel Bombarda, 56,A
BAIRRO ALTO	— Rua da Atalaia, 131
BENFICA	— Rua Emília das Neves, 4-B
BOA HORA	— Trav. da Boa Hora, 30-D-E
CAMPO DE OURIQUE	— Rua Infantaria, 16-57-A
CAMPOLIDE	— Rua de Campolide, 94-C
GRAÇA	— Largo da Graça, 63-D
LUMIAR	— Pr.ª Alexandre Ferreira, 32
MADRAGOA	— Rua da Esperança, 134
OLIVAIS	— Rua Cidade de João Belo, lote 86-Lj. B
REGO	— Rua da Beneficência, 61 (a inaugurar brevemente)
24 DE JULHO	— Avenida 24 de Julho, 94-A

Em todos estes «stands» encontrará pessoal especializado para prestar assistência técnica, exposição permanente dos mais modernos modelos de material de queima e pronto fornecimento de gás — com rapidez, eficiência e simpatia.

EXTERNATO NUN'ALVARES

DIURNO — NOCTURNO

Primário - Liceal

LINGUAS — LABORATÓRIOS — MÚSICA — TRANSPORTES

PRAÇA JOÃO DO RIO, 2

TEL. 722461

Album de Lisboa

Diário de Lisboa

Recorte e cole a gravura n.º 21 no espaço marcado na caderneta

Todos os assuntos referentes ao Concurso deverão ser tratados na RUA CASTILHO, 185-1.º — Telefs.: 65 45 33/65 45 34

AINDA É POSSÍVEL CONCORRER

(Continuação da pág. anterior)

rente possuirá um Album que lhe recordará factos não retidos pela memória, ou o fará conhecer, embora num aspecto geral, a Lisboa que poetas e escritores imortalizaram.

Cada concorrente — que poderá participar na nossa iniciativa com quantos «Albuns» quiser —, está, também habilitado ao sorteio de magníficos prémios, entre os quais pomos em relevo o confortável apartamento atraentemente mobiliado, num dos blocos de prédios já construídos em Miratejo, a cidade-panorama, pela Realimo, S. A. R. L., o magnífico automóvel Toyota, modelo Corolla 1100, de que são representantes Salvador Caetano, S. A. R. L. e distribuidores em Lisboa e no Porto Transmotor, S. A. R. L.; 5 excelentes televisores Siemens, entre os quais o modelo «Estoril», homenagem da Siemens ao nosso país, uma máquina de lavar, dois frigoríficos, três radiorreceptores e muitos aparelhos electrodomésticos da Siemens — a qualidade alemã vem da Siemens — e duas dezenas de álbuns, com discos «long-play», peças dos maiores autores em interpretações de famosas orquestras, da etiqueta Philips.

É possível ainda participar na nossa iniciativa. Basta solicitar directamente aos nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º em Lisboa, os «Álbuns» pretendidos e, também os jornais atrasados por se terem esgotado justificaram novas tiragens.

Esclarecem-se os que se surpreendem por ainda não terem recebido as suas remessas que o atraso, embora ligeiro, se verificou pela aglomeração de correio própria da quadra. Garantimos, no entanto, que todos os pedidos serão satisfeitos — para maior êxito da nossa inicativa.

Cofres de aluguer

Av. República, 3

BANCO DO ALENTEJO

VINHO DO PORTO

BARROS

A QUALIDADE À SUA MESA

NOVO TIPO DE SINDICATOS NA VIDA POLÍTICA DA ITÁLIA

ROMA — A assinatura da convenção colectiva dos metalúrgicos porá termo ao «Outono quente»? Tanto do lado dos industriais como do lado dos sindicatos hesita-se em acreditar que a contenda terminou. A convenção colectiva assinada pelos metalúrgicos, que abrange 1 500 000 operários, e os outros contratos, que interessam a 4 000 000 de trabalhadores, não são, na verdade, mais do que simples quadros gerais no plano nacional. Há que conduzir ainda as convenções próprias de cada empresa, e, segundo toda a verosimilhança, os movimentos de «greves de braços caídos» ou as agitações voltarão a dar-se este mês, ao mesmo tempo que as negociações serão abertas nos escalões particulares.

Nesta perspectiva dois documentos assumem agora grande interesse. O primeiro deve-se ao sr. Costa, presidente da Confederação Geral da Indústria Italiana, que escreveu ao presidente do conselho e o outro, ao sr. Bruno Trentin, secretário-geral da Federação dos Metalúrgicos C. G. I. L. (socialistas-comunistas), que comenta o acordo num editorial de «L'Unita».

Por

JACQUES NOBÉCOURT

Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»

«A tarefa do sindicato não se reduz a uma pura ginástica de assinatura de contratos colectivos», nota o sr. Trentin, que faz assim o balanço do «Outono quente», *«criou-se um novo tipo de unidade de classe, capaz de vencer, pouco a pouco, as barreiras corporativas, as lógicas específicas das empresas as diplomacias de mais alto nível. As diferentes fases da luta foram decididas com os trabalhadores; as mudanças de táctica, com as dificuldades e as incógnitas que apresentavam, foram debatidas nas fábricas e decididas com a participação de todos»*. O sr. Trentin salienta, por outro lado que *«a unidade entre os sindicatos saiu desta batalha contratual mais forte, mais densa, no fim que no princípio. A unidade sindical de classe já está a bater á porta»*.

Aludindo, por fim, á pressão dos «esquerdista» e ao pessimismo de outros sectores da opinião, conclui o sr. Trentin: *«O Outono quente não foi a explosão de espontaneidade que alguns esperavam. Não deixa atrás de si traços de azedume. Foi um momento uma etapa na via da construção de um novo tipo de sindicato e de uma transformação da vida política do país.»*

Estas considerações encontram-se expostas na carta escrita pelo sr. Costa ao presidente do conselho. O presidente da *confindustria* declara que a delegação dos industriais metalúrgicos não tinha outro caminho a seguir que não fosse o de assinar as convenções colectivas, aceitando as propostas do ministro do Trabalho. Depois de ter expresso o voto de que o progresso técnico permite *«absorver os prejuízos que daí decorrerão para o país»* o sr. Costa declara julgar que *«o país se encontrará amanhã em posição menos boa do que seria de esperar se tivesse havido uma política económica e sindical mais acertada»*.

«NÃO HÁ LIBERDADE SINDICAL»

Aliás, acrescenta o sr. Costa, as consequências mais graves não são as económicas. *«O que fez falta foi a liberdade sindical. Não há liberdade sindical quando se permite qualquer acto de violência, em nome de um abuso do direito de greve e em detrimento do direito ao trabalho. Não há liberdade sindical, quando o Governo, por intermédio do ministro do Trabalho, intervém na controvérsia, declarando que não pode ser imparcial»*.

Poderá esta posição do presidente da *Confindustria* ser interpretada como uma intervenção do patronato na vida política? Ela reflecte decerto a opinião da fracção mais moderada desta confederação cuja «filosofia» é contestada pelo grupo dos jovens industriais. Nos meses que se avizinham, o desenlace da crise no seio da *Confindustria* não se revestirá de menos importancia do que a evolução das estruturas sindicais na vida económica italiana.

Nota do dia

SOB O SIGNO DA GRIPE

A PASSAGEM DO ANO fizemo-la todos mais ou menos sob o signo da gripe, que é uma coisa que se passeia agora pelo mundo sem passaporte e por itinerários mais ou menos peestabelecidos. A rapidez e a facilidade de comunicações, que, evidentemente, apesar disso, havemos de continuar a festejar, estão afinal na origem da própria facilidade de propagação da enfermidade. Há gripe na Grã-Bretanha? Pois noutros tempos toda a gente achava e bem que isso da Grã-Bretanha era lá longe, coitados, que se arranjassem, que os outros ficavam cá longe à distância e em paz. Mas isso é história antiga. Hoje em dia, com as carreiras aéreas regulares, não há mais embaraços, vai-se buscar a gripe onde ela estiver, no mesmo dia, em viagem de ida e volta.

O aspecto imprevisto das acometidas deste mal está, porventura, no que possa chamar-se o seu aperfeiçoamento. Quer isto dizer, toda a vida se ouviu falar da gripe, que era uma maleitazita assim de certo modo encostada às constipações, mas sem significado de maior. Houve a «espanhola» em 1918, que veio com a característica de certas afecções pneumónicas e fez à sua volta negra sementeira de mortandade. Mais recentemente é que passámos a sofrer as sucessivas visitas das espécies designadas parece que pela origem, a «asiática» e a «italiana». Mas fora isso, era a gripezinha barata, sem certificado de origem nem marca de qualidade.

Se é possível a um profano fazer algumas observações, a primeira delas será que a gripe não poupa os países onde existe instalado e a funcionar um sistema de saúde pública mais evoluído. Parece que, paradoxalmente, é o contrário o que se observa: um milhão de operários ingleses ausentes na reabertura das fábricas depois dos dias de Natal; na Suécia, onde se registaram alguns óbitos, esgotaram-se os medicamentos antigripais. Por essa Europa fora, os hospitais não chegam para acudir a quantos aflitos lhes batem à porta. Os hospitais não chegam, os médicos não chegam, os remédios não chegam. Que força têm então os elementos que no nosso tempo é possível reunir e dominar para deles se fazer uma aplicação útil?

Nem toda a gente sabe que até temos em Portugal um «Centro Nacional de Gripe», que todos os anos tem tido agora que fazer. O seu director, dr. Arnaldo Sampaio, não se poupa a esforços para nos esclarecer e tranquilizar. Ao primeiro sinal, não há que hesitar, é entrar na cama e chamar o médico. Mas, antes do médico saltar a terreiro para intervir ou aconselhar, não seria possível brotar de algures um jacto de bom-senso que tivesse limitado, nestes dias de habituais manifestações natalícias, as grandes aglomerações de crianças, onde o contágio se faz alegremente, sem se dar por isso, mesmo sem dor e sem alarme? Até os empresários dos espectáculos públicos teriam ficado contentes com a sua consciência se alguém se tivesse lembrado a tempo de dar o sinal.

RECTÂNGULOS DA VIDA

O SABIO E A CRIANÇA

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Por estas e por outras é que ele se recusa a acreditar. Não que seja um homem incrédulo, nada disso. Acredita nisto, naquilo e naqueloutro do dia a dia, mas recusa-se a acreditar, por assim dizer, a alto nível. Para tranquilidade do seu espírito e também do seu coração, explica. Porque se acreditasse em tudo o que por esse mundo fora é anunciado e receado, saía pela primeira porta que encontrasse, e essas portas — aquelas em que ele estava a pensar quando falou — são portas só de duas passagens (entrada e saída), o que é muitíssimo aborrecido. Por isso recusa-se a acreditar.

Nem pensa nisso. Lê e esquece. Ouve e perde o que ouviu. Não receia o futuro, vive o dia de hoje e pensa que amanhã está longe e talvez nunca chegue. Para ele, claro.

Sofre do coração, explica. É uma espécie de ginástica, esta que faz. Ou melhor, de **yoga**. O médico diz-lhe que leve uma vida tranquila e não suba para carros eléctricos em andamento. Nunca lhe recomendou que não se afligisse com «estas e outras», mas está implícito, não? Daí a sua recusa terminante.

Nesse dia era aquela notícia em todos os jornais. Notícia que logo recusou. Pois como podia ele crer que o dr. Lathan, da Universidade de Columbia, principal cientista experimental do programa Apolo, tivesse proposto a deflagração de uma bomba nuclear na Lua, para ver, entre outras coisas, como ela é por dentro? E ele, o homem em questão, disse que não acreditava porque os sábios que têm todo o saber e todo o poder do mundo nas mãos, e o seu neto mais pequeno, que ainda não sabe falar correctamente e partira dias antes um boneco para ver como ele era feito, não podiam raciocinar do mesmo modo. Então, pronto, não acreditou. Só quando vir, se vir, e mesmo assim...

GRIPE

Na profilaxia das epidemias gripais use

ARGOTONE

À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

Já pensou em comprar um andar? O seu capital será valorizado dia a dia.
Andares nos melhores locais desde 185 contos
Pagamentos até 25 anos.

CONSULTE-NOS

LARANJO, ALEGRE & GARCIA, LDA.

Praça da Alegria, 58-2.º Sala-E, LISBOA
Tels. 326718/327803/328567

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

LICEU

CICLO LICEAL COMPLETO
CICLO PREPARATÓRIO — LÍNGUAS
CURSO COMERCIAL — INSTITUTOS

Nocturno: das 19 às 24 h.
Diurno: das 9 às 19 h.

- ESCOLA SÃO VICENTE: Rua do Paraíso, 28 — Telef. 86 59 04
- EXTERNATO MARQUÊS DE POMBAL: Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Telef. 82 02 21
- EXTERNATO ÁLVARES CABRAL: Av. Grão Vasco, 1 (fte. á Igreja de Benfica) — Tel. 70 69 74

MODERNOS LABORATÓRIOS

Importantes problemas da cidade

numa exposição do presidente da Câmara de Coimbra aos representantes dos órgãos de informação

COIMBRA, 2 — Na sala das sessões da Camara Municipal, decorreu a reunião anual do presidente, sr. eng. Araujo Vieira, com os representantes dos órgãos de informação, durante a qual foram abordados importantes problemas de interesse citadino. Presentes, ainda, além dos vereadores, srs António Miranda Veloso, dr.ª D. Maria José Bacelar, dr. Viriato Namora e António Neves da Costa, todos os chefes de serviços da Camara e dos Serviços Municipalizados.

A larga exposição feita pelo o sr. eng. Araujo Vieira foi objectiva e esclarecedora e o edil respondeu a diversas perguntas.

Acentuando o espírito de equipa, o sentido de colaboração e o esforço dos vereadores e pelos funcionários, o presidente disse que ia mostrar «que está a ser escrupulosamente cumprido o nosso programa e que ele constitui a actividade de uma equipa de cerca de 2300 colaboradores, para o quadriénio que termina em 1971.»

Obras realizadas em curso e planeadas

Falou, depois, de obras realizadas e em curso e dos vastos planos para outros importantes trabalhos. E disse:

— A inauguração do edifício de Matemática da Faculdade de Ciências pelo Chefe do Estado, as eleições para deputados á Assembleia Nacional e a visita do ministro das Obras Publicas foram os acontecimentos mais relevantes do ano que hoje termina e que tiveram lugar no nosso concelho.

Aquele importante edifício universitário importou em 26 mil contos.

Referiu-se o orador ás eleições e á visita daquele membro do Governo, relacionada com a solução de importantes problemas da urbe e do distrito. Estão, como disse, em curso e em bom ritmo as obras do edifício do Instituto Industrial; em andamento urgente as da Escola do Ensino Primário «Eugénio de Castro» e da estrada nacional de Bencanta, bem como a escola primária, de oito salas, «Marechal Carmona», trabalhos que orçam em 96 mil contos. A variante Norte — saída para o Porto — aguarda definição do Plano Regulador e os trabalhos da Avenida Central, cujo anteprojecto será entregue em Abril próximo para se começar a venda de terrenos e elaboração de projectos de construções.

No programa de trabalhos elaborado em 1967 previsto o seu desenvolvimento num período de quatro anos, a partir de 1968, incluíram-se as duas grandes realizações: iluminação do Estádio Municipal e construção do campo de aviação de Cernache, cuja pista deve ficar concluída em fins de 1971.

— A obra de maior importancia, concluída durante 1969 — disse — diz respeito ás Ruas Dr. António José de Almeida e de Santa Teresa. Incluíram trabalhos de construção das redes de esgotos, água, electricidade e substituição da via dos carros eléctricos. A situação actual destas ruas em breve fará esquecer o estado em que, durante muitos anos, aquelas artérias se mantiveram com o piso deploravel. No próximo ano, contamos concluir algumas das maiores realizações no plano urbanístico, como as Ruas dos Combatentes, Dr. Lourenço de Almeida Azevedo, urbanização á volta do Estádio, praças Salazar e Heróis do Ultramar. Algumas delas estão em vias de conclusão, cujos trabalhos constituíram preocupação destes dois ultimos anos.

O presidente da Camara acrescentou:

— Dessas obras fazem parte a conclusão do Estádio Municipal e o seu grupo de piscinas ao ar livre e aquecidas. Estas ultimas constituem uma das realizações que maior significado tem na vida citadina. Postas á disposição da juventude com a colaboração da Direcção-Geral dos Desportos e orientados pelo seu ilustre delegado dr. Mendes da Silva, estas instalações têm tido uma utilização total, em regime quase de saturação. Neste sector do desporto nacional, em que se promoveu a aprendizagem gratuita da natação, Coimbra deu um salto no tempo acompanhando as nações mais evoluídas da Europa. No ano decorrente poucas serão as crianças de Coimbra que não tenham passado pelas piscinas municipais.

O sr. eng. Araujo Vieira prosseguindo na sua larga exposição referiu importantes obras realizadas e em curso, ás quais vai ser dado grande incremento, incluindo arruamentos, vias de acesso, saneamento, águas, electrificação, transportes colectivos, etc., não só na cidade, mas abrangendo diversas localidades. Agradeceu, por fim, a colaboração dos organismos oficiais e de outras entidades.

Problemas relacionados com as piscinas públicas

Após a leitura da exposição, usou da palavra o nosso camarada José Maria dos Santos que, depois de saudar o sr. eng. Araujo Vieira, falou do problema das piscinas, um «caso» nesta cidade, dado o incremento que proporcionou á natação, mas lembrou a necessidade de construção de piscinas em bairros uma vez que as crianças que vivem afastadas não poderem frequentar, no Estádio, as escolas de natação, muitas delas por carência de meios para pagamento dos transportes colectivos e ainda, que as piscinas aquecidas fossem postas á disposição do publico em geral.

Em resposta, o presidente e o vereador sr. dr. Viriato Namora, esclareceram que está em estudo a construção de piscinas em locais afastados e que, quanto ao transporte de crianças, se pensa que sejam feitos em autocarros destinados, para o efeito, pela D. G. D. Quanto á utilização das piscinas aquecidas por adultos, elas têm estado ao dispor do publico das 8 ás 9 e das 19 ás 20 horas gratuitamente. O resto do dia são ocupadas pelas crianças dos estabelecimentos escolares que têm prioridade.

Depois, o jornalista Eugénio Dias, tratou do problema do campo de aviação, afirmando que a falta de conclusão das obras causa graves prejuízos, pois — disse — há directores de empresas que têm necessidade de utilizar tal meio de transporte, lembrando o desenvolvimento de construções na região de Setubal, exactamente por facilidade de transporte. Disse ainda, que no seu entender, o surto industrial de Coimbra só pode desenvolver-se desde que se verifiquem essas rápidas condições de transporte.

O presidente deu largas explicações sobre o desenvolvimento de industrias, comparando o caso de Viseu e outras localidades e afirmando que essas industrias são montadas consoante as condições da região no que diz respeito a matérias-primas mercados, etc.

Interveio a seguir, o nosso colega Albano Pato que focou o problema do caminho-de-ferro da Lousã, sobre o qual se fala de vez em quando, para logo cair no esquecimento, mas fala-se sem se ir ao fundo da questão, procurando-se uma solução que os interesses da cidade exigem.

Sobre as obras do campo de aviação acentuou o orador a morosidade com que elas se fazem, afirmando que antigamente, com mato e arbustos, conseguia-se aterrar e agora, por terem estragado a pista que existia, nenhum avião consegue ali aterrar.

Sobre o assunto travou-se vivo diálogo entre aquele nosso colega e o presidente da Camara, esclarecendo-se que as obras do campo não competem á Camara, mas á Direcção-Geral da Aeronáutica e ao proprietário do campo, a Junta Distrital. A Camara — foi dito — apenas pode dar a sua colaboração.

Houve ainda, outras intervenções quanto a outros problemas, sobre alguns dos quais a Camara não tem competência directa. Por fim, o sr. eng. Araujo Vieira agradeceu a presença dos representantes dos órgãos de Informação e a forma como a reunião decorreu.

Depois, num restaurante da Baixa, houve um almoço oferecido pelo presidente do Municipio. Aos brindes, trocaram-se saudações entre os srs. eng. Araujo Vieira e o nosso camarada José Maria dos Santos.

CERIMÓNIAS DE CUMPRIMENTOS DOS MINISTROS DO INTERIOR E DAS OBRAS PÚBLICAS

No salão nobre do Ministério do Interior efectuou-se esta manhã uma cerimónia de cumprimentos (o sr. dr. Gonçalves Rapazote á qual estiveram presentes, além de funcionários superiores daquele departamento, o governador civil de Lisboa, o director-geral da Segurança, major Silva Pais, os comandantes-gerais da G. N. R., da P. S. P., da Legião Portuguesa e da Brigada Naval, bem assim como funcionários dos respectivos departamentos.

Em nome dos funcionários saudou o ministro o sr. dr. Pires de Lima, secretário-geral do Ministério e director-geral da Administração Politica e Civil, que fez um breve balanço das actividades do ano findo e dos propósitos para o ano que agora principia. Em certo passo sublinhou a falta de pessoal de nível superior, necessário a um melhor funcionamento dos serviços e aludiu á possibilidade de eles se agruparem em regime associativo.

Em resposta, o sr. dr. Gonçalves Rapazote agradeceu a presença de todos e pôs em destaque a colaboração que lhes prestaram.

Ao eng. Rui Sanches

Os funcionários do Ministério das Obras Públicas compareceram hoje, ao fim da manhã, no gabinete do sr. eng.º Rui Sanches, titular daquela pasta (que se encontrava acompanhado pelo subsecretário, sr. dr. Silva Pinto) a fim de lhe apresentar cumprimentos de Ano Novo. Presentes á cerimónia os directores-gerais, chefes de repartição e directores de serviços daquele departamento.

Em nome dos funcionários saudou o ministro e o subsecretário o sr. eng.º Pena da Silva, secretário-geral do ministério, que depois de fazer uma resenha das actividades no ano de 1969, destacou a importancia da criação do Fundo do Fomento da Habitação e a conclusão da 1.ª fase do Plano de Rega do Alentejo, as novas instalações da Biblioteca Nacional e o edifício de Matemáticas da Faculdade de Ciências de Coimbra.

Em resposta o ministro Rui Sanches agradeceu a presença de todas, agradeceu a colaboração que lhe prestaram e passou em revista as principais actividades do seu Ministério.

Necrologia

FALECIMENTOS

Dr. Francisco Valadão Junior

ANGRA DO HEROISMO, 2 — (L.) — Contando 80 anos, faleceu, nesta cidade, o dr. Francisco Valadão Junior.

Nascido em 3 de Outubro de 1889, na freguesia de Vila Nova, na ilha Terceira, formou-se em Direito, em 1912, na Universidade de Coimbra. Assumiu em 1919 a função de secretário do Governo Civil de Angra do Heroismo, exercendo diversas vezes, por obrigação legal, o cargo de chefe do distrito, em épocas extremamente difíceis.

Foi professor liceal, regendo as disciplinas de Filosofia, História e Latim, durante vários anos.

Deixa uma vasta obra literária na qual se salientam os livros «O ultimo capitão-general da ilha Terceira», «A emigração colonial».

O extinto era pai do dr. Ramiro Machado Valadão, presidente do conselho de administração da Radiotelevisão Portuguesa.

LEVOU 13 LIVROS SEM PAGAR...

Em plena Rua Garrett, cerca das 18 e 30 de anteontem, foi preso o sr. Domingos Ferreira Martins, de 31 anos, solteiro, estudante, acusado de ter furtado 13 livros (todos eles clássicos da literatura, com particular abundancia de peças de W. Shakespeare), na Livraria Bertrand, momentos antes.

O fiscal daquele estabelecimento, sr. Joaquim José Ferreira Junior, notou que o sr. Domingos Martins estava a furtar livros, mas só quando o viu sair participou o caso a um guarda da P. S. P. O estudante — se o é... — tinha consigo, conforme foi apurado na Polícia, a quantia de 2 050$00...

ASSALTOU A CASA E ROUBOU UMA CARTEIRA

A P. S. P. prendeu Domingos da Rocha Caldas, de 18 anos, solteiro, mecanico de automóveis, natural de Formigosa, Arcos de Valdevez, a pedido do sr. José Augusto Fonseca, residente na Quinta do Marquês de Abrantes, JBA, 18. Este queixou-se de que o jovem, a quem frequentemente dava guarida e comida, lhe entrou em casa, por meio de chave falsa, furtando uma carteira com 10 700$00.

O Domingos Caldas, que recolheu aos calabouços da P. S. P., já gastara em seu proveito, na altura da detenção, 8966$00, sendo-lhe apreendido o restante.

David Alexandre Winter em Lisboa

Chega a Lisboa na próxima segunda-feira o cançonetista holandês, David Alexandre Winter um.a das vozes mais «vendidas» em 1969. A sua canção «Oh Lady Mary», que bateu verdadeiros «records» de vendas, figurou nos «hit Parades» de toda a Europa.

David Allexandre Winter vem a Lisboa expressamente contratado pela R. T. P. para gravar um dos seus programas «Telle-Rítmo». Aproveitando a sua estada em Portugal, será lançado um novo disco deste artista.

ora diga-nos...

— Espera algum acontecimento importante no decorrer deste ano?

Novo ano: alfobre de acontecimentos previstos e imprevisíveis.

● O sr. Armando Areias, funcionário da Sociedade Estoril, hesitou antes de retorquir:

— É tão difícil responder! Surgem tantas coisas inesperadas todos os dias...

— Mas não há nenhum acontecimento especial que deseje particularmente?

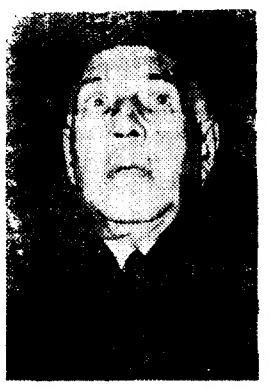
— Sim. A resolução do problema ultramarino.

E no plano pessoal?

— Não espero nada.

— Uma pessoa sem ambições?!

— Ah! sim, não tenho ambições. Nesta idade...



● *Francamente, não espero nada* — confessou-nos o sr. Aristides de Oliveira, agente comercial.

— Nada?

— O mundo está de tal maneira que há a prever muita coisa.

— ...?

— Que as coisas se arranjassem no mundo para bem da paz e da humanidade. A nível pessoal não espero nada de importante.

● Afirmou-nos por ultimo o sr. Luís Mendes Silva, empregado de escritório:

— Surgem sempre acontecimentos novos. O que me preocupa é a questão da evolução da juventude. O resto faz já parte dos anos que passaram. Surgem sempre duplicações.

— E no que respeita á sua vida particular?

— Não sou egoista nem exigente. Tudo pelo mesmo e está a coisa certa.

ABRE HOJE A 11.ª TEMPORADA DE TEATRO FRANCÊS NO SÃO LUIZ

O S. Luiz volta hoje a abrir as suas portas para mais uma temporada do teatro parisiense, com a representação de «Quarante Carats» pela Companhia de Teatro de La Madeleine.

A valiosa iniciativa de João Ortigão Ramos e de seu filho, João Bello Ortigão Ramos, ao entrar no 11.º ano de existência, continua, assim, a ter o valor de um autêntico e alto serviço prestado ao Teatro.

A peça «Quarante Carats», de Barillet e Grédy, com que se inicia este XI Festival do Teatro Parisiense, tem como figuras principais Gaby Sylvia, Bernard Lavalette, Denise Grey e Philipe Etesse. A esta peça, seguir-se-ão: no dia 13, «L'Aide-Mémoire», de Jean-Claude Carrière; no dia 19, «Le Boulanger, la Boulangère et le Petit Mitron; no dia 4 de Fevereiro, «La Ville Dont le Prince est un Enfant», de Henry de Montberlant; a 10 de Março, «Le Prix», de Arthur Miller; no dia 21 de Abril, «La Puce à l'Oreille», de Jean-Claude Brialy.

Artes plásticas

Borges Lopes expõe nas Belas-Artes

Amanhã, ás 18 horas, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, será inaugurada uma exposição de pintura de Borges Lopes, que ficará patente ao público até ao dia 12.

CAPITÓLIO
Telef. 320379
HOJE, AS 21.45 HORAS
M/ 17 anos
O PECADO DE JOÃO AGONIA
de BERNARDO SANTARENO
Amanhã—Tarde às 16 horas

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

Annie Bright
VEDETA INGLESA DA CANÇÃO
The Kims
ORIGINAIS FANTASISTAS
LIDIA RIBEIRO
STARLIGHT SHOW
COM ANGELIKA

PRODUÇÃO DE GEORGE ANTHONY
FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE e sua orquestra
no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos
NO CINEMA, às 17 e 21.30
OLHOS VERDES, LOIRA E PERIGOSA
(M. 12 anos)

teatro VARIEDADES TELEF. 32 80 37
O ÊXITO DA ALEGRIA E DO BOM GOSTO
HOJE
ÀS 20,45
E 23 HORAS
DOMINGO
MATINÉE
ÀS 16 HORAS
A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTÁCULO!
RIA COM:
AIDA ● C. COELHO
ELOINA ● SPINA
MAX ● ANITA
CARDINALI
ESPADINHA
M. FRANCO
e a grande atracção nacional ANTÓNIO CALVÁRIO
à frente de um grande elenco

Uma produção de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado
Um sensacional «BALLET» internacional
GRAÇA' CRITICA! MONTAGEM DESLUMBRANTE LINDAS MULHERES
ADULTOS

Desejamos que cada minuto do
NOVO ANO
corresponda a um tempo de progresso e felicidade para a família portuguesa no Continente, no Ultramar ou em qualquer ponto do Mundo onde labore.

ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA
PINTO DE MAGALHÃES
COM TODOS OS SEUS AGENTES E CORRESPONDENTES NO PAÍS E NO EXTERIOR

5.ª SEMANA

DEPOIS DE
2 semanas no EDEN
2 semanas no EUROPA
AGORA
SÓ NO EDEN

A atribulada vida de um advogado que por não deixar nada ao acaso... se vê metido em cada caso...
...que por acaso... é um caso sério!

POSA FILMS INTERNACIONAL, S.A.
Apresenta o seu artista exclusivo
MARIO MORENO
CANTINFLAS

D. Quixote sem Mancha
em Eastmancolor
com
Angel Garasa
Lupita Ferrer
DIRIGIDO POR
MIGUEL M. DELGADO
PRODUZIDO POR
JACQUES GELMAN
UM FILME
12 ANOS

ELE AQUI ESTÁ
O CAMPEÃO DA JUSTIÇA...
E CAVALEIRO ANDANTE DA
BOA DISPOSIÇÃO!

VASCO MORGADO informa o seu Ex.mo Público que embora o original de Henrique Santana «OS ELEFANTES NÃO SENTEM AS PULGAS» se trate de um espectáculo português de alto nível artístico, e ter sido recebido pela Crítica com enttusiástica discussão e com os mais elogiosas referências, e o Público ter correspondido, não sendo o mesmo suficiente para os encargos do avultado custo diário do espectáculo, vê-se forçado a retirá-lo dentro de dias. HOJE espectáculo à noite às 21,45 horas. Domingo à tarde às 16 horas (Adultos)

ESTUDANTES 50% de Desconto

no TEATRO MONUMENTAL

COLISEU

(Maiores de 6 anos)

À noite podem entrar crianças. (M. 6 anos)

AS MAIORES ATRACÇÕES
GRANDE COMPANHIA DE CIRCO
NÚMEROS DE SENSAÇÃO

Amanhã e Domingo, à tarde, às 16 h. com entrada gratuita às crianças até 10 anos. À noite, às 21.30 h. (M. 6 anos)

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO S. JORGE E NO ROMA

TÍTULO — «007 ao Serviço de Sua Majestade»
REALIZAÇÃO — Peter Hunt
INTÉRPRETES — Georges Lazenby, Diana Rigg e Telly Savalas.

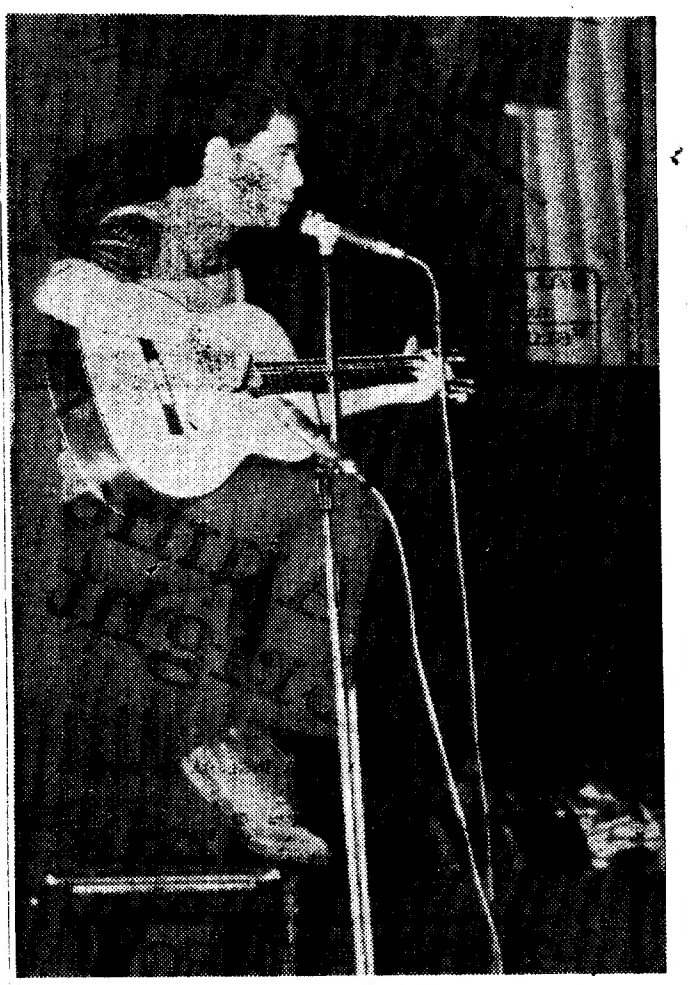
Poderíamos supor que as vicissitudes diversas por que tem passado o mito James Bond (desistência de Seam Connery, destruição total em «Casino Royal», reaparecimento com um George Lazenby desajeitado, medíocre e cretino) o acabariam por enfraquecer. Tal não acontece. O mito alimenta-se da sua descontinuidade, a diferença provoca o que a rotina anularia. *Mais* violento e *mais* duro, James Bond volta — pelo menos é o que diz a publicidade. E todo o filme se prepara para projectar o mito com um poder inigualado. Basta ver o genérico, que subtilmente nos remete para o passado, evocando cenas de filmes anteriores. Basta observar a sequência inicial, em que George Lazenby, falando do «outro», assume plenamente a sua usurpação. Basta olhar para aqueles planos em que Bond persegue Tracy (Diana Rigg) e observar na lenta e ardilosa aproximação do rosto do herói o processo duma cuidada mitificação. Lançado com plena intencionalidade e convicção, auxiliado por todos os artifícios duma técnica cada vez mais apurada, virilizado por uma camara que, em sucessões explosivas de planos, procura acentuar a violência dos combates, James Bond tinha todas as condições para vencer. Contudo, o filme é um verdadeiro fracasso. Porquê?

Talvez porque o mito de James Bond vivesse duma determinada simplicidade que parece agora perdida. Se Bond, e o seu autor, Fleming, eram reaccionários, isso não se devia, como bem notou Umberto Eco, ás alusões políticas da obra e do seu herói, mas ao esquematismo maniqueísta que ia enraizar no mais profundo e conservador do nosso inconsciente social. Explorando a mitologia primária das oposições mais grosseiras (o Mal e o Bem, a Virtude e a Perversão, o Amor e a Morte, etc.), utilizando um completo arsenal de mitos e fetiches, Fleming fornecia-nos o mais agradável dos espectáculos, porque nós nos ajustávamos a ele na total inconsciência das razões que nos moviam.

Em «Ao Serviço de Sua Majestade», o projecto desconjunta-se. Porquê? Porque George Lazenby, demasiado parvo para a missão que lhe cabe, não tem aquele mínimo de dignidade que seria de exigir. Porque, no plano erótico, o filme desce até á piada obscena e revisteira, sem nunca utilizar uma só ideia nova e interessante. Porque as personagens femininas são inteiramente insípidas (Diana Rigg inclusivé, que melhor fazia voltar aos «Vingadores» onde tinha muito melhor trabalho). Porque a personagem que incarna o Mal (Telly Savallas) está muito longe de nos impressionar. E, principalmente, porque o esforço desesperado para intensificar as sequências espectaculares desequilibra o filme até ao limite do ridículo. Nenhum processo, nenhum pormenor folclórico, nenhum estratagema sentimental, nenhum ambiente requintado, nenhuma proeza foi esquecida. James Bond estrebucha e morre, esmagado pelos muitos recursos com que o pretendem salvar. O excesso de socorros revela escassez de invenção. Os efeitos matam. O Mito fragmenta-se, dilacerado pela própria força que o projecta. Porque só se vive duas vezes, e a segunda é sempre o momento da farsa: Lazenby, o fantoche adequado.

EDUARDO PRADO COELHO

CHICO BUARQUE NO CASINO ESTORIL



Coerente com as suas canções, Chico Buarque de Holanda apresentou-se assim durante o espectáculo de fim do ano no Casino Estoril: calça de flanela xadrez, camisola de gola alta e bota de camurça clara. «Desejo-vos um bom ano e tudo o mais» — começou por dizer. E já aí estava muito do «tudo mais» que encerram os belos poemas das suas suaves baladas — mensagens de esperança que se quadram perfeitamente com os desejos de prosperidade humana sempre renovados nesta época

ABC As 20.45 e 23 h Adultos
ENA, JÁ FALA!

ANO NOVO, ALEGRIA NOVA!

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

VASCO MORGADO APRESENTA
HOJE, 2 SESSÕES
Às 21 h. e às 23 h.
com
IO APOLONI ● ARTUR SEMEDO ● FERNANDA BORSATTI ● VASCO DE LIMA COUTO ● YOLA ● DAVID SELVA ● GEORGINA CORDEIRO ● ROLANDO ALVES ● MARIA ● e a colaboração de MARIA PAULA
ESCULTURAIS BELEZAS FEMININAS
NÚ ALEGRE ESPECTÁCULO DE GARGALHADAS

ADULTOS

• HOJE, ÀS 20.45 E ÀS 23 HORAS, NO • MARIA VITÓRIA
ADULTOS

PROSSEGUE A SUA BRILHANTE CARREIRA, A COLOSSAL REVISTA
ESPERTEZA SALOIA

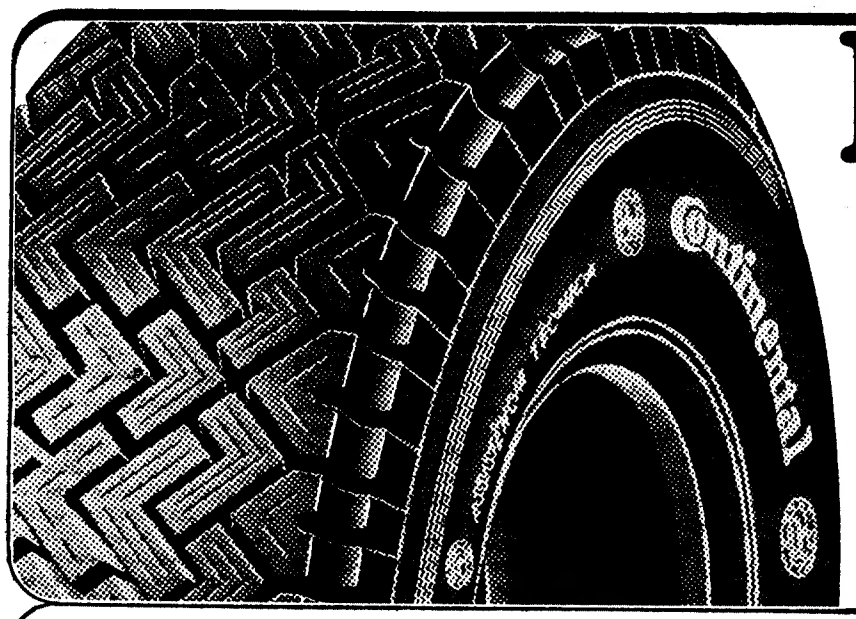
JOSÉ VIANA na «Voz da Guitarra»
DORA LEAL na «Menina do Coro»

O TRIUNFO DE UM ÓPTIMO ELENCO, COM
● SALVADOR ● JOSÉ VIANA
● MARIEMA ● BARROSO LOPES
● DORA LEAL
e as atracções
● HELENA TAVARES
● «THE MELODIES»
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA!

● UM ESPECTÁCULO DE GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

● UM ENORME EXITO EM SENSACIONAL 3.º MÊS

● DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS ●



Para a sua Agenda...

Estes são os Revendedores Autorizados do novo pneu português de técnica alemã

morrison

DISTRITO DE AVEIRO
ÁGUEDA
António Ribeiro Guerra (Posto Shell)
AROUCA
Moreira Pinto & Coelho
AVEIRO
António Batista & C.ª, Lda.
BRANCA
Garagem da Branca
ESPINHO
Abel Correia de Oliveira & F.º, Lda.
MEALHADA
José Maria Penetra
OLIVEIRA DE AZEMÉIS
Auto Parque
OLIVEIRA DO BAIRRO
Manuel Rocha da Silva
OVAR
Stand São Cristóvão
VALE DE CAMBRA
Auto Ideal do Pinheiro Manso
VILA DA FEIRA
Rodrigo Ferreira Pinto

DISTRITO DE BEJA
ALJUSTREL
Francisco Maria Fialho
BEJA
Costa & Silva, Lda.
CASTRO VERDE
João Caetano da Silva
MOURA
Auto Salúquia, Lda.
SERPA
Copaser

DISTRITO DE BRAGA
BARCELOS
Auto Acessórios Barcelense
BRAGA
Abel de Sousa e Castro
José Ferreira Monteiro da Silva
FAMALICÃO
M. Amorim Alves
GUIMARÃES
José Maria Soares
S. Central de G. de Comb. e Óleos, Lda.
VIEIRA DO MINHO
Aida de Carvalho e Herdeira

DISTRITO DE BRAGANÇA
ALFÂNDEGA DA SÉ
Empresa Alfandeguense, Lda.
BRAGANÇA
Faria Lico & C.ª
CARRAZEDA DE ANSIÃES
António de Oliveira Chaves
FREIXO DE ESPADA À CINTA
Amadeu de Augusto Lopes
MACEDO DE CAVALEIROS
A. Alberto Praça Gerónimo
MIRANDA DO DOURO
Raposo & Sales, Lda.
MIRANDELA
Auto Hércules
Vulcanização Vezúvio, Lda.
MOGADOURO
Oliveira Pires & Irmão, Lda.
SENDIM
José Avelino de Castro & Irmão
TORRE DE MONCORVO
M. de Sousa Moreira
VILA FLOR
Eusébio Gaspar Garcia
VIMIOSO
José Nazaré Diz
VINHAIS
Francisco Silva

DISTRITO DE CASTELO BRANCO
BELMONTE
Armando Ribeiro Gil
CASTELO BRANCO
Garagem Império, Urbano Nunes & F.os, Lda.
Stand Leopoldo
COVILHÃ
Auto Representações da Covilhã, Lda.
PROENÇA-A-NOVA
José Lourenço, Agência Comercial de Pneus
SERTÃ
José Lourenço, Agência Comercial de Pneus

DISTRITO DE COIMBRA
ARGANIL
Auto Mecânica Argus
CASTANHEDE
Ulisses Evangelista Domingues Terrível
COIMBRA
Carvalho & Sobrinho - Com. & Ind., SARL - Est. Velha
Pneulândia - Soc. Com. Pneus, Lda., Av. Brasil, 71-76
FIGUEIRA DA FOZ
Recauchutagem Jucar, Lda.
Vulcanizadora do Mondego, Lda.
LOUSÃ
Aníbal Antunes Bandeira
MIRA
Auto Mira, de Herdeiros de António Simões Borralho
PENACOVA
Armindo Marques Amaral
TENTÚGAL
Posto de S. João, de Cassiano Alves Bandeira
VENDAS DE GALIZES
Oficina Tical, de Tibério Cabral

DISTRITO DE ÉVORA
ÉVORA
Bernardino José de Mira
ESTREMOZ
Vitorino Marques Alves
MONTEMOR-O-NOVO
Vicente A. B. de Almeida Mendes
REDONDO
Faustino F. Gomes & Irmão, Lda.

DISTRITO DE FARO
ALBUFEIRA
Francisco Duarte Pacheco
FARO
Farauto, Lda.
LAGOS
Auto Mecânica Nautex de Lagos, Lda.
LOULÉ
Garagem Avenida
PORTIMÃO
Farauto, Lda.
S. BARTOLOMEU DE MESSINES
Mário Vargas Mogo
S. BRÁS DE ALPORTEL
Chaveca & Janeira, Lda.
TAVIRA
Humberto Santos Reis
VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
Auto Avenida Acessórios, Lda.

DISTRITO DA GUARDA
CELORICO DA BEIRA
A Renascente, de Patrício & Reis, Lda.
FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO
Luís Henrique Alves da Silva
GUARDA
Automóveis da Beira, Lda.
MANTEIGAS
Transporte de Manteigas, Lda.
MEDA
Auto Medense
PINHEL
Alfredo Amaro
VILA CORTEZ
Patrício & Reis, Lda.
VILA FRANCA DAS NAVES
João Luís da Costa Pena, Sucrs.
VILA NOVA DE FOZ CÔA
Estação de Serviço S. Jorge, de Jorge S. Afonso
VILAR FORMOSO
Romão & Faria, Lda.

DISTRITO DE LEIRIA
BOMBARRAL
Auto Alexandres
CALDAS DA RAINHA
António dos Santos
Auto Leiria, Lda.
CASTANHEIRA DE PERA
Jorge Gil de Oliveira Bebiano
FIGUEIRÓ DOS VINHOS
J. Machado, Lda.
LEIRIA
Auto Leiria, Lda.
Espul
Petroliz
MACEIRA
Arnaldo da Silva Tavares
NAZARÉ
Auto Nazaré
POMBAL
Vitor Manuel Arrais

DISTRITO DE LISBOA
ALHANDRA
Manuel Simões Cordeiro
CASCAIS
Henrique das Neves
CARREGADO
Recauchutagem Pinto Marques, Lda.
DAFUNDO
Auto Baterias da Cruz Quebrada, Lda.
LISBOA
António de Sousa Lobo Brandão
Auto Brasília
Auto Stop
Barbosa Júnior & Irmão, SARL
Carlos Ribeiro
Casa dos Pneus do Desterro
Casa Relvas
Garagem João Crisóstomo
José Carlos Figueiredo & Figueiredo, Lda.
J. Pereira & Rocha, Lda.
Matias & Almeida, Lda.
Mini-Motor
Mundo dos Pneus
Recauchutagem Triunfo
Tecnipneus
Vulcanização Auto Alegria
Vulcanizadora Brasil, Lda.
Vulcanização do Campo Pequeno
Vulcanização Imperial, Lda.
Utic
LOURES
Manuel Marques Simões Raso
MOSCAVIDE
Garagem Estrela da Avenida de Moscavide, Lda.
TORRES VEDRAS
Tecauto
VILA FRANCA DE XIRA
Ferreira & Mata, Lda.

DISTRITO DO PORTO
GONDOMAR
Gondomauto, Soc. Com. e Ind. de Automóveis, Lda.
MARCO DE CANAVESES
Recauchutagem Marcoense
José Augusto Pinto & F.os
MATOSINHOS
Trocol, Transportes de Óleos e Combustíveis, Lda.
PAREDES
José Pinto Meireles Ruão
PORTO
Afonso Themudo & Irmão - Av. Marechal G. Costa, 107
Armando Ferreira Coelho - R. Fernandes Tomás, 940
Artur Coelho - Rua Latino Coelho, 184
Feira dos Pneus, de Aurélio & Silva
Praça Dr. Teotónio Pereira, 28
Gama & Sousa Dias, Lda. — Rua do Amial, 1121
Garagem Central da Arrábida, Lda.
Rua do Campo Alegre, 620
Garagem 5 de Outubro — Rua 5 de Outubro, 596
Garagem Sá da Bandeira — Rua Sá da Bandeira
Garagem Sto. António — Rua da Maternidade, 163
J. Bernardino Ferreira, Lda. - Rua Alex. Herculano, 295
J. Costa Ramos — Rua Alexandre Herculano, 362
Joaquim de S. Marques - Passeio de S. Lázaro, 18-19
Pereira da Silva & Gonçalves — R. de S. André, 24-26
Prata Rádio, Lda. — Rua Formosa
Ripal — Rep. Interna de Peças e Acessórios
Rua Faria Guimarães, 883
Rui Crisóstomo — Rua da Alegria, 545-A
Vulcanização Alegria — Rua da Alegria, 26
PÓVOA DE VARZIM
M. Amorim Alves
RIO TINTO
Garagem Cavada Nova, Lda.
SANTO TIRSO
Garagem Machado
Representações Tego, Lda.
VALONGO
Auto Atlantic
VILA DO CONDE
António Lima Pacheco

DISTRITO DE PORTALEGRE
ALPALHÃO
Laurindo Mendes de Matos
ARRONCHES
Marcelino da Cruz Salgueiro
ELVAS
Antunes & Guerra, Lda.
NISA
Joaquim Louro Possidónio
PORTALEGRE
Rodrigues & Figueira, Lda.
SOUSEL
Auto da Boa Vista

DISTRITO DE SANTARÉM
ABRANTES
Auto Acessórios Central de Abrantes, Ld.
ALFERRAREDE
António Alves Pintado
ALPIARÇA
Alpial
CARTAXO
Recauchutagem Iva
CAXARIAS
Fametal - Fábrica Portuguesa de Estruturas Metálicas
CHAMUSCA
Manuel Rodrigues de Almeida
CORUCHE
Alpial
MINDE
Auto Mindrica, Lda.
SANTARÉM
Manuel da Costa Filipe
TOMAR
Aral - Agência de Rep. de Automóveis, Lda.
Recauchutagem Rodoviária
TORRES NOVAS
Garagem São Cristóvão
VILA NOVA DE OURÉM
José Lopes Alves

DISTRITO DE SETÚBAL
ALMADA
Auto Monumental de Almada, Lda.
CERCAL DO ALENTEJO
José Marques de Oliveira
GRÂNDOLA
Grandauto
SETÚBAL
Gesorauto

DISTRITO DE VIANA DO CASTELO
ARCOS DE VALDEVEZ
Alberto Alves Pereira
MONÇÃO
Garagem Gomes
PAREDES DE COURA
Empresa de Transportes Courense, Lda.
PONTE DE LIMA
Pneus Limiauto
António Fernandes Vilas Boas
VIANA DO CASTELO
Auto Vianense, Lda. (Garagem Zé Pequeno)
Cândido Feio (Bazar dos Caçadores)

DISTRITO DE VILA REAL
ALIJÓ
António Luís Magalhães & Irmão
CARRAZEDA DE MONTENEGRO
Morais & C.ª
CHAVES
Garagem Moderna
MESÃO FRIO
Joaquim Jacinto Portela
MONTALEGRE
F. B. Morais Caldas
MURÇA
Garagem São João
RÉGUA
Alexandrino Fernandes
José Augusto Rosas Queirós — (Posto Mobil)
PINHÃO
Eduardo Ramiro Lourenço
VALPAÇOS
Garagem Valpacense
VILA POUCA DE AGUIAR
Garagem Borges, de Baltasar Borges
VILA REAL
Francisco Maria Correia (Recauchutagem Renort)
Garagem São Cristóvão
Garagem São Pedro

DISTRITO DE VISEU
ARMAMAR
Celso Rogério Mariano d'Almeida
CASTRO D'AIRE
António Augusto Pinto de Oliveira
CINFÃES
Manuel Saraiva, Lda.
MORTÁGUA
Clotilde Lopes Simões
RESENDE
Garagem São Jorge
SANTA COMBA DÃO
Fábrica de Plásticos Fávir, Lda.
SÃO PEDRO DO SUL
Estação de Serviço São Pedro do Sul, Lda.
TABUAÇO
Alfredo Garcia Baisa
TONDELA
Germano de Sousa & F.os
VISEU
Eduardo Simões Duarte
Isis & Pereira, Lda. (Stand Viriato)
Recauchutagem União

Fapobol-Continental

o pneu da Europa nas estradas de Portugal

O ORÇAMENTO GERAL DO ESTADO PARA 1970

De acordo com os preceitos constitucionais, o Conselho de Ministros, presidido pelo Chefe do Estado, aprovou no dia 29 de Dezembro último o Orçamento Geral do Estado para 1970, apresentado pelo ministro das Finanças, documento que concretiza as bases gerais da chamada Lei de Meios — préviamente debatida e aprovada pela Assembleia Nacional.

Na introdução, o Governo afirma ter o Orçamento Geral do Estado obedecido «ao princípio básico do equilíbrio financeiro», facultando «a cobertura integral das despesas ordinárias pelas receitas da mesma natureza», prevendo-se mesmo um «considerável excedente de receitas ordinárias, que, juntamente com o produto da emissão de empréstimos e outras receitas extraordinárias, será utilizado no financiamento das despesas extraordinárias».

Espera que a receita ordinária continue a ultrapassar as previsões, de modo a tornar possível «continuar a financiar com receitas ordinárias uma parcela considerável das despesas extraordinárias, moderando o recurso á emissão de empréstimos».

E acentua a seguir:

«Este facto revela-se da maior importancia, atendendo á natureza dos encargos com a defesa, de particular projecção nas despesas públicas, mas dificilmente previsíveis, por neles se reflectirem as oscilações da conjuntura política internacional. Acresce que a situação da economia portuguesa impõe ao Governo, como premente objectivo, a aceleração do desenvolvimento socio-económico, mediante a intensificação dos investimentos publicos.»

O Orçamento Geral do Estado para 1970 pode sintetizar-se com os seguintes números:

	Milhares de contos	
Receitas ordinárias	22 033,2	
Despesas ordinárias	17 846,6	
Saldo		4 186,6
Receitas extraordinárias		6 765,6
		10 952,2
Despesas extraordinárias:		
a) Defesa e segurança	6 349,9	
b) III Plano de Fomento	4 372,3	
c) Outras	225,5	10 947,7
Superavit orçamental		+ 4,5

Depois da introdução, o diploma contém um capítulo em que são analisados os elementos conjunturais a considerar, afirmando-se a certa altura que «para o próximo ano o nosso país não pode contar com uma conjuntura económica externa tão favorável como a que se atravessou em 1969. As repercussões que daí podem resultar sobre o movimento das nossas exportações e sobre a actividade económica interna terão de ser consideradas com tanta maior atenção quanto é certo que não há sinais de que a economia nacional tenha colhido benefícios sensíveis com o excepcional progresso das trocas internacionais registado em 1969.»

Apesar destas perspectivas pouco tranquilizadoras, afirma-se mais adiante: «Há, no entanto, boas razões para considerar que o ano de 1969 apresentará uma taxa razoável de crescimento do produto nacional. Embora a quebra acentuada nalgumas produções agrícolas importantes tenha sido um factor negativo de grande peso, espera-se, em contrapartida, que a actividade industrial venha a evidenciar, principalmente no decurso dos ultimos meses, sinais significativos de fortalecimento do seu ritmo de expansão.»

Acentua-se, mais adiante, continuarem a evidenciar-se tendências de um «crescimento acelerado» dos níveis dos preços e dos salários e esperar-se um crescimento moderado e a ritmo mais lento do que seria de prever das exportações.

A receita ordinária aumentará 3 milhões e meio de contos (em relação a 1969)

No capítulo relativo á receita ordinária começa por dizer-se:

«As estimativas da receita ordinária para o ano económico de 1970 elevam-se a 22 033 200 contos, o que representa em relação a 1969 um aumento de 19,1 por cento, ou seja, em valor absoluto, 3 529 900 contos.

A variação apresenta-se particularmente acentuada. Mas ela não resulta nem das alterações a introduzir em 1970 nas receitas fiscais, que envolverão apenas um modesto aumento, nem do desenvolvimento natural das fontes de receita, em reflexo da expansão da actividade económica, que não se processou em ritmo que justifique tão avultada progressão. A causa determinante de tal aumento encontra-se fundamentalmente no abandono do critério até aqui seguido para a avaliação das receitas.»

E explica-se, depois, que no presente orçamento se estabelecem «avaliações mais ajustadas á realidade, eliminando parte do coeficiente de segurança, que a experiência mostrou constituir verdadeira reserva orçamental».

Progressão na despesa ordinária

No capítulo referente á despesa ordinária diz-se logo de entrada:

«Entra-se nos anos 70 com uma progressão na despesa ordinária orçamentada muito superior á tendência de expansão registada no decénio que finda, por efeito do volumoso encargo que o ajustamento dos vencimentos dos servidores do Estado projecta no novo Orçamento.»

Acentua-se, a certa altura: «Merece referência especial a subida de encargos no Ministério da Educação Nacional, que, só ele, absorve mais de metade de todos os aumentos, excluída a elevação nos encargos da dívida publica. Dá-se assim continuidade a uma tendência que desde há anos vem a revelar a atenção prioritária atribuída pelo Governo ao sector do ensino.»

Diz-se ainda neste capítulo que, nos departamentos militares, se observa igualmente a elevação de encargos, sendo 83 000 contos no Ministério do Exército e 71 100 contos no da Marinha.

Pódem citar-se como mais avultados, no Ministério do Exército, os aumentos nas rubricas de pessoal (14 200 contos); de alimentação, fardamento e calçado (42 250 contos); dos quais 19 200 contos destinados ás praças; de aquisições de móveis e de imóveis e sua conservação (10 400 contos); de tratamento hospitalar (3000 contos).

No Ministério da Marinha, anotam-se, por mais salientes, os acréscimos de 23 900 contos, exigidos pelos aumentos de quadros do pessoal da Armada e dos subsídios de embarque, subsídios de guarnição e gratificações de serviço nos submarinos; de 6500 contos em verbas de alimentação; o reforço de 9300 contos para construção de uma vedeta, reparações fora do Arsenal e sobressalentes, e de 10 500 contos para reorganização do Instituto Hidrográfico.

No Ministério do Interior o aumento verificado pertence, fundamentalmente, a melhoria de dotações da Polícia de Segurança Publica, Direcção-Geral de Segurança e Guarda Nacional Republicana.

Dez milhões de contos de despesa extraordinária

O Orçamento Geral do Estado, no capítulo respeitante á despesa extraordinária, especifica que o montante dos gastos de caráoter extraordinário inscrito no Orçamento Geral do Estado para 1970 atinge cerca de 10 950 milhares de contos, o qual traduz acréscimo de 909 400 contos, inferior ao previsto para o ano precedente, que era de 1367 milhares de contos. A progressão observada, da ordem dos 9 por cento, provém fundamentalmente das despesas com o III Plano de Fomento, em que o aumento atinge 851 000 contos, de acordo, aliás, com a orientação definida na Lei de Meios para o próximo ano, que aponta para o reforço da formação de capital.

No referente á despesa extraordinária com o III Plano de Fomento, esclarece-se no documento, a certa altura:

«É o sector da «Educação e investigação» um dos que absorve maior volume de recursos, com uma dotação de 869 300 contos, a mais elevada de sempre. As despesas extraordinárias a efectuar referem-se principalmente á construção de edifícios escolares em todos os ramos e respectivo apetrechamento inicial (473 000 contos), a cargo do Ministério das Obras Publicas e aos investimentos dependentes do Ministério da Educação Nacional (256 000 contos), em que avultam as verbas de 115 814 contos para reapetrechamento (material destinado aos estabelecimentos de ensino primário, secundário, médio e superior, bem como de investigação e de outros serviços), 105 619 contos, nomeadamente para recrutamento e formação de quadros docentes e de investigadores nos diversos ramos de ensino e para fomento da investigação e das actividades sociais dos estudantes e, finalmente, 34 587 contos para instalação e apetrechamento inicial. São ainda de mencionar as dotações relativas á formação profissional extra-escolar (25 415 contos) e á investigação não ligada ao ensino, quer no ambito do fomento industrial, mineiro, agrícola, pecuário, florestal e piscícola (47 273 contos), quer na construção civil (20 000 contos), quer ainda no campo da programação económica, da estatística, da energia nuclear e da meteorologia (30 300 contos).»

Prosseguirá o recurso á emissão de novos empréstimos por parte do Estado

O Orçamento Geral do Estado para 1970 termina com uma nota final, onde se diz:

«As previsões orçamentais apresentadas atrás mostram que durante o próximo ano continuarão a manter-se as exigências de recurso á emissão de novos empréstimos por parte do Estado. A utilização de fundos provenientes da dívida publica tem sido uma constante da política orçamental dos ultimos anos, mas sempre se tem procurado sujeitar essa utilização a um condicionalismo extremamente rigoroso.

E mais adiante:

«Em segundo lugar, tem-se mantido como um dos princípios básicos da política seguida que os recursos obtidos para o financiamento da acumulação de capital pelo sector privado tem permanecido em níveis amplamente suficientes. Muitas das dificuldades encontradas nesse financiamento têm a sua origem, sobretudo, em insuficiências do mercado de capitais que importa corrigir.

«Em segundo lugar, tem-se mantido como um dos princípios básicos da política seguida que os recursos obtidos mediante processos cuidadosamente definidos, por forma a evitar efeitos inflacionistas e a não prejudicar o nível dos investimentos privados necessários ao progresso económico; por outro lado, a utilização dos fundos assim obtidos tem de ser estritamente reservada ao financiamento de investimentos reprodutivos.

«O alargamento dos gastos correntes do Estado, mesmo daqueles que têm maiores repercussões positivas sobre as possibilidades de crescimento económico futuro, terá, portanto, de continuar a ser baseado no acréscimo das receitas correntes; e este terá de conseguir-se atingindo, preferentemente, os rendimentos destinados a consumos menos necessários e defendendo, na medida do possível, os consumos privados de maior essencialidade e as poupanças susceptíveis de aplicação em investimentos de reconhecido interesse económico e social.

«De qualquer modo, as despesas correntes do Estado terão sempre de apoiar-se no alargamento da base produtiva sobre que assentam as receitas fiscais que lhes servem de cobertura. E isso aponta, desde logo, á maior austeridade no consumo público, em favor do investimento, que terá de orientar a política orçamental para 1970.

«E áqueles que terão de executá-la se impõe o seu exacto entendimento.»

RECEITAS ORDINÁRIAS
(Milhares de contos)

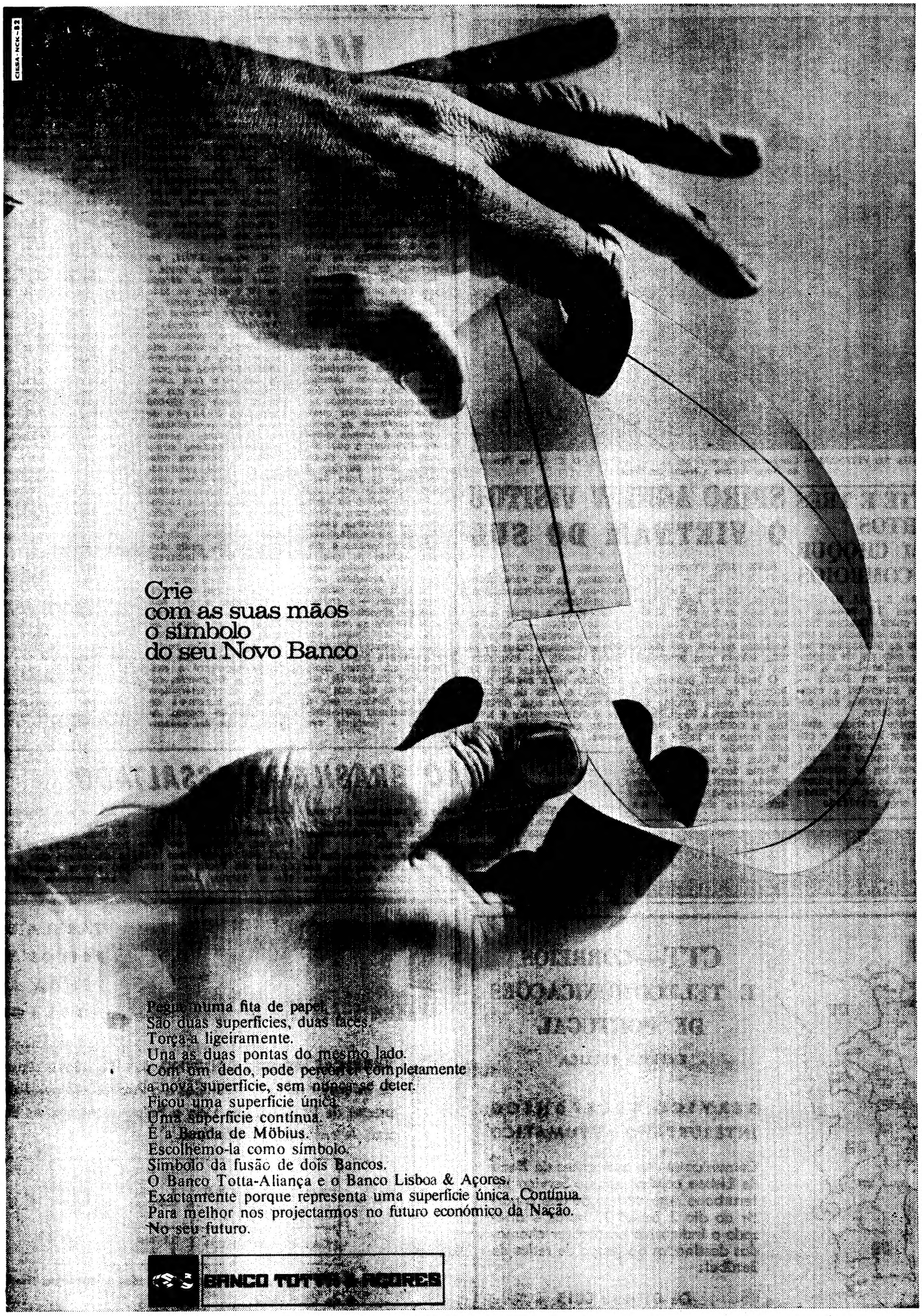
Capítulos	970	969	Diferenças
I) Impostos directos	6 463,6	5 290,5	+ 1 173,1
II) Impostos indirectos	8 647	7 011	+ 1 636
III) Industrias em regime uributário especial	1 340,3	1 100,1	+ 240,2
IV) Taxas	1 109,3	888,7	+ 220,6
V) Domínio privado...	1 241,1	1 029,1	+ 212
VI) Rendimentos de capitais	228,4	210,6	+ 17,8
VII) Reembolsos e reposições	1 496,9	1 440,7	+ 56,2
VIII) Consignações de receita	1 506,6	1 532,6	— 26
	22 033,2	18 503,3	+ 3 529,9

QUADRO DA EVOLUÇÃO DAS DESPESAS
(Milhares de contos)

Anos	Despesa ordinária (1)	Despesa extraordinária: Defesa segurança (2)	Despesa extraordinária: III Plano de Fomento (3)	Despesa extraordinária: Outros investimentos (4)	Despesa extraordinária: Total (5)	Percentagem (5):(1) (6)
1967	12 605,4	5 347	2 145,4	106,5	7 598,9	60,2
1968	13 663,6	5 613	2 920,9	137,4	8 671,3	63,4
1969	15 286,9	6 339,9	3 521,3	177,1	10 038,3	65,6
1970	17 846,6	6 349,9	4 372,3	225,5	10 947,7	61,3

DESPESAS ORDINÁRIAS
(Milhares de contos)

Ministérios ou departamentos	Orçamento 969	Orçamento 1970	Diferenças: Reajustamento de vencimentos	Diferenças: Despesas compensadas	Diferenças: Outros encargos	Diferenças: Total
Dívida publica	2 441,1	2 640,2	—	+ 63	+ 136,1	+ 199,1
Encargos Gerais da Nação:						
Presidência da Republica, Presidência do Conselho, Representação Nacional, Secretaria de Estado da Informação e Turismo, Defesa e Força Aérea ...	1 058,6	1 225,9	+ 91,9	+ 27,8	+ 47,6	+ 167,3
Tribunal de Contas, Junta do Crédito Publico e pensões	539,3	570,4	+ 4,1	—	+ 27	+ 31,1
Encargos próprios dos Ministérios:						
Finanças	956,7	1 154,7	+ 136,5	+ 6,5	+ 55	+ 198
Interior	790,3	930,1	+ 123,4	+ 0,7	+ 15,7	+ 139,8
Justiça	253,9	297,2	+ 38,3	—	+ 5	+ 43,3
Exército	1 374,7	1 581,5	+ 123,2	+ 0,6	+ 83	+ 206,8
Marinha	933,2	1 164,9	+ 120,4	+ 40,2	+ 71,1	+ 231,7
Negócios Estrangeiros	282,4	332,1	+ 9,9	—	+ 39,8	+ 49,7
Obras Publicas	902,1	880,4	+ 32,3	— 63,5	+ 9,5	— 21,7
Ultramar	102,6	114,2	+ 7,7	—	+ 3,9	+ 11,6
Educação Nacional	2 401,3	3 331,6	+ 488,2	— 14,5	+ 456,6	+ 930,3
Economia	560,9	657,5	+ 60,3	+ 16,2	+ 20,1	+ 96,6
Comunicações	1 588,8	1 721,4	+ 27,7	+ 88	+ 16,9	+ 132,6
Corporações e Previdência Social...	99,2	118,1	+ 9,4	+ 6,9	+ 2,6	+ 18,9
Saude e Assistência	1 001,8	1 126,4	+ 71,6	+ 0,3	+ 52,7	+ 124,6
	15 286,9	17 846,6	+ 1 344,9	+ 172,2	+ 1 042,6	+ 2 559,7


CIESA-NCK-82
Crie
com as suas mãos
o símbolo
do seu Novo Banco
Pegue numa fita de papel.
São duas superfícies, duas faces.
Torça-a ligeiramente.
Una as duas pontas do mesmo lado.
Com um dedo, pode percorrer completamente
a nova superfície, sem nunca se deter.
Ficou uma superfície única.
Uma superfície contínua.
É a Banda de Möbius.
Escolhemo-la como símbolo.
Símbolo da fusão de dois Bancos.
O Banco Totta-Aliança e o Banco Lisboa & Açores.
Exactamente porque representa uma superfície única. Contínua.
Para melhor nos projectarmos no futuro económico da Nação.
No seu futuro.
BANCO TOTTA & AÇORES

Actualidade internacional

TRÉGUA NO VIETNAM — Componentes da guarnição de uma bateria da D. C. A., no Vietnam do Norte durante a trégua do Natal

VINTE E TRÊS MORTOS NUM CHOQUE DE COMBOIOS

DACAR, 2 — (A. N. I.) — Morreram 23 pessoas e muitas outras ficaram feridas, devido ao facto de um comboio de passageiros ter colidido com um de mercadorias em Lam-Lam, a 100 quilómetros de Dacar — segundo anunciou a companhia senegalesa dos caminhos-de-ferro.

Dezassete pessoas tiveram morte imediata e outras seis morreram mais tarde no hospital de Thies, onde também se encontra hospitalizado grande número de feridos, incluindo muitos com gravidade.

SPIRO AGNEW VISITOU O VIETNAM DO SUL

BIEN HOA (Vietnam do Sul), 2 — (R.) — O vice-presidente dos Estados Unidos, Spiro Agnew, partiu hoje, ás 3 e 10 T. M. G., de avião de Bien Hoa após uma visita de 24 horas ao Vietnam do Sul, que incluiu uma estada sem precedentes em Saigão.

O jacto azul, prateado e branco do vice-presidente descolou desta grande base americana a 32 quilómetros a nordeste de Saigão com destino a Taipé, a terceira etapa da viagem de 24 dias de Agnew á Ásia.

Numa declaração de despedida escrita e entregue a correspondentes, o vice-presidente disse que as discussões que tivera no Vietnam do Sul «confirmaram-me a sabedoria da nossa política».

«Estamos a seguir o caminho certo» — afirmou.

O vice-presidente abandonou o Vietnam cerca de 24 horas depois de interromper a sua viagem para as Filipinas para seguir para Saigão, a fim de travar conversações com dirigentes governamentais e avistar-se com tropas americanas.

NOTA INTERNACIONAL

VIETNAM-70

Vietnamização — eis a palavra mágica e provávelmente uma das mais gratas aos que abundantemente a empregam nos discursos, comunicados e esclarecimentos autenticados com o selo da Casa Branca. No vocabulário nixoniano ela significa a cura do cancro vietnamita, que, repare-se, só se declarou quando a grande industria norte-americana se viu perante as pressões inflacionistas provocadas por uma política económica dirigida essencialmente no sentido da produção de material indispensável á guerra.

Mas as regras da democracia dos E.U.A. exigem que a prossecução dos objectivos ditados pela força (unica) dos interesses económicos seja mistificada por qualquer arremedo de apoio popular. A grande maioria silenciosa, á qual Nixon vai buscar esse apoio, tinha aderido á iniciativa de John Kennedy quando este, em nome da defesa da liberdade, enviou para o Vietnam as primeiras unidades de «conselheiros». Não resta mesmo a menor duvida de que o americano médio, conformista, satisfeito com a vida e pouco dado a especulações — a grande maioria silenciosa — estará sempre ao lado dos seus presidentes, aos quais, democráticamente, ritualmente, dispensa, de quatro em quatro anos, os seus milhões de votos. Talvez não seja inoportuno lembrar que a independência norte-americana e portanto um dos episódios mais relevantes da sua História, se radica no papel desempenhado não por uma maioria mas precisamente por uma minoria: aquela que, correspondendo sensivelmente a uma terça parte da população das treze colónias, se mostrou decididamente favorável ao corte dos laços com a Inglaterra.

O século XVIII, porém, vai muito longe e neste limiar da década de 70 é acima de tudo necessário assegurar a vocação mundial da América. Em relação á parte mais conturbada do Sucste Asiático está programada a vietnamização: Retirada do grosso dos GI's (em Abril terão regressado aos E. U. A. cerca de 110 000 soldados), criação de uma força sul-vietnamita que tanto quanto possível funcione como testa de ferro em relação ao Norte, continuação do apoio aéreo americano, enquadramento da população em unidades para-urbanas fácilmente controláveis por administrações policiais e, como não podia deixar de ser, o indispensável auxílio em dólares aos homens de Saigão.

São patentes os condicionalismos a que está sujeito um tal programa. Logo se vê, antes de mais, que a vietnamização não significa pacificação e muito pelo contrário implicará a contensão e de guerra, cujas novas características derivarão apenas da tinuação do estado de facto de um dos contendores mudar de fisionomia. Evidentemente que ninguém garante (a não ser talvez os computadores do Pentágono) que o Exército sul-vietnamita substitua com êxito as tropas norte-americanas. Refira-se a este respeito um passo muito significativo de um recente artigo de Jean-Claude Pomonti, correspondente do «Monde» no Vietnam: «O Governo sul-vietnamita não é rico e cada batalhão recebe somas irrisórias para alimentar os seus homens. Os soldos insuficientes determinam o desinteresse dos militares e contribuem para alimentar a corrupção entre os oficiais. Os recrutamentos, muito numerosos, raramente se traduzem em bons combatentes e quando estes atingem 30 por cento no seio de uma unidade logo se faz sentir um aumento de eficiência. Com a participação mais activa dos governamentais na guerra, as deserções tendem a multiplicar-se. Em 1969, o numero de desertores atingiu, segundo uma fonte autorizada, 130 000».

Então porquê a vietnamização? Esta não poderá pôr em risco a supremacia norte-americana no Sueste Asiático? A natureza agressiva do imperialismo não é compatível com a lógica dos processos e, no caso dos E. U. A., a crença ilimitada no poder da força pressupõe eventuais malogros de programas tais como a famigerada vietnamização. — PC.

AVIÃO BRASILEIRO ASSALTADO

BUENOS AIRES, 2 — Um avião comercial brasileiro, com 28 pessoas a bordo, foi assaltado a noite passada nos ares pouco depois de descolar de Montevideu, no Uruguai.

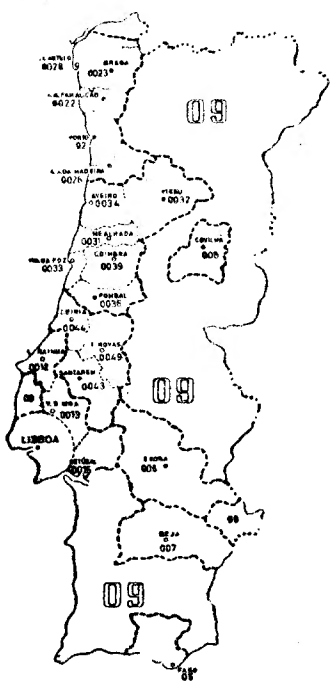
O avião, um jacto Caravelle da companhia Cruzeiro do Sul, aterrou nesta capital para se reabastecer de carburante.

Dezenas de aviões têm sido assaltados nos ares nos últimos meses na América Latina e desviados para Cuba.

O jacto descolara de Montevideu, a capital do Uruguai, situada do outro lado do rio da Prata em relação a Buenos Aires.

Não havia qualquer informação acerca do destino final do jacto, embora fontes afectas ao aeroporto dissessem que o aparelho estava aparentemente a ser desviado para Cuba.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO



CTT — CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

EMPRESA PÚBLICA

SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO

Comunica-se aos assinantes da **Zona de Lisboa** com acesso ao Serviço Interurbano Automático de que a partir do dia 2 às 24.00 horas é alterado o indicativo para obter chamadas destinadas ao grupo de redes de Setúbal:

De **01** para **0015**

PLATEX

TABELA DE PREÇOS DE VENDA AO PÚBLICO

PLACAS DE FIBRAS DE MADEIRA

FÁBRICAS MENDES GODINHO, S.A.R.L. têm o prazer de informar os Ex.mos Técnicos e o Público em geral dos preços de **PLATEX** em todo o País nos Armazéns dos seus Agentes e Revendedores.

PLATEX DURO	2,5 mm	12$50 m2
	3,2 mm	13$50 m2
	5 mm	17$50 m2
	6.35 mm	23$00 m2
	8 mm	28$00 m2
PLATEX PERFURADO	3,2 mm	18$50 m2
	8 mm	37$00 m2

Nota: Nestes preços estão já incluídos todos os encargos fiscais e de ditribuição.

UM ALMIRANTE ISRAELITA DEIXARÁ PARIS A PEDIDO DA FRANÇA

PARIS, 2 — (R.) - Espera-se que o almirante Mordechai Limon, o principal agente de compra de armas de Israel na Europa, parta desta capital para Tel-Aviv, dentro de uma ou duas semanas.

O Governo francês pediu a sua chamada como parte das sanções tomadas por causa do caso das vedetas.

O embaixador israelita Walter Eytan foi chamado ontem ao ministério francês dos Negócios Estrangeiros e informado oficialmente da decisão do Governo.

Um informador da embaixada israelita comunicou posteriormente que o anttigo comandante do famoso navio de refugiados judeus «Exodus», partiria de qualquer modo de Paris nos próximos meses, para ocupar um novo cargo em Tel-Aviv.

A chamada do almirante Limon, colocado oficialmenmente em França, desde 1962, como conselheiro da embaixada, não se esperava que tivesse qualquer efeito nas relações diplomáticas entre a França e Israel pois, embora, membro do pessoal da embaixada, o almirante não ocupava qualquer alto cargo diplomático.

Contudo, a continuação da frieza nas relações franco-israelitas, que aumentou desde que o general de Gaulle impos um embargo de armas a Israel em 5 de Junho de 1967, foi sublinhada ontem durante a tradicional recepção do Ano Novo na presidência ao corpo diplomático.

Eytan, o decano do corpo diplomático, foi a primeira individualidade cumprimentada pelo presidente Pompidou, no palácio do Eliseu. Contudo, o chefe de Estado não conversou com o diplomata, de cabelos brancos, limitando-se a trocar com ele um aperto de mão. depois, prosseguiu cumprimentado os outros embaixadores, conversando e sorrindo com cada um deles.

Além de pedir a retirada do almirante Limon, o Governo francês, suspendeu dois generais pela sua participação no caso.

SORAYA e Franco Indovina, o realizador cinematográfico italiano que ultimamente mais tem sido visto na companhia da ex-imperatriz da Pérsia. Indovina dirigiu as «Três Faces de uma Mulher», primeiro filme em que Soraya participou. A ideia do casamento não parece posta de parte, embora a sua concretização dependa do divórcio de Indovina

Nove anos de luta no Vietnam

SAIGAO, 2 — (R) — O numero de norte-americanos mortos no Vietnam, ao fim de nove anos de luta, ultrapassou os 40 000, anunciou ontem um informador militar.

O numero de comunistas mortos atinge 586 543.

NASSER (EM CARTUM) PROMETE LANÇAR UM MILHÃO DE HOMENS CONTRA ISRAEL

CARTUM, 2 — (R.) — O presidente Nasser termina hoje a sua visita ao Sudão, onde a sua promessa de lançar um milhão de combatentes árabes na «batalha da libertação» contra Israel, provocou bramidos de aprovação num comício de massas que se realizou nesta cidade.

O presidente regressará ao Cairo após conversações privadas com o seu anfitrião major-general Jafaar El-Nimeiry, presidente do Conselho Revolucionário sudanês, sobre acção conjunta para recuperar territórios árabes ocupados por Israel.

Empunhando uma metralhadora ligeira que lhe foi oferecida durante o comício, o presidente Nasser declarou a noite passada a 60 000 árabes, que o aclamavam loucamente: «Desdobramos 500 000 homens na frente de batalha e estamos a formar um Exército de um milhão de homens.

Rejeitou as últimas propostas de paz americanas para o Médio Oriente e atacou os americanos por fornecerem a Israel caças Phantom e outras armas.

Descreveu as propostas americanas como «planos suspeitos destinados a dividir os Estados arabes, sugerindo acordos separados entre os países da frente de combate e Israel.

Desmentido israelita

TEL-AVIV, 2 — Comentando a notícia publicada no jornal «Al Akhbar», do Cairo, segundo a qual um barco de guerra egípcio teria afundado o submarino israelita «Dakar» há quase dois anos, um informador militar afirmou, em Tel-Aviv, que «não há provas concludentes para uma afirmação desse género».

Salientando que a notícia não deve passar de «propaganda», fez notar que «os egípcios guardaram silêncio durante dois anos» e lembrou que «fazem habitualmente declarações falsas para estimular o público árabe».

ACUSAÇÃO

AMMAN, 2 — (A. N. I.) — Um informador da organização de guerrilheiros Al Fatah apresentou hoje nova acusação contra as tropas israelitas: a utilização de gases tóxicos contra as guerrilhas, que lançaram onze ataques, em quatro horas, no sul do vale do Jordão, na zona da ponte do rei Hussein.

SERVIÇO TELEFÓNICO DE POESIA

CARDIFF, 2 — (R.) — Um serviço telefónico de poesia, o primeiro do seu género na Grã-Bretanha, começará a funcionar nesta cidade galesa no próximo mês, segundo foi revelado hoje.

Todas as semanas, 24 horas por dia, assinantes poderão ouvir um poeta diferente lendo a sua obra. Para isso, basta discar um numero.

O Conselho Galês de Artes, que patrocina o serviço para tornar popular a poesia do País de Gales, vai gastar 400 libras (28 contos) para o organizar e espera conseguir cerca de 300 assinantes todas as semanas.

DIREITOS IGUAIS PARA PORTUGUESES E BRASILEIROS — EM PROJECTO

RIO DE JANEIRO, 2 — (R.) — O ministro da Justiça Alfredo Buzaid vai promulgar uma lei em 1970 que dará aos residentes portugueses direitos iguais aos brasileiros.

O «Jornal Brasil» afirma que a comissão de juristas encarregada de redigir uma emenda ao artigo 199 da Constituição apresentará os seus trabalhos ao ministro no próximo mês. O projecto será depois estudado por uma outra comissão hierárquicamente superior.

O ministro tenciona elaborar uma lei que possa ser apresentada ao Congresso brasileiro e á assembleia Nacional portuguesa.

PORTUGUÊS EXPULSO

BRASÍLIA, 2 — (A. N. I.) — O presidente da República assinou um decreto expulsando do território brasileiro Manuel Joaquim Gonçalves Teixeira, de nacionalidade portuguesa, natural de Seidões, Portugal, e residente em São Paulo. Informa o ministério da Justiça que Manuel Teixeira tem cadastro, com vários delitos, nomeadamente roubo e burla.

FIM DA EFTA?

(Continuação da 1.ª página)

fora do Mercado Comum como também da EFTA, disse o ministro numa entrevista que concedeu em Oslo.

Os países membros da EFTA são Portugal, a Grã-Bretanha, a Áustria, Dinamarca, a Noruega, a Suécia e a Suiça.

O DELEGADO RUSSO VOLTA A PEQUIM

MOSCOVO, 2 — (R.) — Os dois gigantes do mundo comunista, ideológicametne em litígio, a União Soviética e a China, recomeçarão provávelmente em breve negociações secretas para estabelecer a paz nas suas inquietas fronteiras conjuntas, mas sendo incertas as perspectivas.

O subsecretário soviético dos Negócios Estrangeiros, Vasily Kuznetsov, que regressara há cerca de três semanas do seu país, vindo de Pequim, partiu de Moscovo de avião para a capital chinesa, segundo foi comunicado a noite passada.

De acordo com observadores desta capital, Kuznetsov levou consigo novas instruções que revelarão rápidamente se as conversações têm alguma possibilidade de êxito.

Kuznetsov chefiou uma delegação soviética de oito membros nas primeiras oito semanas do que foi anunciado em Moscovo terem sido conversações grandemente infrutíferas. Regressou inesperadamente de avião a Moscovo em 14 de Dezembro juntamente com o chefe adjunto da delegação, major-general Vadim Matrosov, chefe do estado-maior das tropas soviéticas na fronteira

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

LÍNGUAS

NOVOS CURSOS EM JANEIRO

CENTRAL SCHOOL OF LANGUAGES
INTERNATIONAL HOUSE

HORÁRIO:
DAS
09.00 às 22.00 h.

R. MARQUÊS SÁ DA BANDEIRA, 16 — Tels. 51496-534054-534052

Maria Teresa Trigoso Moreira da Cruz

Sebastião José Bastos Moreira da Cruz

MISSA DO 7.º DIA

Suas famílias rogam uma oração por suas almas na Igreja de S. João de Brito, sábado 3, ás 10 e meia.
Agradecem

Em VENDAS NOVAS o «DIÁRIO DE LISBOA», encontra-se á venda na PAPELARIA SIMÕES, de Ramalho & Madruga — Praça da Republica, 72.

«SOCIEDADE BOA UNIÃO»: CEM ANOS AO SERVIÇO DO POVO DE ALFAMA

Há cem anos nascia em Alfama a Sociedade Boa União. Agremiação de marítimos e operários, profundamente enraizada na psicologia popular daquele bairro, a colectividade nunca perdeu, até hoje, as características que fazem dela um dos exemplos de permanência do espírito colectivo que tão grande importancia revestiu no fim do século passado e no início deste século — e que, progressivamente, foi perdendo o seu fulgor e o seu sentido.

Para comemorar o seu centenário organizou a Sociedade Boa União um cuidado e digno programa de festas, á altura do significado da efeméride. A primeira das manifestações desse programa decorreu ontem, na sede da velha associação e no meio de verdadeiro júbilo popular.

Ás 9 horas da manhã a banda de música de Santa Cruz Correia começou a percorrer as ruas de Alfama, visitando as colectividades do bairro e enchendo as estreitas veias de alegria e vivacidade.

À tarde, ás 16 horas, concentraram-se no Largo do Chafariz de Dentro dirigentes e sócios da colectividade, que ali receberam o presidente e vice-presidente da Camara, general França Borges e sr. Aníbal David, que foram recebidos pela banda de música. O presidente da Camara e as individualidades que o acompanharam fizeram depois, a pé, o curto trajecto para o Beco das Cruzes, onde se situa a sede da «Boa União» e aí, no magnífico salão de festas, o general França Borges presidiu á primeira cerimónia comemorativa do centenário da colectividade.

Encontravam-se presentes além do presidente e do vice-presidente da edilidade, o presidente das Colectividades de Cultura e Recreio, representantes da Federação Portuguesa de Ginástica, representantes de várias colectividades recreativas, a comissão organizadora das comemorações do centenário, direcção da sociedade, o filho do construtor civil Diamantino Tojal — benemérito da «Boa União» — e muitos associados.

O general França Borges descerrou duas lápidas uma alusiva á sua visita outra relativa aos que ao longo de 100 anos têm trabalhado na velha sociedade de Alfama. Ao presidente e vice-presidente da Camara foram entregues medalhões comemorativos do centenário da sé-cie mandada cunhar especialmente.

Durante a sessão usaram da palavra vários oradores, entre os quais o general França Borges, o presidente da Federação das Colectividades de Cultura e Recreio, o presidente da assembleia geral da Sociedade, sr. Fernando Garcia, o dirigente Carmelindo Nunes etc.

Ainda este mês se cumprirão outras manifestações do programa comemorativo, que se estenderá até ao fim do ano.

O PROBLEMA CRIADO PELOS NOVOS HORÁRIOS DA «LINHA»

ALMOÇO EM LISBOA QUASE OBRIGATÓRIO

PARA OS MORADORES EM PAREDE E CARCAVELOS

Esta manhã, durante um curto período de tempo, a Sociedade Estoril pôs em distribuição uns impressos com o novo horário da linha Lisboa-Cascais-Lisboa. Às 9 horas já nenhuma bilheteira do Cais do Sodré dispunha de qualquer horário, esperando-se (disse-nos um bilheteiro) *«que venha ainda hoje um reforço, já que a procura foi maior do que se calculava»*.

Mais um aviso...

A partir de ontem, a Sociedade Estoril afixou nas suas estações um aviso onde se lê:

«A 1 do corrente entram em vigor novas tarifas que estipulam:

Passageiros sem bilhete ou com bilhete sem validade — Pagam o preço da Tarifa Geral acrescido de 20%.

Excesso de percurso feito com aviso prévio ao revisor — Os passageiros pagam só a diferença da Tarifa Especial número 1 (sem sobretaxa e sem sujeição a mínimos de cobrança).

Excesso de percurso feito sem aviso prévio — Os passageiros pagam a diferença em relação á Tarifa Geral acrescida de 20%.

Mudança de classe (no caso de aquisição de bilhete antes da mudança) — Os passageiros pagam só a diferença da Tarifa Especial número 1 (sem sobretaxa e sem mínimos de cobrança).

Mudança de classe com bilhete adquirido já na classe superior — Os passageiros pagam a diferença pela Tarifa Geral acrescida de 20%.

As cobranças calculadas pela Tarifa Geral são arredondadas para os múltiplos de 50 centavos imediatamente superiores e com o mínimo de Esc. 5$00.

As assinaturas anuais adquiridas mensalmente custam mais 20% do que adquiridas de uma só vez.

Adeus Almoço!

Os problemas para os passageiros residentes em Carcavelos ou Parede são difíceis de resolver. Quem morar em locais servidos por estas duas estações e tiver como tempo para refeição (o período compreendido entre as 12 e as 14 horas, dificilmente poderá ir a sua casa almoçar. Vejamos porquê:

Nesse espaço de tempo, o primeiro comboio que sai do Cais do Sodré tem como hora de partida as 12 e 5, o que torna absolutamente inviável a hipótese de ser «apanhado» por pessoas que saiam dos empregos ao meio-dia.

A partir daí, saem os seguintes comboios: ás 12 e 10 (servindo exclusivamente Alcântara, Algés, Oeiras, S. Pedro e estações seguintes); ás 12 e 12 (Cruz Quebrada, Caxias, Paço de Arcos, Santo Amaro e Oeiras); e ás 12 e 15 (Santos, Alcântara, Belém, Pedrouços e Algés). Finalmente, o que parte do Cais do Sodré ás 12 e 20, passa em Algés e Oeiras, atingindo Carcavelos (ás 12 e 39) e a Parede (ás 12 e 42) terminando a marcha em S. Pedro.

Depois, o outro comboio que serve Carcavelos e Parede sai de Lisboa ás 12 e 42, passando naquelas estações ás 13 e 1 e 13 e 4, respectivamente, o que já torna praticamente impossível aos seus passageiros irem a casa almoçar e terem tempo de apanhar os dois únicos comboios que «tocam» Parede e Carcavelos de molde a alcançarem Lisboa antes das 14 horas. Referimo-nos aos que chegam a Lisboa ás 13 e 29 (passam em Parede ás 13 e 6 e em Carcavelos ás 13 e 9) ou ás 13 e 51 (depois de passarem em Parede ás 13 e 28 e em Carcavelos ás 13 e 31). Evidentemente que todos estes horários ainda estão sujeitos a atrasos, tão frequentes na linha explorada pela Sociedade Estoril.

Destes factos se infere que, quem residir em Parede ou Carcavelos, é obrigado a despedir-se do almoço em casa.

*

E as novas tarifas? Começaram ontem a vigorar, mas *«a troca das assinaturas está a processar-se em ritmo muito lento»* — informaram-nos nas bilheteiras do Cais do Sodré, quase deserta ao longo da manhã de hoje.

Reunião em Carcavelos

Tal como já noticiámos, efectua-se esta noite ás 21 e 30, na Junta de Freguesia de Carcavelos, uma reunião para se apreciar e aprovar um comunicado-exposição sobre os novos horários e o aumento de preços na linha ferroviária Lisboa-Cascais.

Esse comunicado foi preparado por uma comissão composta pelos srs. Luís Bivar Guerra, António Henrique Maia Viseu Pinheiro, Francisco José Freire Themudo, Santiago de Carvalho e José Vitória Justo. Após a sua redacção definitiva, será enviado ao sr. Presidente do Conselho e ministro das Comunicações.

«O Século Ilustrado»

Celebrou o seu 33.º aniversário o nosso prezado colega «O Século Ilustrado», semanário de actualidades de larga expansão, editado pelo nosso prezado colega «O Século».

Ao director, o jornalista dr. Francisco Mata e aos seus colaboradores as nossas saudações cordiais.

CAIU DA MOTORETA

Na Ponte de Frielas, apareceu caído e inanimado junto da sua motoreta, o sr. Albino de Oliveira e Silva, de 38 anos, natural de Estarreja, cuja morada se ignora. Conduzido ao Hospital de Santa Maria, chegou ali já morto, pelo que o cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

CINECLUBE DE SANTARÉM

SANTARÉM, 2 — O Cineclube local leva a efeito amanhã, ás 21 e 30, na sede da Associação Académica, um colóquio orientado pelo eng.º agr. Blasco Hugo Fernandes, subordinado ao tema «Reforma Agrária».

O seu livro «Para uma Reforma Agrária em Portugal» irá ser objecto de análise e debate no colóquio.

O Chefe do Estado, o Presidente do Conselho e o cardeal-patriarca no Palácio de Belém

CUMPRIMENTOS DE ANO AO PRESIDENTE DA REP

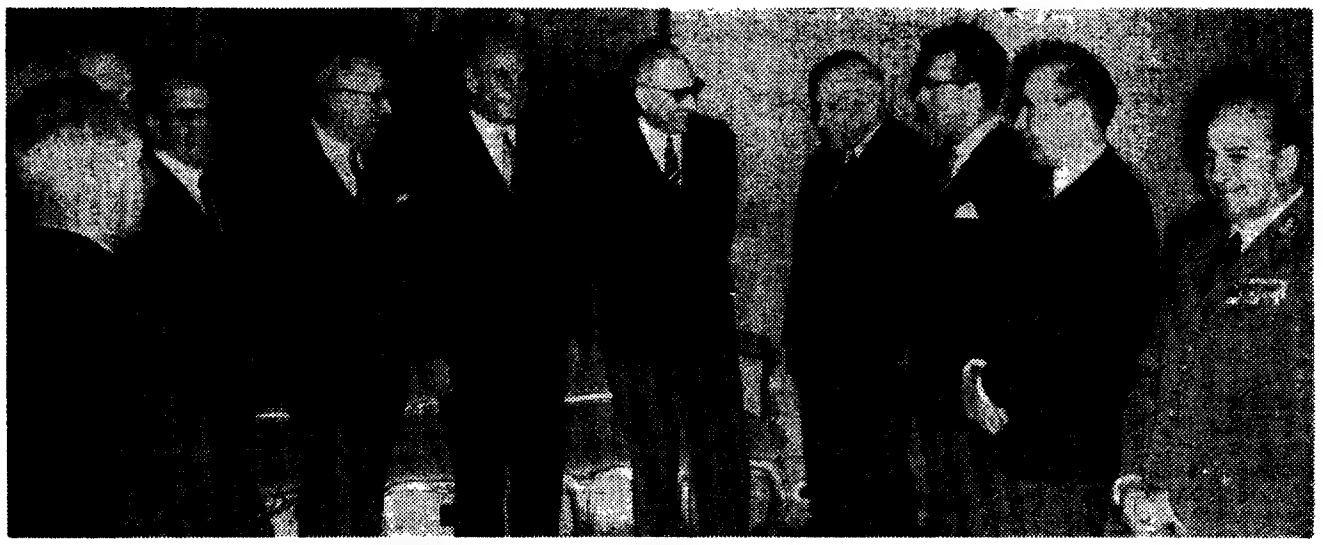
Os presidentes dos órgãos de soberania e outras destacadas individualidades estiveram ontem, dia de Ano Novo, no Palácio Nacional de Belém a apresentar cumprimentos ao Chefe do Estado. Pouco depois das 11 horas, chegou ali o sr. Cardeal-Patriarca, que foi recebido pelos componentes da Casa Militar do Chefe do Estado, seguindo para o gabinete do Presidente, onde se manteve durante trinta minutos, conversando com o supremo magistrado da Nação.

Quando o sr. almirante Américo Thomaz acompanhou o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira até á porta da sala do Conselho, que comunica para a sala Luís XV, já ali se encontrava o sr. prof. dr. Marcello Caetano, havendo uma breve troca de cumprimentos entre o sr. Cardeal-Patriarca e o Chefe do Governo.

Momentos depois os srs. almirante Américo Thomaz e prof. dr. Marcello Caetano entraram para a sala do Conselho de Estado, onde se mantiveram até cerca das 13 horas.

Entretanto, chegaram ao Palácio de Belém, entrando pela sala das Bicas, os srs. dr. José Osório, presidente do Supremo Tribunal de Justiça; eng.º Amaral Neto, presidente da Assembleia Nacional; dr. Luís Supico Pinto, presidente da Câmara Corporativa, e general França Borges. Depois de recebidos pelos componentes das Casas Militar e Civil do Chefe do Estado, srs. general Humberto Pais, comandante Guilherme Tomás, tenente-coronel Coutinho Libano Monteiro, major Rui Pereira Coutinho e dr. Luís Pereira Coutinho — deram entrada na sala do Conselho, onde se mantiveram cerca de trinta minutos na companhia dos srs. Presidentes da República e do Conselho.

As 12 horas, os representantes das Forças Armadas, que entretanto se tinham reunido na sala dos Retratos, entraram na sala do Conselho para apresentarem cumprimentos ao Chefe do Estado, facto que pela segunda vez ocorre. Acompanhou o sr. almirante Américo Thomaz o sr. prof. dr. Marcello Caetano, que também saudou os componentes da referida representação, constituída pelos ministros da Defesa, do Exército e da Marinha, secretário de Estado da Aeronáutica, subsecretário de Estado do Exército e



Os srs. Presidentes da República e do Conselho rodeados pelos ministros e representantes das Forças Armadas, durante as cerimónias de cumprimentos ao Chefe do Estado no Palácio de S. Bento

triarca trocando impressões

ANO NOVO REPÚBLICA

pelos chefes dos Estados-Maiores general das Forças Armadas, do Exército, da Armada e da Força Aérea.

O Chefe do Estado esteve reunido durante cerca de vinte minutos com aquelas individualidades.

Cerca das 13 horas, o sr. prof. dr. Marcello Caetano abandonou o Palácio de Belém, na companhia do seu chefe de gabinete. Antes, despediu-se dos componentes das Casas Militar e Civil do Chefe do Estado e dos jornalistas presentes. Mais tarde o sr. almirante Américo Thomaz recebeu, também na sala do Conselho, o sr. general Santos Costa que, em nome dos chanceleres das Ordens honoríficas, lhe apresentou cumprimentos.

A última audiência foi concedida aos jornalistas e operadores da T. V., em serviço no Palácio Nacional de Belém. Saudou então o Chefe do Estado o novo camarada na Imprensa, sr. Armando de Almeida. Ao agradecer, o sr. almirante Américo Thomaz formulou votos para que o presente ano seja melhor para os jornalistas e satisfeitas as suas aspirações.

Durante a manhã e tarde de ontem passaram pelo Palácio de Belém, a deixar cartões de cumprimentos ao Chefe do Estado, chefes das representações diplomáticas estrangeiras em Lisboa, altas magistraturas, personalidades de relevo na vida nacional e outras entidades.

Foram, também, recebidos no Palácio de Belém telegramas de saudações de Chefes de Estado de vários países.

★

Pouco depois do meio-dia, o sr. general Humberto Pais, chefe da Casa Militar do sr. Presidente da República, esteve no Patriarcado, para, em nome do sr. almirante Américo Thomaz, retribuir os cumprimentos que o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira apresentara, pouco antes, no Palácio Nacional de Belém, ao Chefe do Estado.

Uma brasileira de S. Paulo e uma francesa de Lyon —primeiras turistas de 1970

O comandante João Stepanski foi o primeiro piloto a descer no Aeroporto da Portela em 1970. A aterragem verificou-se 20 minutos depois da meia-noite. O avião, um «Boeing» da Varig, era já esperado, pois sairá de Paris pouco depois das 22 horas, em voo para o Rio de Janeiro, com escala por Lisboa. No momento exacto da passagem do ano, o «Boeing» comandado pelo brasileiro João Stepanski sobrevoava o santuário de Fátima.

No mesmo avião, viajavam os primeiros turistas da década de 70, já que, àquela hora, só a fronteira aérea se encontrava aberta. Como nos anos anteriores, a Direcção-Geral de Turismo comemorou simbolicamente a entrada daqueles turistas, dos quais foram seleccionados dois, desde logo hóspedes da mesma Direcção-Geral, durante a sua permanência no nosso País. A escolha recaiu na brasileira Clara Maria Weber, de 35 anos, natural de Rio Pardo, Estado do Rio Grande do Sul e na jovem francesa Jacqueline Robin, de 25 anos, natural de Lyon.

Surpreendidas pelos «flashes» dos fotógrafos e da Televisão, nenhuma delas sabia o que tinha acontecido. Mas era fácil: Clara e Jacqueline eram as primeiras turistas entradas em Portugal em 1970, motivo por que passavam a ser hóspedes da Direcção-Geral de Turismo. O convite foi-lhes dirigido pelo dr. Alvaro de Sousa, em nome do director-geral do Turismo, enquanto duas simpáticas funcionárias daquele departamento oficial, devidamente uniformizadas, faziam a entrega a Clara e Jacqueline de lindos ramos de flores naturais e duas artísticas caravelas em filigrana.

Além do dr. Alvaro de Sousa, estiveram ainda presentes no aeroporto os srs. Nuno Xara Brasil, da Varig, e Sales Henriques, da Direcção-Geral de Turismo.

Clara Weber é casada, tem três filhos e vive em São Paulo. Fora a Paris encontrar-se com o marido e resolveu passar uns dias em Lisboa antes de regressar ao seu país. Jacqueline Robin é secretária de administração em Lyon, para onde regressa no domingo. Já visitou Portugal algumas vezes, mas o conhecimento que já tem do nosso País não impediu que ficasse muito surpreendida com a recepção.

Lembranças para as duas primeiras turistas entradas em Portugal no ano de 1970

RECEPÇÃO NO PATRIARCADO

Para comemorar a entrada do novo ano, o sr. cardeal-patriarca de Lisboa deu ontem recepção no Paço do Campo de Santana. A cerimónia decorreu na sala do trono, onde as individualidades visitantes foram introduzidas pelo beneficiado José Maria Rodrigues e padre João Rocha, respectivamente, secretário famulo do sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Também esteve presente o sr. rev.º cónego D. João de Castro, pró-vigário geral do Patriarcado.

O eminente purpurado começou a receber as primeiras individualidades ás 15 prolongando-se a recepção até ás 18 horas. Estiveram no Paço Patriarcal ou enviaram cartões de cumprimentos, entre outras individualidades, os srs. presidente da Assembleia Nacional, ministros do Estado, do Ultramar e da Saude e Assistência; subsecretários de Estado das Obras Publicas e da Juventude e Desportos; profs. drs. António Vieira Forjaz, Lopes de Andrade, Fernando Carvalho Barreira e eng.º André Navarro; generais Monteiro do Amaral, Campos Andrada e Camara Pina; governador civil do distrito de Lisboa; presidente da Camara Municipal de Lisboa; tenente-coronel Salvação Barreto, eng.os Arantes e Oliveira, Nazareth de Oliveira, Sá e Melo, Branco Cabral, João Leite Castro, José Tomás Oom, Alberto Pinto Basto e Espregueira Mendes; drs. Pinto Ferreira, Henrique Martins de Carvalho, José Rodrigues de Matos e Manuel José de Abreu Faria; condes das Alcáçovas, visconde de Balsemão, António Marques Pinto, José Filipe Neto Rebelo, Alberto Ferreira Pinto, Pedro e Luís Azevedo Coutinho.

Estiveram também no Patriarcado membros da comissão executiva da União Nacional, a direcção da Obra das Mães pela Educação Nacional, o Conselho Superior de Portugal da Sociedade de S. Vicente de Paulo, a direcção-geral da Liga Agrária Católica, a direcção nacional do Apostolado do Mar, a direcção da Universidade Católica, etc.

Como habitualmente, as famílias mais numerosas foram recebidas em audiências individuais.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

A NEVE NO NORTE DO PAÍS

Não se passa de Castro Daire para Lamego

CASTRO DAIRE, 2 — Equipas de limpeza da J. A. E. tentam remover a neve que bloqueia desde terça-feira a estrada nacional entre esta vila e Lamego.

A ligação continua cortada no trecho Colo do Pito — Ponte de Reconcos, não se efectuando por tal motivo, as carreiras rodoviárias para aquela cidade. Entretanto deixou de nevar, o que leva a admitir que a ligação possa ainda hoje restabelecer-se, embora em condições precárias.

AS PRINCIPAIS ALTERAÇÕES À LEGISLAÇÃO FISCAL

referem-se ao Imposto Profissional e à Contribuição Industrial

Se o leitor ganha 30 contos (ou menos) por ano, deixa de estar, a partir de agora, obrigado ao pagamento do imposto profissional. Isto quer dizer que foi alterada de 18 para 30 contos a isenção do referido imposto, e a medida faz parte do diploma recentemente aprovado na reunião do Conselho de Ministros, com o qual se deu execução á autorização concedida pelo artigo 10.º da Lei de Meios, introduzindo-se algumas alterações aos Códigos Fiscais.

Ainda que importante, aquela medida não é, porém, a única alteração no imposto profissional, cujas taxas (até ao ano passado de 1 por cento) passam a ser feitas de acordo com uma tabela que onera especialmente os rendimentos colectáveis anuais a partir dos 400 contos. Teremos, assim: até 40 contos — 1 por cento; até 80 — 2 por cento; até 120 — 3 por cento; até 160 — 4 por cento; até 200 — 5 por cento; até 250 — 6 por cento; até 300 — 7 por cento. Anteriormente, a partir dos 300 contos havia apenas a taxa de 8 por cento. De agora em diante, teremos: até 400 contos — 8 por cento; até 500 — 9 por cento; até 600 — 10 por cento; até 700 — 11 por cento; até 800 — 12 por cento; até 900 — 13 por cento; até 1000 — 14 por cento; mais de 1000 — 15 por cento.

Outra inovação, para simplificar aspectos de liquidação e cobrança: a entrega nos cofres do Estado do desconto feito pelas empresas passa a fazer-se trimestralmente, em Janeiro, Abril, Julho e Outubro.

Todas as alterações são aplicáveis apenas aos rendimentos recebidos ou postos á disposição dos seus titulares posteriormente a 31 de Dezembro do ano passado.

Interessa, porém, fixar: a dedução do imposto nos rendimentos que é efectuada pelas entidades patronais pasa a ser feita logo de acordo com as taxas correspondentes ao montante anual das remunerações do contribuinte, em vez de ser feita apenas á taxa de 1 por cento, como se procedia até aqui.

Imposto de capitais

Entr as alterações introduzidas no imposto de capitais, salienta-se o facto de ter passado de 5 para 5,5 por cento a taxa sobre os lucros ou dividendos das empresas. (Isto sujeito, evidentemente, á parte do Estado, pois além disso, há ainda os adicionais).

Por outro lado, os rendimentos resultantes da concessão ou cedência temporária de patentes de invenção, licenças de exploração, modelos de utilidade, desenhos industriais, marcas, etc., assim como os recebidos pela prestação de informações respeitantes a uma experiência adquirida nos sectores industrial, comercial ou científico, até agora sujeitos a imposto profissional, passam a estar sujeitos a imposto de capitais, de acordo com uma nova taxa de 10 por cento. O pagamento deste imposto é feito por retenção na fonte, quer dizer, quem paga é que desconta

Imposto complementar

Tal como aconteceu com as taxas do imposto profissional, também as do imposto complementar sofreram alterações: a partir do rendimento colectável de 250 até 300 contos onde anteriormente era de 8 por cento e agora é de 8,5 (secção A). A nova tabela mantém-se inalterável até àquelas importancias. Assim: até 50 contos — 3 por cento (secção A e secção B); de 50 até 100 — 4 por cento (secção A) e 3,5 por cento (secção B); de 100 até 150 — 5 por cento (A e 4 por cento (B); de 150 até 200 — 6 por cento (B) e 4,5 (B); de 200 até 250 — 7 por cento (A) e 5 por cento (B). A partir das importancias de 250 a 300 contos, é estabelecida uma tabela que vai de 8,5 por cento até 55 por cento, quando a anterior ia de 8 por cento a 45 por cento.

A propósito do imposto complementar, salienta-se ainda que acabou o adicional referido no artigo 11.º da Lei 2136 de 21 de Dezembro de 1968 e que os rendimentos líquidos do imposto de capitais, secção B, das acções e obrigações ao portador não registadas ficarão sujeitos ao imposto complementar por taxa de 24 por cento (antes, 20 por cento).

Contribuição industrial

A principal inovação introduzida na contribuição industrial diz respeito aos contribuintes do grupo A para os quais deixa de haver a colecta provisória de 50 por cento do lucro tributável no ano anterior. Em contrapartida, passa a fazer-se a liquidação provisória de acordo com os elementos fornecidos pelo contribuinte. Por outras palavras: a liquidação provisória do imposto assentará na declaração do contribuinte e passa a ser posta á cobrança em Julho e Outubro (até agora era em Janeiro e Julho), sendo a ultima prestação simultanea com a liquidação definitiva.

Os conhecimentos de cobranças serão entregues anualmente nas tesourarias da Fazenda Pública, nos prazos seguintes: até 20 de Junho, os que respeitarem á liquidação provisória da contribuição industrial grupo A; até 15 de Dezembro, os que respeitarem á liquidação provisória da contribuição industrial grupo B; até 15 de Setembro, os referentes á correcção de liquidação provisória ou á liquidação prevista no artigo 86.º; até 20 de Março, os relativos á contribuição industrial grupo C.

As alterações introduzidas aplicar-se-ão á contribuição industrial a partir do ano passado.

Militares falecidos

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas informa que faleceu, no Hospital Principal, em Lisboa, o 1.º cabo 02106768 Mateus Manuel Coelho da Silva, que tinha sido evacuado de Angola, por ter sido ferido num desastre.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

O chefe do distrito deslocou-se esta manhã aos novos bairros administrativos —Amadora, Queluz e Moscavide

Principiaram a funcionar hoje, de harmonia com as alterações introduzidas ao Código Administrativo, os novos bairros administrativos da Amadora, Queluz e Moscavide, criados no sentido de facilitar aos munícipes a utilização dos serviços oficiais.

O primeiro visitante oficial dos novos bairros foi o sr. dr. Afonso Marchueta, governador civil de Lisboa, que, esta manhã, os percorreu um a um demoradamente.

Às 10 horas, o chefe do distrito chegava ao bairro administrativo da Amadora, localizado na Avenida Dr. Oliveira Salazar. Acompanhava-o o vice-presidente do município de Sintra, sr. Pereira Forjas.

Durante meia hora, o dr. Afonso Marchueta trocou impressões com o administrador do bairro, sr. Fernando José Carrajola Velez.

Seguiu-se o bairro administrativo de Queluz, á Rua dos Lusíadas, onde o chefe do distrito chegou acompanhado pelo presidente da Camara Municipal de Oeiras, dr. Mena Matos. Aí foi-lhe apresentado o respectivo administrador, sr. Eduardo Cardoso.

Finalmente, em companhia do presidente e vice-presidente do Município de Loures, srs. José da Silva Baptista e dr. Osvaldo Gomes, o dr. Afonso Marchueta visitou o bairro administrativo de Moscavide, situado na Rua António Maria Pais. Depois de breve conversa com o respectivo administrador, dr. José Afonso Brado, o governador civil de Lisboa regressou ao seu gabinete, onde (como o ouvimos dizer) «tinha muito que fazer».

CINCO FERIDOS NUM DESASTRE NA AUTO-ESTRADA

Na auto-estrada do Norte, despistou-se um automóvel conduzido pelo sr. Alberto Morgadinho Jerónimo, de 26 anos, empregado da TAP, que seguia acompanhado da mulher D. Maria do Carmo Silva Gaspar, de 28 anos, a filha do casal, Maria José, de 4 anos, os pais daquele, sr. José Jerónimo, de 51 anos, e D. Maria José Morgadinho, de 53 anos, e ainda uma sua irmã, Teresa Morgadinho Jerónimo, de 16 anos, todos residentes na Estrada da Portela, Quinta do Alto.

Levados aoa Hospital de Santa Maria, ficaram ali internados muito traumatizados.

CRITICADA A ESTRUTURA HOSPITALAR

PELO PROF. CELESTINO DA COSTA

O prof. Celestino da Costa, director clínico do Hospital de Santa Maria, fez críticas á estrutura hospitalar durante a primeira sessão do Internato Geral de 1970, no qual estão inscritos 110 novos médicos. O prof. Celestino da Costa referiu, nomeadamente, a falta de condições de habitabilidade dos médicos em zona anexa do hospital, e afirmou que as condições do internato não correspondiam ao que se desejaria.

O 1.º ano do Internato Geral de 1970 com algumas palavras do director clínico do Hospital de Santa Maria e do chefe do Internato Médico, prof. J. Pinto Correia. A palestra acerca de «O Hospital de Santa Maria, sua organica e funcionamento», que devia ter sido feita pelo prof. Juvenal Esteves, foi proferida também pelo prof. Celestino da Costa. Ao cuidado do prof. Nogueira da Costa ficou a dissertação sobre «Conceito de clínica — rotinas de funcionamento dos serviços».

O BAIRRO DA BAIXA DA BANHEIRA

MOITA, 2 — O bairro administrativo da Baixa da Banheira, recentemente criado pela disposição legal que elevou o concelho da Moita á urbano de primeira, começa a funcionar na próxima segunda-feira. A administração do bairro encontra-se instalada no Largo do Posto da G. N. R., num edifício propriedade da Camara Municipal que após grandes obras de remodelação se adaptou para o efeito. O edifício foi visitado no passado dia 30 pelo governador civil de Setubal que se congratulou pela forma rápida como foi resolvida a respectiva instalação.

Empresa Pública do Estado Correios e Telecomunicações de Portugal

Precedendo resolução do Conselho de Ministros foi nomeado, por portaria de 27 de Dezembro de 1969, presidente do Conselho Geral da Empresa Publica do Estado Correios e Telecomunicações de Portugal o sr. eng.º José Esteves Abranches Couceiro do Canto Moniz, antigo ministro das Comunicações.

Também por portaria da mesma data foram nomeados vogais do Conselho de Administração da referida empresa o licenciado Francisco José Rodrigues do Valle Guimarães e o eng.º Jorge Bebiano Correia do Amaral Coimbra. O primeiro acto da empresa realizou-se pelas 11 e 30 de hoje com a posse do vogal do Conselho de Administração, eng.º Jorge Coimbra, conferida pelo presidente do Conselho Geral.

Bombons Arcádia
o prazer do paladar

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 3 3/4%	—	—	—
Consolidado 3%	—	—	—
Consolidado 3 1/2%	—	—	—
Centenários 4%	—	1.470$	—
Obrig. Tesouro 5%	—	1.003$	—
Externo 1.ª série	—	—	—
Externo 1.ª série c.	—	820$	—
Externo 3.ª série	—	—	—
Externo 3.ª série c.	—	—	—
Cautelas 1.ª série	—	—	155$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	470$	—
A. P. I. 5% 56	—	905$	930$
A. P. I. 5% 58	—	905$	925$
C. P. 4 1/2% 65	—	—	—
C. P. 5 1/2% 67	—	—	—
C. U. F. 5%	—	995$	1.000$
C. U. F. 6% 68	1.002$	1.002$	—
Gás Elect 4% 48	—	780$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	800$	—
Gás Elect 5% 54	—	890$	—
Gás Elect 5% 58	—	890$	—
Gás Elect 5% 59	—	890$	—
Gás Elect 5% 62	—	930$	—
Gás Elect 5% 63	—	—	—
Gás Elect 5% 65	900$	900$	—
Gás Elect 6% 67	—	—	1.000$
H. E. Alentejo 5%	—	820$	—
H. E. Cávado 5%	—	—	—
H. E. Cávado 6%	—	995$	1.000$
H. E. Douro 5%	—	—	—
H. E. Douro 6%	—	—	1.000$
H. E. Norte Port 5%	—	—	—
H. E. Estrela 6%	—	—	1.00[illegible]
H. E. Zêzere 5% 55	—	—	840$
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	—	—
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 3 3/4%	—	995$	997$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	—	840$	850$
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	790$	—
Petroquímica 5%	—	865$	—
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	890$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	790$	820$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4	—	—	—
Sonefe 5%	—	—	—
T. A. P. 4%	930$	—	—
Termoelect Port 5%	—	—	—
U. E. P. 3 3/4%	—	—	—
U. E. P. 4%	—	—	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	805$	83$
U. E. P. 5% 60	—	—	—
U. E. P. 5% 63	—	—	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.240$	2.235$	1.240$
Alentejo	1.055$	1.050$	1.060$
Angola	—	3.550$	3.600$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	5.000$	5.500$
E. Santo	—	18.500$	19.000$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. e A.	—	20.000$	23.000$
Fomento Nacional	—	2.400$	2.500$
L. & Açores p.	—	7.050$	7.100$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	5.950$	5.900$	5.970$
Portugal n.	—	—	3.300$
Portugal p.	—	4.000$	—
Totta Aliança	—	6.000$	6.400$
Ultramarino n.	3.350$	3.330$	2.350$
Ultramarino p.	3.750$	3.750$	3.800$
Seguros			
Alentejo	—	80$	—
Douro	—	—	—
Mundial	800$	795$	805$
Sagres	—	1.050$	2.600$
Tranquilidade	—	55.000$	65.000$
Ultramarino	—	18.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	830$	850$
Ag. Cassequel	800$	795$	805$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	470$	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	350$	—
Boror	—	160$	190$
Buzi	—	—	83$
Cabinda	230$	230$	235$
Ultramarinas (cont.)			
Angola	—	2.400$	2.440$
[illegible] Revué	—	620$	650$
[S. Tomé] e Príncipe	—	800$	1.000$
Moçambique	179$	78$	79$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	—	430$	[illegible]
Zambézia	—	85$	88$
Angolar [illegible]	—	—	—
Diversas			
[illegible]	7.900$	7.800$	7.900$
[illegible] Lena	—	—	5.400$
[illegible] Tejo	—	—	7.100$
[illegible] Navegação	1.410$	1.400$	1.420$
[C. U. F.]	—	1.490$	1.500$
[illegible] Aliança	—	—	—
Nac. Navegação	—	3.750$	3.800$
Petroquímica	—	2.120$	2.150$
Port. e Colónias	—	1.450$	1.500$
Port. Celulose	4.300$	4.200$	4.300$
Port. Pesca	—	—	1.220$
Port. Tabacos	785$	783$	785$
Sacor	—	—	—
Siderurgia Nac.	1.880$	1.870$	1.900$
Socel	3.385$	3.380$	3.390$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	—	7.900$	8.100$
[illegible] Azote	865$	860$	870$
Aguas Electr. Gás			
Aguas Lisboa p.	—	400$	—
Aguas Lisboa 34	—	395$	420$
Aguas Lisboa 36	—	390$	400$
Eléct. Beiras	—	1.580$	1.610$
[illegible] Electr.	426$	425$5	426$5
H. E. Alto Alentejo	157$5	157$	158$
H. E. Cávado	1.265$	1.264$	1.266$
H. E. Douro	1.265$	1.264$	1.266$
H. E. Norte Portugal	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	—	1.264$	—
Nac. Electricidade	—	1.270$	1.290$
Termoeléctr. Port.	1.260$	1.260$	1.265$
[illegible]	19[illegible]$	[illegible]90$5	[illegible]91$5
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
[illegible] Atlântico	—	204$4	210$5
[illegible] D E S	—	126$2	180$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez 65=100)

	26/12/69	31/12/69	2/1/70
GERAL	151,6	150,3	**150,7**
METROPOL.	143,6	142,3	**142,8**
ULTRAM.	210,3	208,8	**208,5**

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rands	36$50	38$50
América		
— Dollars de 1 a 2 ...	28$00	28$50
— Dollars de 5 a 100	28$30	28$70
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$55	7$85
Austria — Schilling	$05	$08
Argentina — Peso	$08	$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,5	$41,0
Holanda — Florim	7$65	7$95
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$70	5$10
Suiça — Franco	6$50	6$70
Marrocos — Dirham	4$80	5$30
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	280$00	300$00
Inglaterra — 1/2 Libra	250$00	270$00
Ouro fino — Barra ...	32$70	34$70

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

OS VOLUNTÁRIOS DE LISBOA TÊM NOVOS DIRIGENTES

Em assembleia geral presidida pelo contra-almirante Nuno de Brion foram anteontem eleitos os novos corpos gerentes dos Bombeiros Voluntários de Lisboa para 1970, cujo acto de posse há-de realizar-se no próximo dia 5, pelas 21 horas.

Os dirigentes escolhidos foram os seguintes: Assembleia Geral — contra-almirante Nuno de Brion (presidente), dr. Manuel Gomes de Carvalho, Joaquim Canavial e Júlio Filipe da Guia Martins; Direcção — Ernesto Costa, António Marques de Sousa, Jaime Alves Baptista, Elmer de Andrade Rodrigues, João Maria Soares Lopes, Henrique das Neves Fernandes Cordeiro e António Esteves Saraiva; Conselho Fiscal — Jorge Rebelo, João Maria de Magalhães Ferraz e Carlos Alberto Serra e Moura.

O MAU TEMPO FEZ DESVIAR QUATRO AVIÕES PARA MADRID

Ventos com certa intensidade, acompanhados de fortes bátegas de água e uma ligeira neblina matinal, obrigaram a desviar para Barajas (Madrid) quatro voos intercontinentais que deviam fazer escala em Lisboa ou aqui tinha o seu termo.

Tal aconteceu com três voos provenientes de Nova York (T.A.P., Aerolíneas Iberia e Air France) e com um de Caracas (Viasa). Algumas dezenas de passageiros perderam assim a ligação com outras capitais europeias.

Pouco minutos depois das 9 aterrou na Portela um avião vindo de Montreal (Canadian) e começaram a sair aparelhos da TAP. A situação tende a normalizar-se.

Atenção aos pneus do seu automóvel!

• Ainda não foram aplicadas multas pela P. V. T.

Entrou ontem em vigor o decreto-lei que estabelece a obrigatoriedade, para todos os veículos automóveis e reboques, do equipamento com pneus que apresentem em três quartos de largura e em toda a circunferência da zona de rolagem uma altura mínima de piso de um milímetro. Esta disposição aplica-se igualmente ao pneu de reserva, quando este for obrigatório.

A aplicação rigorosa deste diploma visa a evitar a utilização de pneus «carecas», responsáveis por muitos acidentes graves. Entretanto, os automobilistas que pretenderam cumprir a lei dentro do prazo depararam com algumas dificuldades. As oficinas especializadas na recauchutagem de pneus, por exemplo, não puderam, em certos casos, cumprir os prazos, dada a grande afluência de encomendas. Também houve dificuldade em adquirir certos tipos de pneus novos.

Talvez por ter isso em conta e, ainda por se tratar de uma exigência nova, a P. V. T. está a agir com generosidade, nestes primeiros dias. Segundo nos informou esta manhã o 2.º comandante daquela corporação, não foram ainda aplicadas quaisquer multas, pois as brigadas têm instruções para avisarem os automobilistas da necessidade de cumprirem a lei. Só serão autuados os condutores que circulem com pneus totalmente «carecas», portanto os casos mais graves.

Mas esta generosidade inicial não pode durar muito. Os automobilistas não deverão esquecer-se de que, se não circularem com pneus em bom estado (ranhuras com um mínimo de 1 milímetro de profundidade) estão sujeitos á multa de 500 escudos.

A MENSAGEM DE ANO NOVO DO CHEFE DO ESTADO

(Continuação da 1.ª pagina)

grandeza efémera, me dirijo aos portugueses neste primeiro dia dum novo ano. E é já a décima segunda vez que o faço. Sempre a aparição dum novo ano, após a comemoração em fraternal, compreensivo, mas infelizmente episódico convívio da quadra Natalícia, é motivo de esperanças sem fim, que, no seu decurso, se vão tornando, quase todas, em amargas desilusões. Mas nem por assim ser tristemente todos o temos experimentado, se sente o Chefe do Estado menos na obrigação, que muito agradàvelmente cumpre, de dirigir as suas saudações amigas aos seus irmãos portugueses e de lhes desejar as maiores felicidades no ano que hoje começa. Todos os bons portugueses bem as merecem, pela sua exemplar conduta no Mundo, pelo seu sacrifício na hora presente e pelo esforço que estão abnegadamente realizando na busca dum futuro melhor.

Tem o Chefe do Estado, nestas suas mensagens anuais, procurado fazer em rápida síntese, o balanço do que ocorreu de mais interesse no ano que findou, quer sob o aspecto nacional, quer sob o aspecto internacional. Mais uma vez procurará fazê-lo e, como habitualmente, começando pelo segundo.

Ao contrário das esperanças manifestadas na mensagem de há um ano, não se concretizaram os sinais pronunciadores, que parecia vislumbrar-se, de mudança, para melhor, do clima internacional em que se vivia. Tudo se tem mantido pràticamente na mesma e a não ser o impressionante progresso da ciência e da técnica, muito pouco evoluiu em sentido francamente positivo e é até bem visível o agravamento de males em parte resultantes de compromissos tomados, bastante ingénuamente, no fim e após a Segunda Grande Guerra e cujas consequências têm sido deveras desastrosas para o Ocidente. A errada política que este tem seguido ou, melhor, a carência de uma política que devia ter definido e mantido, propiciou a extensão do comunismo para além da zona a que devia ter ficado confinado e a intensificação da sua propaganda e da sua acção corrosiva com a maior liberdade, a liberdade que não consente, e que é aproveitada com mestria, sem limitações nos processos usados, muitos deles vedados no seu emprego, a quem não comunga em tão nefasta ideologia.

A DEGRADAÇÃO DOS COSTUMES

Tudo o que tenho afirmado nas anteriores mensagens, mormente na do ano passado, o tempo tem, infelizmente, confirmado. É pois inútil repetir, nesta, verdades que não são ouvidas e apelos que não são escutados; nem vale a pena chamar mais a atenção para o desprestígio em que a O. N. U. se afundou e para a estagnação em que caiu a Nato. São outros os pontos que desta vez abordarei.

Começo pelo que é, talvez, o mais preocupante de todos, a degradação dos costumes em que a humanidade ocidental viveu decentemente durante largos anos.

A polidez com que a civilização, ao longo dos séculos, bruniu o homem, fruto da sua inteligência e dos sentimentos que foi sucessivamente cultivando, está-se diluindo. O homem parece tender para o regresso á mera animalidade de que partiu e de que se foi sucessivamente distanciando. O retrocesso começou, precisamente, nos povos ditos mais evoluídos e que deveriam constituir exemplo, mas sadio exemplo, para os que tiveram menores possibilidades de desenvolvimento. Mal se compreende semelhante incongruência, inversão alarmante que surge precisamente quando se está operando um assombroso avanço na técnica e na ciência, capaz de precipitar o progresso dos povos e de tornar a vida mais fácil e mais cómoda. Não se deverá culpar o avanço material de ser o causador do retrocesso moral que infelizmente parece querer caracterizar os dias de hoje; há que buscar as causas desse retrocesso em campo bem diverso. E esse é, muito possivelmente, o da subversão que o comunismo hábilmente tem infiltrado em tudo que existe e possa constituir embaraço para a sua acção dissolvente.

As drogas com que a humanidade está sendo mais fortemente envenenada nos últimos tempos, são um excelente veículo da corrupção dos costumes e tanto podem ser assimiladas por via oral, como pela visual. São, por qualquer das vias, extremamente nefastas, pois se por uma tentam contra a integridade física, pela outra vão contaminando progressivamente a integridade moral. Para o fim sempre em vista da contaminação mundial, o comunismo não hesita nos meios que emprega, no seu mundo e fora dele. Todos lhe servem, de preferência os menos visíveis, que são normalmente os mais eficientes e rápidos. É por isso natural que a dissolução que está grassando, com intensidade assustadora, na sociedade ocidental, não resulte apenas duma mentalidade doentia e da saturação dos seus hábitos normais e seja também obra do comunismo de exportação, que aproveita e explora com consumada arte todos os defeitos e fraquezas de que ela está, infelizmente, impregnada. Se a sociedade ocidental não for capaz de defender-se do mal de que se encontra, pelo menos em parte gravemente doente, é fatal cair em sucesivas e cada vez mais baixas degradações e corre o risco de morrer, como sucedeu a outras civilizações anteriores, da forma mais inglória. Há, pois, que actuar sem demoras e sem hesitações, para, ainda a tempo, pôr termo a tão estranhos desregramentos, evitando-se, assim, a consumação de tão desastroso fim.

O ANSEIO DESCONCERTANTE DA JUVENTUDE

Para outro ponto igualmente melindroso, embora apenas em parte, me pareceu dever chamar também a atenção. É ele o da insatisfação geral e do anseio desconcertante, da juventude.

A primeira é uma das marcas características dos tempos actuais e resulta do acesso a novos meios que o progresso pôs, mais rápidamente do que era habitual, ao serviço de parte da humanidade. Quando comedida, tem de considerar-se benéfica e pode ser fonte de maior e cada vez mais útil progresso. Porém quando ilimitada, torna-se perigosa, por poder conduzir rápidamente ao caos.

O anseio da juventude, sentimento saudável e indispensável, que existiu sempre ao longo de todos os tempos em maior ou menor grau, encontra-se presentemente maculado por uma propaganda constante e insidiosa, vinda das bandas do Oriente, que o transformou em contestação permanente e não poucas vezes desregrada, em que tudo é criticado indiscriminadamente, o que está mal e o que está bem e, indistintamente, as deficiências realmente existentes e as medidas tomadas para as sanar ou aliviar. Ora como há anos atrás as deficiências eram muito maiores em todos os aspectos e as contestações muitíssimo menores, não podemos culpar apenas a juventude do que se está passando. Sem a isentar da parte e grande, que tem no clima criado, temos de procurar na sua infância e na forma de ministrar o ensino, uma parte importante das causas que a tornaram mais contestadora do que estudiosa; e, principalmente, nas influências estranhas, através duma propaganda maciça, aparentemente defensora das prerrogativas da juventude, mas no fundo visando apenas servir-se dela, como seu agente ideal. É, afinal, mais outra forma de subversão, em que uma parte da juventude parece comungar, outra se não apercebe de toda a profundidade do perigo que está correndo e a maior parte erradamente desistiu de lutar.

As pessoas já não jovens e os velhos, não são contra os novos, até porque também o faram, mas não podem, evidentemente, dar o seu acordo á maneira de ser de muitos dos jovens de hoje. Dantes os jovens com todos os seus defeitos eram ou pareciam ser mais generosos, sabiam talvez melhor ser jovens, não se deixavam contaminar por propagandas estranhas, que não toleravam, e tinham fé no futuro, naturalmente até, por disporem de bem menores facilidades na época em que viveram a sua mocidade.

Estamos, sem dúvida vivendo tempos bastante diferentes daqueles em que antigamente se vivia. É muito possível tratar-se de mais uma viragem na História do Mundo, coincidente com um extraordinário progresso técnico e científico e com uma mudança profunda da mentalidade humana. Mas as causas podem muito bem ser principalmente outras e os dois pontos que acabei de aflorar, conduzem a admitir que asim possa suceder.

Sejam quais forem as causas, os velhos sentem-se naturalmente alarmados, não pelo quase miraculoso progresso verificado na técnica e na ciência, mas pela profunda mudança de mentalidade, a seu ver perigosa, que está assolando o Mundo. Por seu turno os novos não se afiguram acalentados pela esperança de melhores dias, mas apenas de dias diferentes dos actuais. Os primeiros temem o futuro, não pelo que directamente lhes respeita mas por aquilo que pode aguardar os mais novos. E estes parecem desnorteados e não saberem bem o que querem e por isso procuram estranhamente, na destruição do que existe, o único remédio para os males que entendem caracterizar a época em que vivem.

O PROGRESSO TÉCNICO E CIENTÍFICO

O Mundo anda profundamente perturbado por ideias e propagandas sistemáticamente feitas, que o tornam quase irreconhecível. Procura-se ruir os velhos dogmas e com eles verdades e processos, que não convêm á errada orientação que hoje pretende dominar o Mundo. Para tanto, tudo propositadamente se desvirtua e se esconde, com grave dano para a justiça e para a verdade, até mesmo por aqueles que mais conveniência teriam na orientação oposta.

Nem tudo porém é desolador na época em que estamos vivendo, pois temos assistido a um progresso técnico e científico há poucos anos imprevisível. Só quem nasceu nos últimos anos do século passado e transitou para o actual apercebendo-se já dos factos que sucessiva, mas morosamente, iam ocorrendo, é testemunha viva da evolução espantosa operada no nosso século. Já vai distante a aparição do primeiro automóvel, do primeiro carro movido eléctricamente e do primeiro avião, meios de transporte que começaram a imprimir á vida da humanidade uma velocidade até então inusitada, embora de não muitas dezenas de quilómetros. O salto nas quase sete décadas que vão passadas do século vinte, foi espantoso, mas só se tornou espectacular nas últimas três, ou seja a partir dos últimos anos da Segunda Grande Guerra. E assistimos, pouco depois de passada a primeira metade do ano findo, ao mais extraordinário feito praticado pela humanidade, a descida do primeiro homem na Lua. Tudo nesse feito impressionou profundamente, mas o que mais entusiasmou e maravilhou foi o apuro a que foi possível levar a ciência e a técnica para permitir tão assombrosa realização.

Pode discutir-se se a ida á Lua merecia prioridade em face do muito que ainda há a realizar na Terra e do desconhecimento, quase completo, do seu interior. Mas esses aspectos nenhum valor tiram ao comentimento, aos homens que o realizaram e o possibilitaram e á Nação á qual se fica devendo tão extraordinária façanha.

O ESFORÇO DA DEFESA

E já é tempo de passar ao balanço, no aspecto nacional, do ano que passou.

Dominou-o, tal como aconteceu nos anos anteriores, a preocupação constante e o aturado esforço a que a defesa das sagradas parcelas de Portugal em África indiscutìvelmente obriga. Continuamos combatendo, sózinhos, o terrorismo que estranhos interesses atearam sucessivamente em Angola, na Guiné e em Moçambique e continuam constante e fortemente alimentando com armamento moderno e dinheiro. Embora mais alguns países continuem contribuindo ocultamente para a manutenção do terrorismo, parece fora de dúvida serem a União Soviética, os seus satélites espalhados pelo Mundo e a China Continental aqueles que estão arcando com a quase totalidade dos encargos. São esses de resto, os países actualmente mais interessados no terrorismo pois seriam os grandes beneficiados com o seu triunfo e pràticamente os únicos. Os que inicialmente também cuidavam poder colher vantagens, devem estar já convencidos de que assim não sucederia. Faço essa justiça á sua inteligência.

Mas não pode olvidar-se que a ajuda soviética e chinesa seria inoperante se Portugal não tivesse em África alguns maus vizinhos, que ignoram ou fingem ignorar as regras que regulam o convívio internacional. O desrespeito por essas regras, que não pode deixar de se considerar propositado, é que possibilita a manutenção do terrorismo, pois no território desses maus vizinhos é que se acoitam os bandoleiros, é dele que partem para realizarem as proezas para que foram instruídos e é neles que têm os seus quarteis-generais. E o impudor é tal, que ainda se queixam na O. N. U. da violação dos seus territórios por forças portuguesas e nela encontram o apoio e as resoluções que só se explicam pela ausência do mais elementar critério e pela falta total do espírito de equidade e de justiça, que devia presidir a todos os seus actos.

Tudo o muito que a mais poderia dizer sobre tão apaixonante tema, foi já dito com grande desenvolvimento na mensagem que li na reunião conjunta da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa para abertura da X Legislatura e por isso e nesta matéria, só me resta a obrigação, que cumpro naturalmente com o maior entusiasmo, de saudar mais uma vez, e nunca serão demais, as Forças Armadas de que sou Chefe Supremo, pela compreensão plena com que cumprem o seu dever, pelo abnegado sacrifício com que combatem um inimigo que dentro das normas da guerra subversiva só usa métodos insidiosos e pelo amor com que afincadamente defendem, palmo a palmo, o sagrado solo pátrio.

Apesar do terrorismo continuaram as províncias de Angola, de Moçambique e da Guiné a conhecer um franco progresso, que nas duas primeiras foi naturalmente e por variadas razões mais acentuado e que, segundo o testemunho das pessoas que periódicamente visitam essas duas magníficas parcelas de Portugal, assume uma grandeza deveras consoladora. Também nas outras províncias portuguesas o progresso tem sido notório salvo, certamente, no Estado Português da India onde os usurpadores nada devem ter realizado até porque o nível que tinha atingido em 1961 era muito superior ao dos territórios da União Indiana. Como é inteiramente justo, tem o Chefe do Estado permanentemente no seu pensamento a situação aviltante em que se mantém esse pedaço sagrado de Portugal, padrão das suas maiores glórias, que devia ter merecido o respeito do Mundo e até da própria União Indiana. E esta, nem sequer foi condenada pela «imparcial» O. N. U.

Durante o ano findo foram as províncias da Guiné, de Angola e de Moçambique visitadas pelo presidente do Conselho, tendo sido a primeira vez que um Chefe do Governo se deslocou ao Ultramar. A recepção que lhe foi dispensada, nas terras que visitou, foi plena de entusiasmo tal como se verificou nas deslocações dos Chefes do Estado, quando das suas visitas. O entusiasmo foi nova prova, embora desnecessária, do portuguesismo nos portugueses de todas as etnias e de todos os credos que ,nessas terras vivem quer tenham ou não nelas nascido. A visita revestiu-se da maior oportunidade e tanto os visitados como o visitante viveram momentos da maior euforia patriótica, que não esquecerão e que muita utilidade tiveram para o seu mútuo conhecimento. E como a viagem foi sobretudo uma viagem de serviço, tudo se conjugou para que das visitas resultassem os maiores benefícios.

Tambem o Doutor Marcello Caetano visitou oficialmente o Brasil e igualmente dessa deslocação se colheram os melhores frutos, para a indispensável maior compreensão recíproca entre os dois países irmãos e que constituem a Comunidade Luso-Brasileira. Os elementos oficiais e o povo brasileiro receberam primorosamente o nosso presidente do Conselho e a colónia portuguesa exultou com a visita, como é natural. Consequentemente, mais um excelente serviço prestado ao País.

No ano de 1969 foram oficialmente comemorados os quintos centenários dos nascimentos de Vasco da Gama e de D. Manuel I e os primeiros centenários dos nascimentos do Almirante Gago Coutinho e do Marechal Óscar Carmona. Foi dada natural primazia ao de Vasco da Gama, pela projecção que esse grande vulto da nossa História atingiu em todo o Mundo e que o enceramento do Canal de Suez e o regresso á utilização da rota do Cabo da Boa Esperança, fez reviver. Mas também o centenário do nascimento de Gago Coutinho foi devidamente comemorado durante o ano e a partir de 17 de Fevereiro, não apenas pelo sábio Almirante se ter imortalizado pelos processos inéditos de navegação aérea que usou na primeira travessia aérea do

(Continua na página seguinte)

A MENSAGEM DE ANO NOVO DO CHEFE DO ESTADO

(Continuação da pag. anterior)

Atlântico Sul, como por ter sido um geógrafo distintíssimo e um perito consumado na interpretação das viagens realizadas pelos navegadores portugueses de quinhentos.

No ano que hoje começou ocorre o quinto centenário da descoberta da ilha de S. Tomé. Espera-se que esse centenário seja comemorado com o realce que inteiramente merece e que as circunstancias presentes tornam mais saliente.

A ACTIVIDADE DO CHEFE DO ESTADO EM 1969

É altura de referir, como nas mensagens dos anos anteriores, a actividade do Chefe do Estado ao longo de 1969, no respeitante ás suas deslocações, ás visitas que realizou, ás inaugurações a que presidiu e ás cerimónias a que compareceu.

Começou por lembrar que cada Chefe de Estado tem, naturalmente, além da maneira de ser comum a todos uma característica própria que o distingue, melhor ou pior. A minha reside na preocupação, que sinto, de contactar o mais possível com as populações e de estar presente em todos os actos, inaugurações em cerimónias em que essa presença se justifique.

Dessa peculiar maneira de agir resulta, naturalmente uma quase constante peregrinação através do nosso território, mormente do continental europeu. Sinto que o Povo aprecia bastante o estilo que comecei usando há já onze anos pois ele bem merece todo o apreço por parte do Chefe do Estado que do povo veio e perfeitamente sabe constituir ele e ter constituído sempre o maior e mais valioso esteio em todas as vicissitudes suportadas pela nação ao longo de mais de oito séculos de História.

Dada pela primeira vez esta singela explicação, farei de seguida a mais breve síntese possível da minha peregrinação do ano que findou, refrindo apenas o essencial. Desloquei-me pela primeira vez á cidade do Porto em 18 e 19 de Janeiro, para assistir a várias cerimónias a realizar diversas visitas e, sobretudo, para presidir á inauguração dum Centro de Formação Profissional Acelerada. Pouco mais de um mês depois, inaugurei outro Centro análogo na vila do Seixal. A 11 de Março visitei o Regimento de Infantaria 5, nas Caldas da Rainha, e o Centro de Instrução que nele funciona. A 10 de Abril presidi á inauguração do novo e magnífico edifício da Biblioteca Nacional. A 17 do mesmo mês desloquei-me a Coimbra para inaugurar o novo e belo edifício da Matemática da Universidade e para visitar a Escola de Regentes Agrícolas e dois Liceus (o segundo na Figueira da Foz). A 20 visitei oficialmente, pela primeira vez, a vila de Peniche. Em 27 e 28, ainda do mesmo mês, visitei novamente a cidade do Porto, em especial para inaugurar o Parque Desportivo Salazar, da F. N. A. T. e visitar o Regimento de Infantaria 6. No dia 10 de Maio presidi á inauguração, na cidade de Lagos, da estátua do navegador Gil Eannes. No dia seguinte presidi á inauguração do empreendimento hidro-agrícola do rio Mira e da barragem respectiva, que recebeu o nome de Marcello Caetano a pedido das forças vivas dos distritos de Beja e Faro. No dia 15 visitei a Escola de Fuzileiros Navais em Vale de Zebro. Em 23, ainda de Maio, visitei oficialmente e pela segunda vez, a cidade de Portalegre. Em 1 de Junho presidi á inauguração da Feira Nacional da Agricultura, em Santarém, que visitei segunda vez no seu fecho. No dia seguinte desloquei-me a Beja, para visitar a Base Aérea 11. No dia 8 presidi na Barragem do Roxo, á cerimónia em que lhe foi dado o nome do Engenheiro Arantes e Oliveira e inaugurei, em Moura e Estremoz, os seus Palácios de Justiça. No dia 9 procedi á inauguração da Feira Internacional de Lisboa. No dia 10 presidi, no Terreiro do Paço, á cerimónia militar que anualmente se realiza de consagração aos heróis de África. Em 12 visitei o Museu Militar e a Sede do Estado Maior do Exército. Em 19 visitei as instalações do Iberiamt, em comemoração do vigésimo aniversário da Fundação da NATO. Em 24 presidi á inauguração dos novos Paços do Concelho de Alcácer do Sal. Em 25 visitei o Grupo N.º 1 de Escolas da Armada, em Vila Franca de Xira. Em 27, ainda do mês de Junho, visitei, em Lamego, o Centro de Instrução de Operações Especiais. No dia 1 de Julho inaugurei, em Alverca, o Museu do Ar. Em 24 presidi á inauguração dum bairro da Presidência em Santo António dos Cavaleiros. Em 26 inaugurei diversas instalações na Fábrica Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas. No dia 3 de Agosto assisti, em Setúbal á Festa do Mar e inaugurei a Feira de Santiago. Em 8, 9 e 10 visitei várias unidades industriais do distrito de Aveiro e visitei oficialmente Vale de Cambra e Macieira de Cambra, procedendo a várias inaugurações. Em 24 inaugurei, em Ponta Delgada, o aeroporto da Nordela. Em 30 do mesmo mês de Agosto visitei oficialmente a cidade do Funchal, procedendo a diversas inaugurações. No dia 4 de Setembro visitei o Grupo N.º 2 de Escolas da Armada. No dia 7 visitei oficialmente as vilas de Sines e de Palmela. Em 8 estive em Montemor-o-Novo nos seus renovados Paços do Concelho. Em 13 e 14 visitei oficialmente e pela segunda vez a cidade de Viseu, onde procedi a várias inaugurações. Em 23 inaugurei, no Barreiro, mais um bairro de casas económicas. Em 24 visitei o Campo Militar de Santa Margarida. Em 28 presidi ao fecho das comemorações do 1.º centenário da cidade de Santarém. No dia 2 de Outubro presidi á inauguração da sede do Museu e de outras magníficas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian, que valorizaram extraordinàriamente a cidade de Lisbooa. Em 4 inaugurei as novas fábricas da Covina, na Póvoa de Santa Iria. Em 8 presidi, em Leixões, á inauguração do Terminal para atracação de navios-tanques. Finalmente, no dia 16 de Novembro, inaugurei os agrupamentos habitacionais, que nos concelhos de Sintra, Loures, Alenquer e Arruda dos Vinhos e subsidiados pela Fundação Calouste Gulbenkian, foram construídos para realojar os sinistrados que ficaram sem lar devido ás trágicas inundações de vinte e cinco de Novembro de 1967.

O DIA DA PAZ

O ano de 1969 foi um ano de veras trabalhoso, não pelas deslocações que o Chefe do Estado nele realizou e acabadas de referir apenas em parte, mas por tudo, e foi muito o que se realizou; foram publicados numerosos diplomas, foram feitas algumas reformas, mais ou menos profundas e houve que prestar a máxima atenção a quanto pudesse contribuir para o mais rápido progresso do País e para uma mais acelerada promoção de nível de vida do povo português. E, além de toda esta actividade, houve ainda que proceder a eleições gerais para a nova legislatura da Assembleia Nacional. Mas a tudo, felizmente, foi possível fazer face da melhor maneira e, para consolação pessoal, pude ver finalmente constituída a Fundação a que foi dado por patrono Salazar, o português genial que com a sua sábia administração conseguiu dar a Portugal algumas décadas de calma política e social. Está já a Fundação agindo no sentido de levar a efeito a construção do maior número de casas para nelas poderem viver, com a indispensável dignidade, as famílias mais carecidas de habitação capaz. E esperase inaugurar as primeiras em Santa Comba Dão, no dia 28 de Abril, data do aniversário do presidente Salazar.

Alguns pontos a que me desejaria referir também, ficaram por tratar, mas é mister terminar esta mensagem que vai já longa de mais.

E termino-a lembrando que o dia de hoje é consagrado á Paz, segundo o apelo mais uma vez lançado, em todo o seu amor á Humanidade, pelo Santo Padre Paulo VI.

Infelizmente a Paz, a verdadeira Paz no convívio entre os homens, as sociedades e as Nações, é uma meta muito difícil de atingir e será por muito tempo ainda, uma aspiração praticamente irrealizável.

A Paz não é a mera ausência de guerra: mas um estado de compreensão e harmonia entre os homens que só pode existir quando floresce a virtude e domina a razão. Não haverá Mundo pacífico sem aperfeiçoamento da humanidade. Vejo por isso com esperança o apelo do Sumo Pontífice, na medida em que a sua mensagem cristã possa mobilizar as energias morais para fazer face ao desencadeamento do espírito de violência que o materialismo da idade técnica, com as suas ambições ilimitadas de domínio, corre o risco de provocar.

Não tenhamos pois e infelizmente, ilusões; a Paz completa só será uma realidade quando a humanidade for perfeita e ela está ainda muitíssimo longe de o ser Mas isso não obsta a que cada um de nós procure contribuir, com todo o seu esforço e, sobretudo, com toda a sua boa vontade para que a enorme distância a que ela ainda mora possa ser encurtada cada vez mais. Se os homens eliminarem os imensos defeitos de que são portadores também as sociedades deixarão de os ter e igualmente as Nações ficarão deles libertas. Mas será isso algum dia possível, antes que o planeta em que vivemos morra? Deus permita que sim».

ARTESANATO NO ESTORIL

Na Junta de Turismo da Costa do Sol, no Estoril, continua patente ao público a Exposição de Artesanato Português.

Na exposição deste ano, que pode ser visitada todos os dias, o visitante tem oportunidade de apreciar — e adquirir — tapetes de Niza, barros de Bizalhães, louças de Alcobaça e das Caldas da Rainha, artigos em madeira, do Minho, cestaria e outros artigos do Algarve, cerâmicas de Rosa Ramalho, tapetes do Redondo, louças de Barcelos e funilaria de Braga.

Especialmente destinado aos turistas estrangeiros que nos visitam, o certame tem tido grande afluência de público, pois constitui uma interessante mostra de capacidade criadora dos nossos artistas populares, a completar a Feira do Artesanato que aquele organismo realiza anualmente, no mês de Agosto.

ATROPELADO AOS SEIS ANOS

ÉVORA, 1 — Deu entrada no Hospital da Misericórdia, onde ficou internado, em estado grave, o menor António de Almeida Samora, de 6 anos, filho de Francisco Rodrigues Samora e Emília de Almeida da Conceição, residentes no Moinho do Vallemboa, nesta cidade, que foi atropelado por um automóvel na Avenida de S. Sebastião.

SAUDAÇÃO DO FIM DO ANO DO MINISTRO DA DEFESA

O ministro da Defesa Nacional dirigiu ás Forças Armadas a seguinte saudação de fim do ano:

«Um ano mais passou no dobar contínuo do tempo, e nesta quadra dedicada tão especialmente ao culto da família, o ministro da Defesa Nacional vem saudar todos os oficiais, sargentos e praças dos três ramos das Forças Armadas, estejam eles onde estiverem, e bem assim as famílias de cada um, estejam ou não ao pé deles, todos constituíndo a grande família militar, a quem especialmente dedico estas palavras.

Aos militares, quaisquer que sejam as missões por cada um desempenhadas durante este ano, dirijo a expressão do maior apreço pela boa vontade e determinação, paciência, e, tantas vezes, heroísmo demonstrados por cada um nas tarefas a seu cargo. Às famílias exprimo admiração e vivo agradecimento pela forma como têm acompanhado e apoiado, de perto ou de longe, os seus filhos, pais, maridos, noivos ou parentes que nas fileiras dos exércitos de terra, mar e ar, da frente ou da retaguarda — pois todos são precisos — colaboram no esforço imenso da defesa do País.

Nos calendários de todo o Mundo começa amanhã a mudar-se na numeração dos anos o algarismo das dezenas do 6 para o 7. Acabam os anos 60 e passamos para os anos 70 do século em que vivemos. E penso que é oportuno fazer um apanhado sumário do que representaram para as Forças Armadas estes últimos 10 anos.

Se nos dermos ao trabalho de consultar a história militar de Portugal, pode afirmar-se que nos últimos 300 anos, isto é, depois da guerra da Restauração, nunca houve 10 anos seguidos, como os últimos que passaram, em que sobre as Forças Armadas caísse uma tão grande soma de esforços e de luta, e em que se empregassem tão avultados dinheiros e tão numerosos efectivos de homens e de equipamentos.

A retirada de vários países ocidentais do comando e governo de tantos dos seus domínios em África fez acreditar a uns quantos que com Portugal teria de acontecer o mesmo. Mas nós pensámos de forma diferente, porque temos naquelas terras outros sentimentos e outras missões marcadas pela chancela dos séculos e ficámos. Resistimos e continuamos a resistir á conspiração internacional organizada, mas para tanto houve necessidade, no campo da Defesa Nacional, de recorrer aos maiores sacrifícios dos nossos militares, á sua melhor coragem, á luta perante as dificuldades dos climas, e até á sua paciente serenidade em face de incompreensões da estranheza de algumas opiniões.

Foi muito difícil o que tiveram as Forças Armadas de fazer durante estes 10 anos. Houve que trocar as operações de treino de paz nos pinhais e nas estradas alcatroadas da Metrópole, pelos matos e picadas da África. Teve de se mudar toda a forma de instrução das tropas, atendendo ao tipo do inimigo e á vastidão dos territórios. A Armada e a Força Aérea sofreram necessárias adaptações á sua actuação específica.

Houve que atender ao transporte, instalação, alojamento e alimentação de milhares de homens a milhares de quilómetros de distância. Tudo fizemos com a melhor boa vontade e decisão, e com o necessário e indispensável auxílio e apoio do povo, que, através da Assembleia Nacional, ainda há dias confirmou ao Senhor Presidente do Conselho e ao Governo a sua vontade de assegurar a presença portuguesa nas nossas fronteiras de África.

Este mandato é um forte estímulo para os militares ao iniciarem-se os anos de 70, que amanhã começam. Sentimos com mais segurança que a Nação está connosco, e isso implica, necessàriamente, revisão de algumas ideias para mais eficiência das tropas. Assim, o melhor aproveitamento do pessoal, a especialização adequada, a diminuição dos gastos com as operações militares, a aquisição dos armamentos mais apropriados e o recurso cada vez maior á indústria nacional, constituirão preocupações constantes dos escalões de Governo e de Comando na esfera das Forças Armadas.

Haverá especial atenção para as condições de vida e de serviço das classes militares, particularmente as de menor graduação, para se obter o mais ajustado rendimento do conjunto.

E, a juntar a tantas preocupações, não afrouxará a vigilância activa de todo o território nacional, para assegurar o exercício da autoridade, com vista ao bem comum dos cidadãos e nos termos da Constituição.

Importa, também, no balanço militar dos últimos 10 anos, referir que procurámos honrar os nossos compromissos internacionais. Assim, a nossa participação na N. A. T. O. foi efectiva, várias estruturas se instalaram no Continente e nas Ilhas ao abrigo da Aliança e estão a funcionar, e participamos regularmente nos seus estudos e trabalhos. Em certa medida, depois de 20 anos de existência da N. A. T. O., também colaborámos para que fosse conservada a paz na Europa. Por outro lado, temos acordos militares com alguns países da N. A. T. O. que interessam especialmente á Metrópole, e mantemos a boa amizade militar com a Espanha, bem expressa nas Conferências dos Estados-Maiores Peninsulares que todos os anos se realizam. Penso que estas nações nossas amigas continuam a dedicar todo o interesse, como nós, a estes acordos.

Foi, assim, larga, extensa, variada e trabalhosa a caminhada das nossas Forças Armadas durante estes últimos 10 anos. Sulcando os mares e os ares, actuando nos sertões africanos, vigilantes em todo o território, combatendo, organizando e dirigindo, presentes em toda a parte onde houvesse um interesse da defesa militar do País, os nossos homens têm dado alta medida do seu valor, que tem as suas raízes no povo Sem ostentações e sem atitudes contestatárias, dentro do melhor espírito do dever. E, embora se recordem os chefes que se salientaram, os heróis surgidos, e, saudosamente, aqueles que desapareceram do nosso convívio pelo rigor das lutas, é a massa anónima das tropas, todos os anos renovada pela Nação, que mais avulta no nosso apreço.

Ao terminar as palavras que me propus dizer neste fim de ano faço votos pelas felicidades pessoais de todos os militares e das suas famílias para o Novo Ano. E a Deus pedem todos os militares que continue a manter-lhes o vigor necessário para dar á Nação a vitória final da sua razão.»

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

DEPARTAMENTO «S»:

«O HOMEM QUE MUDOU DE ROSTO»

Um homem deita-se e, na manhã seguinte, acorda com um rosto diferente.

Este o tema do episódio intitulado «O Homem que Mudou de Rosto», a transmitir cerca das 22 e 30, com Peter Wingarde, Joel Fabiani e Rosemary Nicols nos principais papéis.

SEGREDOS DO MAR:

A oceanografia em 69/70

Apresentado pelo comandante J. E. Ataíde, o programa «Segredos do Mar», que a R. T. P. transmite pelas 21 horas, inclui a exibição dos filmes: «Campanha Oceanográfica» e «Investigação Submarina», além de comentários sobre os «Objectivos militares e científicos aplicados ás pescas» e sobre a «Oceanografia em 1970».

Mensagens de Natal

Pelas 20 e 30, transmite-se a 2.ª e última das mensagens de Natal dos militares que se encontram em serviço na província ultramarina de Angola, e que foram registadas por uma equipa de enviados especiais da R. T. P.

II PROGRAMA

ZIP-ZIP

Cerca das 22 horas é apresentado o programa n.º 28 da série «Zip-Zip», transmitido na rede nacional em 1 do mês passado.

Recordemos que neste programa participaram: «Orfeão do Sport Lisboa e Benfica», «Jograis de Anteontem», Conjunto «O Contrôle», Joseé Barata Moura e, ainda, o cançonetista Long John Baldry.

TV JUVENIL

Além do magazine de actualidades internacionais — «Juventude no Mundo», o programa «TV Juvenil» inclui, ainda, a rubrica do dr. Joaquim Manuel Magalhães, «Os homens, os livros e as coisas».

TV Juvenil está «no ar» a partir das 19 e 45.

ESTUDANTES!
3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Prorama — 451 m — Às 16: Noticiário; 16 e 06: O Grupo Coral «Os Trabalhadores de Ferreira do Alentejo»; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Peneiro; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Uma Gota de Sangue e Renasce uma Vida, programa do Instituto Nacional de Sangue; 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Melodias por Orquestras; 20 e 40: 2.º Episódio do Folhetim «A Roça», de Fernando Reis, numa adaptação de Judith Navarro; 21: Jornal de actualidades, 21 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo de Medeiros; 22 e 05: O Homem e a Sociedade, pelo prof. dr. Ferreira de Almeida; 22 e 30: Fados, por Odete Mendes e Filipe Duarte; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecha.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Folclore do mundo — musica da Coreia; 16 e 10: Suite n.º 8, em fá menor (Haendel). Cravo; Anton Heiler; 16 e 25: Curiosidades musicais; 17 e 10: Musica de camara; 18: Musica portuguesa — Obras de Maria de Lurdes Martins; 19: Horizonte Literário, por Amandio César e Mário António; 19 e 15: O Canto e os seus Intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário sonoro — musica de piano de Erik Satie — Trois Gymnopédies, por Evelyn Crochet; 20 e 30: Musica de câmara; 21: Musica sinfónica

Programa MF 2 — 94,3 mc/s. — Às 23: A ópera em 3 actos «A Rapositinha Matreira» (Janecek); 0 e 35: Sonato em fá Maior K 332 (Mozart) Piano, Ingrid Haebler; 1: Fecho

Emissão Estereofónica — Às 21: Don Kirshner Cuts c/ coro; Tommy Reilly e sua harmónica de boca; musica de dança, 22: O Mar (Suite Sinfónica), de Debussy; Concerto brandeburgués n.º 4 em sol maior, de Bach; Musica para piano, de Chopin; 22 e 58: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de Abertura e noticiário; 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em foco... 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica tradicional e pastoral religiosas, 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura e noticiário; em órbita (contin.); 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecha.

Emissor de Miramar — 383,6 m 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 03: Primeiro plano; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radio-rama; 18 e 05: Claquete; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios, 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 25.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 11594 kc/s. — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8, das 10 ás 12 e das 19 ás 22; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2; **Clube Radiofónico de Portugal** — Dos 12 ás 14 e 30; **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 7

PROGRAMA DE HOJE

Às 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 10: Cartaz TV; 20 e 25: Ao Serviço da Nação; 20 e 55: Segredor do mar; 21 e 30: Telejornal; 22: Cinema sem estrelas; 22 e 30: Série policial; 23 e 25: Marcha do mundo; e Fecho.

II Programa: Às 21 e 30: Telejornal; 22: «Zip Zip»; 0 h.: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — Às 15: Telejornal; 15 e 10: Programa Feminino; 15 e 40: Culinária; 16 e 5: TV Infantil; 16 e 30: TV Educativa; 16 e 55: Desporto em câmara lenta; 17 e 5: Estudio sem marcação; 17 e 50: Teledesporto; 18 e 25: Homens e Aviões; 18 e 50: Presença do Brasil; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série Juvenil; 20 e 15: «...E a vida continua...»; 20 e 30: TV Mundo; 21 e 30: Telejorna.; 22 e 30: Estudio C; 23 h.: Série do Oeste; 23 e 55: Marcha do Mundo.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Noite de Teatro «A Estrada de Corceville»; 23 e 25: Fecho.

canal da crítica

NO «JOGO DA VERDADE» FOI PERDIDO O PRIMEIRO LANCE?

No princípio foi bailado, veio de Itália e chamava-se «Ertros». Pouco mais nos soube dizer Fernando Lima. E seria bem preciso que o soubesse. Seria bem preciso colocar, no caminho, alguns pontos de referência, para evitar que o nosso público, habituado ao «ballet» onde se conta uma história, se perdesse no escuro. Pedir ao telespectador que atentasse na extrema depuração dos movimentos, no seu contraponto, na sua aparente dissonância, no seu entrelaçamento tão perfeitamente integrado na tessitura musical que se diria estarmos em presença da própria visualização da musica. Fernando Lima não foi, portanto, o apresentador que a rubrica exigia.

No princípio foi isso, e no fim foi a palhaçada ianque com Bing-Bing-Bing-Sempre Bing-Crosby e Bob-Bob-Bob-Sempre Bob-Hope que me deixaram sempre very chateado, com suas gracinhas muito muito sempre muito audiorisíveis.

No meio do serão aconteceu «*O jogo da verdade*», série dramática em seis episódios.

Três factos importantes a assinalar:

— o facto de se tratar de um original português;

— o facto de ser autor dele Costa Ferreira, um escritor.

— o regresso da excelente actriz que é Eunice Muñoz, a quem, muito sensatamente, houve a preocupação de bem acompanhar por um actor de bons recursos: Sinde Filipe.

Chegando aqui, o cronista tem a sensação de haver dito o mais importante. Mais do que mera sensação: uma libertação com óptima base: tratou-se do primeiro episódio de uma série de seis, pode ser que as coisas melhorem.

Pode. É urgente que. Porque este «Pacto» deixou um

(Continua na página seguinte)

CONSTELLATION OMEGA
apresentador na
AGÊNCIA OFICIAL
RELOJOARIA MAURY
Rua do Ouro, 202 LISBOA

Homem ou Senhora para funções de importância em Agência de Publicidade

- Se possui boa cultura geral e deseja uma profissão onde se possa realizar.
- Se redige com facilidade e tem capacidade de argumentação.
- Se possui interesse pelos contactos humanos.
- Se é metódico, empreendedor e perseverante.

Escreva-nos indicando habilitações, situação militar, idade, actividades exercidas, e o que julgar conveniente. Poderá indicar o ordenado pretendido. Guarda-se sigilo. Resposta a este jornal ao n.º 396

GEFO — Gabinete de Estudos de Economia Finanças e Organização, Lda.

Rua do Rosário, 104-3.º, Dt.º — PORTO
Tel. 37676

SERVIÇOS DE RECRUTAMENTO E SELECÇÃO DE PESSOAL

DIRECTOR FABRIL

PRETENDE-SE: Para chefiar Fábrica de Tubos de Aço Galvanizado, actualmente em montagem, em Lourenço Marques; Curso de Engenharia Electrotécnica ou Mecânica; Elevada capacidade de Direcção, Julgamento e Decisão; Conhecimentos de Marketing; Completa fluência em Inglês falado e escrito; Elevado sentido das responsabilidades; Serviço Militar cumprido.

OFERECE-SE: Estágio de três meses no estrangeiro a iniciar em 1 de Março de 1970; Remuneração compatível com capacidade e experiência demonstradas; vantagens sociais extensivas a familiares.

Enviar resposta manuscrita ao Gefo, sob a ref.ª n.º 45/54/05, com «curriculum vitae» detalhado, do qual deve obrigatòriamente constar: idade, estado, habilitações e classificações académicas, anos de prática com indicação do ramo de actividade e vencimento pretendido.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

Compre a melhor vista de mar

comprando APARTAMENTOS MOBILADOS ou moradias a J. PIMENTA, S. A. R. L: em Cascais (Pampilheira)

A 1000 metros da praia e caminho de ferro, mercê duma situação privilegiada desfrutará duma vista panorâmica sobre o mar e Serra de Sintra.
Rendimento de 6 a 10 % garantido por escritura pública, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente.

Visite o apartamento-tipo em exposição na R. Reg. Infantaria, 19, n.º 30, em Cascais

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 58 43 e 4 78 43
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço. Permanente — Telefone 93 36 70

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Materiais de Construção

COMUNICADO

Informamos os nossos estimados clientes de Materiais de Construção que encerraremos, para efeitos de Balanço, os nossos estabelecimentos nas seguintes datas:

Estabelecimento da Amadora: dias 7, 8, 9 e 10 de Janeiro
» de Queluz : » 5 e 6 de Janeiro

Durante este período não poderemos fazer a entrega de materiais, pelo que agradecemos a todos os clientes que se abasteçam antes ou depois daquelas datas.

A ADMINISTRAÇÃO

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

travo de desagrado mais difícil de suportar quando se esperava *outra coisa*. Outra coisa que, sendo embora de impossível definição, se radica no grau da minha exigência em relação a Costa Ferreira, ao qual peço licença para aguardar mais algum tempo, a fim de podermos entrar, ambos, no «jogo da verdade».

Na impossibilidade de viver agora os episódios que estão para vir, não poderei furtar-me, como telespectador, a uma apreciação deste episódio.

Ressalta o seu carácter tão pouco teleteatral. Uma das características do teleteatro é a ausência, ou a quase ausência, do cenário, ou, de qualquer modo, a sua redução a caracteres essenciais. As pessoas, essas, estão em primeiro plano, á frente das coisas e não no meio das coisas.

Joana e Luís são íntimos entre si, mas não são íntimos do telespectador. Para que tal acontecesse, sobejaram as palavras e faltaram os silêncios. Por infelicidade nossa, era difícil acompanhar Luís e Joana naquele aluvião de pensamentos que não primaram sempre pela novidade nem pelo bom gosto da embalagem.

Acontece que, de súbito, o telespectador se vê envolvido numa trama que raia a história em fotogramas. Joana e Luís, já passantes dos 30 anos, conheceram-se em Paris. Ele turisticava á velocidade de 100 francos por dia; ela trabalhava á velocidade de 400 francos por semana, depois de haver beneficiado de uma bolsa para pintar. Ao fim de um mês, casavam-se sem nada conhecerem um do outro. Ela nem sabia que o Luís era escritor e gostava dele «por causa dos seus olhos de criança assustada» — explicação que nada explica, mas, enfim, não se pode exigir a uma pintora que se exprima decentemente por palavras. Tanto mais que, também para Joana, os olhos de Luís eram o calcanhar de Aquiles dele...

Casam, regressam a Portugal, a uma propriedade do Luís, e, ao pequeno almoço, enquanto comem «croissants», filosofam compactamente. Notvos a filosofar? Nem em Paris, Belchior amigo!

Luís, afinal, deve ser um fenadalzinho decadente lá do sítio. A governanta, a Hipólita, comanda um pelotão de cinco mulheres, só na cozinha! Joana, com todas as suas liberdades parisienses, parece caída num vespeiro de preconceitos, de provincianismos. Dá-se conta da situação, o que lhe proporciona novo material para filosofar. Logo a seguir, o pacto: ambos usarão, de um para o outro, a verdade, só a verdade e nada mais do que a verdade. Joana vai perguntar. Luís vai responder.

Será assim nos próximos episódios. Oxalá não se realize o que parece estar implícito no «pacto»: uma longa e aborrida demonstração de psicanálise...

«NA CORRENTE...» — FILME DE AUGUSTO CABRITA

O ano de 1969 terminou, como se costuma dizer, em beleza. Augusto Cabrita, que tantas obras de qualidade nos tem dado através da televisão, tomou sobre os seus ombros a espinhosa tarefa de nos falar sobre o tempo que vivemos.

Tarefa espinhosa, claro. Haveria que fugir a toda uma colecção de lugares-comuns próprios da época, festas felizes e um ano-novo muito próspero, o que passou não foi bom, mas o que virá há-de ser melhor, e assim por diante. Isto, traduzido por imagens, dá cá um destes fogos de artifício que nem queiram saber! Ou então paisagens muito calmas, etc., com moinhos de velas, velas de barco e também das outras, das que ardem, etc.

Augusto Cabrita escolheu o caminho da poesia. O caminho da convivência. Do diálogo. Aqueles pés, pendurados das muralhas, convergam uns com os outros. E eis que esfregam, friorentos, contam toda uma história de «gavroches» largados na cidade. Há um gesto de compreensão, de adesão para o comboio que «mastiga» a figura do homem, á espera: um gesto de denúncia de tudo quanto destrói a pessoa humana. Houve crianças, sem a demagogia das crianças; houve balões sem a demagogia do balãozinho colorido, poesia falsa dos falsos infrapoetas — os balões aconteceram nas ruas da cidade, passaram por ela como animais estranhos desajustados á violência dos embates. Augusto Cabrita não preparou nem fabricou. A vida como que veio ao seu encontro, tal a naturalidade com que Augusto Cabrita foi ao encontro dela.

Em fundo para as imagens surgiu-nos a música poderosa de Carlos Paredes, que pela primeira vez em público, se apresentou em guitarra clássica. Eis o inesperado se transforma num dos motivos de maior interesse. Dificilmente poderá esquecer-se, tão fundo se gravou em nós, o dramatismo com que Carlos Paredes acompanhou Augusto Cabrita neste seu mergulho «na corrente». Mergulho até perder o fôlego — mas sem nunca perder a lucidez.

MÁRIO CASTRIM

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

A emigração na arquidiocese de Braga

BRAGA, 2 — A importância do problema da emigração é sublinhada numa nota recente da Secretaria Arquiepiscopal de Braga, onde se lê que a situação continua a ser grave na arquidiocese. «Só em 1968 emigraram do distrito de Braga 8117 pessoas e do de Viana do Castelo 4161», revela o texto, tornado publico a propósito das celebrações do Dia Nacional do Emigrante, as quais estão marcadas para o próximo dia 11.

Entre outros aspectos, acrescenta a nota, «fica de pé o da assistência religiosa a esses fiéis, aos quais devemos, na medida do possível, procurar providenciar. Daí serem de louvar as vocações de missionários de emigrantes, sacerdotes, religiosos e leigos.»

NOVAS INSTALAÇÕES DO B. N. U. EM CASTELO BRANCO

CASTELO BRANCO, 2 — Foram inauguradas as novas instalações da filial do Banco Nacional Ultramarino nesta cidade. Trata-se de um magnífico imóvel erguido no Centro de Castelo Branco. Estiveram presentes o chefe do distrito, dr. Ascensão Azevedo e as principais autoridades militares, civis e eclesiásticas, bem como D. Luís Pereira Coutinho, vice-governador do B. N. U. que se fez acompanhar de altos funcionários daquele estabelecimento bancário.

Após uma visita a todas as dependências do estabelecimento, o que proporcionou o directo conhecimento das funcionais instalações, designadamente o seu cofre forte de singular concepção, todos os convidados se reuniram num beberete, servido nas instalações do edifício, durante o qual usaram da palavra vários oradores. O gerente da filial explanou primeiramente o sentido funcional daquela unidade bancária, pondo depois em foco a colaboração sempre recebida da cidade e de toda a região. O presidente da edilidade congratulou-se pela majestade que ao local oferece o belo imóvel agora inaugurado, salientando que ele se situa num conjunto urbanístico previsto e projectado, que muito irá valorizar a cidade. Por ultimo, o vice-governador do Banco Nacional Ultramarino, começou por se referir aos cinquenta anos de actividade do banco em Castelo Branco, aludindo depois ao carinho dispensado a todo o pessoal daquela casa, concluindo com palavras de simpatia para com o arquitecto da obra e para a cidade.

JUIZ CONSELHEIRO

Vicente Ribeiro Leite Sousa e Vasconcellos

Missa do 1.º aniversário

Maria Regina Quintanilha Vasconcellos Bosurgi, Vicente Quintanilha Vasconcellos, e mais familia, participam que será celebrada missa pelo seu eterno descanso dia 3 na Igreja do Loreto ás 12 horas, agradecem desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

JOAQUIM VITORINO DE OLIVEIRA GAGLIARDINI GRAÇA

Participação e missa do 7.º dia

Maria de Lourdes Pereira de Oliveira Gagliardini Graça, Etelvina Mota Gagliardini Graça, Joaquim Manuel Mota Gagliardini Graça, Pedro António Mota Gagliardini Graça, Maria Emilia Gagliardini Graça Pereira de Almeida e seu marido; António Manuel de Oliveira Gagliardini Graça e sua mulher e mais familia, participam o falecimento de seu filho, marido, pai, irmão, cunhado e parente ocorrido no passado dia 28, e que será celebrada missa por seu eterno descanso, amanhã, dia 3, pelas 12,30 horas, na Igreja de S. João de Brito.

AGÊNCIA BARATA

JOAQUIM VITORINO DE OLIVEIRA GAGLIARDINI GRAÇA

Participação e missa do 7.º dia

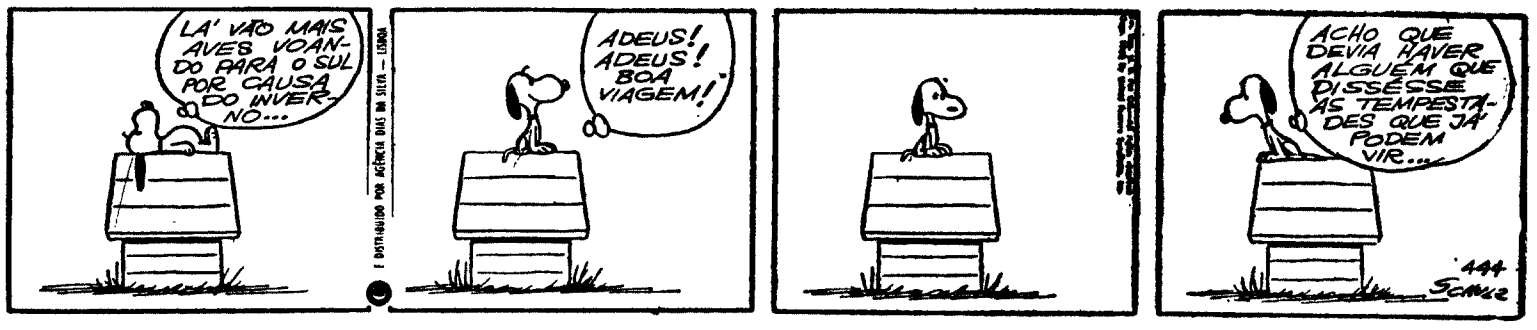
ESTAÇÃO DE SERVIÇO AUTOMÓVEIS BELAVISTA, LDA., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido Sócio-Gerente, Sr. Joaquim Vitorino Gagliardini Graça, ocorrido no passado dia 28, e que será celebrada missa por sua alma, amanhã, dia 3, às 12,30 horas, na Igreja de S. João de Brito.

Agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

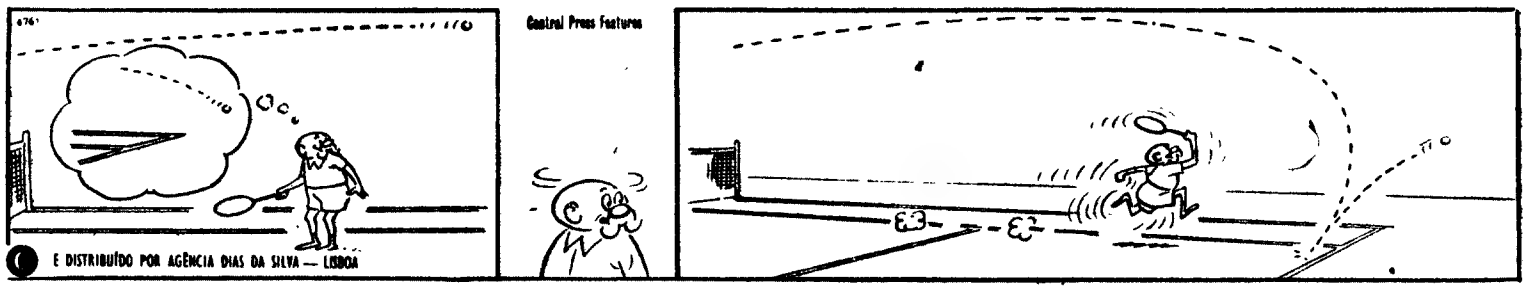
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5404

HORIZONTAIS: 1 — Estimas. Encostas. 2 — Fileira. Nome de fruto. 3 — Azáfama. Acreditá. Um dos pontos cardeais. 4 — Pronome pessoal. Procedia. Preposição latina que designa movimento. 5 — Aniversário. Rezas. Artigo definido. 6 — Rei da Baviera que atacado de loucura foi encliausurado no castelo de Fusstenried. Lavrei. 7 — Combina. Metal precioso de cor amarela. 8 — Artigo definido. Moeda portuguesa de Dio. Nota musical. 9 — Matemática (abrev.). Prego. Oferecer. 10 — Lavrei. Marca. 11 — Nome de frutos. Saudáveis.

VERTICAIS: 1 — Respeita. Ramalhete. 2 — Mesquinho. Xoile das mulheres índias e parses. 3 — Lavra. Base aérea portuguesa. Possui. 4 — Idem. (abrev.). Divisão de uma casa. Satélite de Júpiter. 5 — Bicho que aparece no queijo e na carne de porco mal curtida (Prov.). Numeral. 6 — Rio de Portugal. Encolerizas. 7 — Artigo definido. Terreno duro e liso onde se secam e malham cereais. Preposição e artigo definido (pl.). 8 — Samário (s. q.). Ilha situada no Pequeno Belt. Abreviatura de Santíssimo. 9 — Bigorne de aço sem hastes. Pronome possessivo. Claridade. 10 — Recua. Iguala. 11 — Resto. Entontecos.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1					■						
2							■				
3				■				■			
4			■	■					■		
5					■					■	
6	■					■					■
7		■					■				
8			■					■	■		
9				■					■		
10					■						
11							■				

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5403

HORIZONTAIS: 1 — Aspas. Aparo. 2 — QUEM. Orem. 3 — Unrar. Arame. 4 — En. Gordo. An. 5 — Mato. Sota. 6 — Re. ME. 7 — Ta. Pá. Um. Sa. 8 — Raparam. 9 — AVISA. AMIGO. 10 — Pilos. É. Área. 11 — Assar. Aroos.

VERTICAIS: 1 — Aquém. Trapa. 2 — Sunraro. Vis. 3 — Per. Te. Rios. 4 — Amago. Passa. 5 — Ro. Capa. 6 — Ru. 7 — Ad. Cura. 8 — Poros. Mamar. 9 — Ara. Om. Miro. 10 — Remates. Gea. 11 — Ameno. Atoas.

Provérbio: QUEM ME AVISA, AMIGO É.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9247

HORIZONTAIS: 1 — Freguesia do concelho de Melgaço. Terra lavrada. 2 — Braços de mar. Aduzir em defesa. 3 — Rezo. Acarinho. 4 — Futil. Carapa. O mais. 5 — Acrescentei. Ecoava. 6 — Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital. Mau cheiro. 7 — Blevar. Capa sem mangas. 8 — Pêlo de certos animais (Inv.º). Enganar. Étbio (s. q.). 9 — Ceifai. Greda. branca. 10 — Nome de néptril. Nome de mulher. 11 — Tribo indígena brasileira. Competidor.

VERTICAIS: 1 — Testemunho. Multidão. 2 — Vadia. Tragédia de Shakespeare. 3 — Animal doméstico. Czar da Russia cognominado «O Terrível». Grande. 4 — Artigo definido. Impermeável. 5 — Utensílios domésticos. Animais de rapina. 6 — Referente ao Sol. 7 — Oculta. Chefe etíope. 8 — Movia os remos. Tiroça. 9 — Procedi. Ferro temperado. Cento e quatro em romano. 10 — Figura das cartas de jogar. Comprime. 11 — Cifada. Praia.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9246

HORIZONTAIS: 1 — Parga. Traça. 2 — Amar. Siam. 3 — Ras. Pia. Alf. 4 — In. Crato. Am. 5 — Salão. Umira. 6 — Ais. MDIV. 7 — Pais. Aara. 8 — Ama. Boa. Nas. 9 — Ri. Parra. SS. 10 — Datar. Abata. 11 — Alão. Amos.

VERTICAIS: 1 — Paris. Panda. 2 — Amara. Amial. 3 — Ras. Laia. Ta. 4 — Gr. Cais. Pão. 5 — Prós. Bar. 6 — Tia. Port. 7 — Atum. Ara. 8 — Rs. Onda. Aba. 9 — Aia. Ivan. Am. 10 — Calar. Rasto. 11 — Amima. Ossos.

HÁ 30 ANOS

Na sua edição de 2 de Janeiro de 1940, o «Diário de Lisboa» publicava, sob o título «A primeira lampreia», as seguintes poucas linhas:

«SEIXAS DO MINHO — Pelos pescadores do rio Minho, desta povoação, foi capturada a primeira lampreia desta época. Foi vendida por 35 escudos».

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento na freguesia de Ferragudo, concelho de Lagoa, de uma modificação da linha aérea a 6 kV para o posto de transformação da Mexilhoeira, práticamente sem alteração no comprimento, entre o apoio n.º 5 e o posto de transformação e consistindo na substituição e deslocação do apoio n.º 6 e implantação de um novo apoio com o n.º 7.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 3 de Dezembro de 1969.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

ABERTURA DE NOVOS CURSOS

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«MOÇAMBIQUE»	13 de Janeiro	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.
«LEIXÕES»	13 de Janeiro	Lobito, Lourenço Marques e Beira.
«P. PERFEITO»	22 de Janeiro	Funchal, Luanda, Lobito, Durban, Lourenço Marques e Beira.
«MOÇÂMEDES»	24 de Janeiro	Leixões, Cabinda, Sazaire (se necessário) Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Moçâmedes e, se necessário, Porto Alexandre e Cuio.

• Com escala prévia por Leixões.

LISBOA — R. DO COMERCIO 85; TEL. 323021
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63; TEL. 22438

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O PROF. JORGE DE ARAÚJO AO «DIÁRIO DE LISBOA»

«OS MALES DO BASQUETEBOL SÃO COMUNS AO NÍVEL DESPORTIVO DO PAÍS»

• A eles não são alheios problemas educacionais e económicos

A fragilidade das estruturas do desporto em Portugal tem dado origem a uma modesta presença das representações nacionais nas competições europeias das diversas modalidades.

Embora em diversos escalões se tenha reconhecido a necessidade de uma urgente modificação das bases em que se processa a educação física, a verdade é que tudo permanece como dantes, e as equipas portuguesas continuam a competir sem ambições nem outros propósitos que não sejam os de uma presença honrosa.

Agora é a selecção nacional de juniores de basquetebol que vai participar, em Madrid, na Taça Latina da modalidade.

Antecipadamente destinada a ocupar uma posição entre os últimos, a equipa foi escolhida e treinada pelo professor Jorge de Araújo, que não se esqueceu a abordar, em vésperas da partida para a capital espanhola, alguns dos problemas relacionados com o basquetebol e os benefícios que podem resultar para a modalidade deste contacto internacional.

— *É evidente* — começou o professor Jorge de Araújo — *que o contacto internacional é importante como meio de avaliação do valor evolutivo de uma modalidade; estímulo dos praticantes e aumento do número de vivências sociais e culturais desses mesmos praticantes.*

E prosseguindo:

—*No entanto, essa importância necessita, igualmente, de uma justificação a nível nacional, através de uma acção baseada num tipo de pirâmide em que a base seja constituída por milhares de praticantes num plano de simples divertimento e compensação, e, portanto, exterior ás diferentes formas de competição, e em que os sucessivos «andares» dessa mesma pirâmide sejam formados pelo desporto escolar, pelo federado, existindo, por fim, a cúpula correspondente ás selecções nacionais dos diferentes escalões. Resumindo: o contacto internacional justifica-se como forma de concretização a um nível nacional, de uma anterior massificação desportiva, e nunca como meio de justificação aparente de uma determinada existência de modalidades e praticantes.*

— Como vê, então, esta deslocação a Madrid?

— *Para o desenvolvimento da modalidade ao nível nacional, esta deslocação não traz benefício algum, visto que sòmente os doze elementos seleccionados, e eu próprio, lucraremos: os jogadores, porque, mercê dessa deslocação, são obrigados a um treino mais intenso, para além do estímulo que retiram para seu futuro de praticantes; eu, porque sou levado a uma cuidada preparação de trabalho a realizar, para além do contacto com outros conceitos e opiniões. Pena é que, no entanto, após este confronto tudo volte á habitual monotonia, só voltando a repetir-se a hipótese em deslocações semelhantes quando se repetirem as condições em que o fazemos agora, ou seja, as despesas correm por conta da Federação Espanhola, á excepção do transporte Lisboa-Madrid e volta.*

— E está satisfeito com a equipa?

— *Ao nível nacional ela é francamente promissora. No entanto, se quisermos estabelecer qualquer tipo de comparação ao nivel internacional, teremos que reconhecer que poucas, ou nenhumas, hipóteses se lhe deparam.*

— Poucas possibilidades, portanto, na obtenção de resultados positivos?

— *Muito poucas, pois basta dizer-lhe que esta mesma equipa, o ano passado, nos Jogos da F. I. S. E. C., em que só participam equipas escolares, e onde defrontámos a Bélgica, França e Itália, perdemos bem todos esses jogos.*

E, sem detenças, o professor Jorge Araújo continuou:

— *Quero, aliás, referir que se tem divulgado que os componentes da nossa selecção de júniores são já possuídos de uma certa maturidade, pois todos actuam nos seus respectivos clubes na categoria de seniores. Eu, porém, pergunto: que maturidade podem as nossas equipas seniores dar a estes jovens no âmbito internacional, depois do que todos observámos nos recentes encontros Sporting-Real Madrid e Benfica-Fides?*

— Grandes males existem, portanto, na estrutura do nosso basquetebol? — insinuámos.

— *Os males do nosso basquetebol residem, como não podia deixar de ser, no mesmo ponto onde reside o mal de todo o nível desportivo do País, assim como, e isto não é uma simples opinião pessoal, nos problemas do seu nível educacional, económico, etc.*

Vários erros de base se têm cometido

O professor Jorge Araújo esplanava o seu pensamento com a habitual clareza que o caracteriza. Sem que o interrompessemos prosseguiu:

— *Para além do que citei já, existem erros de base que se têm cometido. Começo por referir que se disputam campeonatos escolares em que é permitido o acesso a atletas federados, sendo, portanto, aqueles campeonatos uma repetição dos federados, com a respectiva redução do número de praticantes. A maioria das pessoas considera que o fomento de uma determinada modalidade reside na sua prática prematura pelos jovens de idades entre os 10 e os 13 anos; ora este período é fundamental, sim, mas para aquisição de uma disponibilidade motora através de uma prática desportiva generalizada, e não de uma especialização por modalidades. Essa especialização com os seus aspectos de treino e de prática intensiva só deve aparecer no decorrer da adolescência, e, portanto, após, e não durante, aquele período etário. O que se verifica no nosso País é uma procura através dos organismos responsáveis, de uma realização única e exclusiva de um calendário de provas para jovens daquela idade, sujeitando-os desde logo a um trabalho de treino e vivências, de um ambiente, de competição hostil, que lhes é nocivo.*

E, depois de uma pausa:

— *Outro caso que posso citar, como exemplo, é o facto de aquilo que eu considero como um dos locais até hoje construídos que melhores condições reunia para a prática desportiva, única e exclusiva, ter vindo a ser gradualmente alterado, de modo a ser transformado num recinto para espectadores, em detrimento dos praticantes. É o caso do pavilhão da Ajuda, que, após a sua construção, se tem adulterado toda a sua estrutura, em prol da construção de locais e protecções para espectadores causadores de acidentes, áqueles que se entregam á sua utilização através da prática desportiva.*

Interviemos para perguntar:

— Mas, no seu parecer, qual é a melhor solução?

— *E minha opinião* — finalizou o prof. Jorge de Araújo — *o País já deria ter sido dotado dos recintos dedicados exclusivamente aos praticantes cuja construção e material não deveria ser muito oneroso, para além de estratègicamente colocados, junto das escolas primárias em especial, formando verdadeiras células de prática desportiva, como, por exemplo, se faz, actualmente, em Espanha, para não irmos mais longe.*

ANTÓNIO SANTOS

ANULADA A ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES DE «OS BELENENSES»

O presidente eleito de «Os Belenenses», Rodolfo da Silva Abrantes, transmitiu ao presidente da Junta Directiva a impossibilidade de assumir o cargo. Porque os motivos apresentados foram considerados reais e aceitáveis o presidente da Junta Directiva (na sua qualidade de presidente da Assembleia Geral), compreendendo a situação, anulou o acto de posse dos corpos gerentes eleitos, marcados para hoje.

Rodolfo da Silva Abrantes aceitou, porém, convite para assumir as funções de presidente da Comissão Administrativa do Estádio.

Oportunamente será marcada Assembleia Geral para nova eleição de corpos gerentes, mantendo-se, transitòriamente, em exercício a Junta Directiva.

SPORTING, 2-BELENENSES, 1 (RESERVAS)

QUEM PODERÁ SER DE «RESERVAS»?

Com toda a sinceridade o confessamos: se não somos de «reservas», depois do jogo de ontem entre Sporting e Belenenses, ainda menos. Não será possível a «onzes» constituídos por futebolistas caros proporcionarem espectáculo mais caro ao espectador?

Uma fase do encontro entre as «reservas» do Sporting e do Belenenses

A primeira parte, então, correspondeu a uma estopada. O recurso á falta apareceu em cada lance e a partida não teve um mínimo de ritmo.

Chega a ser chocante assistir a estes encontros em que os jogadores em campo estragam a beleza do futebol sem nada se importarem com isso. O jogo maldoso, que não o duro e atlético, tornou-se uma obsessão e é praticado a cada instante com o ar mais natural do mundo. Não se pense, no entanto, que imperou em Alvalade uma toada violenta. O que houve, em excepcional profusão, foi o jogo perigoso, o empurrão, a rasteira, sem acentuada dose de agressividade mas bastante para fazer do jogo um manancial de «lives».

A primeira oportunidade de golo (viriam depois inumeras) coube ao Belenenses, num remate de Quinito que Carvalho desviou, levando o couro a embater no poste. Não teve sorte o grupo «azul» nessa ocasião.

Contudo, os chutadores «leoninos» denunciavam maiores probabilidades de bater Serrano do que os «azuis» o de ultrapassar Carvalho. E, aos 41 minutos, Lourenço desferiu uma «brasa» que Serrano não deteve.

A maior diferença entre os conjuntos residiu nesse aspecto e no rendimento de várias pedras-base.

Mal começara o segundo tempo, Ernesto tirando partido de um fora de jogo, repôs a igualdade.

Isso trouxe ao Belenenses o benefício de imediata moralização e os «azuis» evolucionaram, a seguir, no relvado, como o não tinham mostrado antes. Valter atirou ao poste um remate soberbo e os dianteiros de Belém aproximaram-se do último reduto «verde» com assiduidade e decisão.

No entanto, o perigo estimulou também os «leões», resolvidos a não deixar fugir o comando da partida. A entrada de Manuel Duarte e Orlando contribuíu para a subida dos donos do campo, particularmente a daquele.

Nasceu, todavia, de um lance feliz a concretização do triunfo «verde». Manuel Duarte, lá da ponta direita, arrancou um centro-remate que surpreendeu Serrano a sair de sob os postes. Na tentativa de emendar a colocação o guarda-redes «azul» escorregou e não conseguiu evitar a entrada do esférico.

Equipas:

SPORTING — Carvalho; Celestino, Bastos, Armando (Orlando) e Manaca; Barão e Damì; Chico, Ernesto (M. Duarte), Lourenço e O. Duarte.

BELENENSES — Serrano; Murça, Freitas (Franquelim), Cardoso e Esteves; Luciano (Canário) e Quinito; Ernesto, Camolas, Valter e Godinho.

FRANCISCO CAMILO

O BEIRA-MAR GANHOU (2-1) À «RESERVA» DO BENFICA

AVEIRO, 2 — Uma equipa do Benfica perdeu ontem por 2-1 contra o Beira-Mar, num encontro de futebol disputado no Estádio Mário Duarte desta cidade e integrado nas comemorações do aniversário do clube local.

Sob a arbitragem de Henrique Costa, as equipas apresentaram as seguintes formações:

BEIRA-MAR — José Pereira (Diamantino); Loura, Eduardo, Soares e Almeida; Candido e Abdul; Colorado, Amaral (Mário), Cléo (Nélinho) e Jerónimo (Rocha).

BENFICA — Porfírio; Leal (Parvão), Messias, Zeca e Marques; Vítor Martins e Matine; Praia, Abel, Raul Aguas, (Antoninho) e Nené.

EM S. PAULO (BRASIL)

O MEXICANO MARTINEZ VENCEDOR DA «SÃO SILVESTRE»

SÃO PAULO, 2 — (A.N.I.) — O mexicano Juan Martinez foi o vencedor da corrida de São Silvestre, que pela quadragésima quinta vez se disputou nesta cidade, organizada pela «Gazeta Esportiva».

O segundo classificado foi o inglês Michael Tagg, a cerca de 20 metros, e o terceiro o jugoslavo Daniel Karica, seguido pelo norte-americano Eamnon O'Reilly e pelo mexicano Mário Perez.

O japonês Keisuke Sawari, tido por favorito, comandou no primeiro troço da prova, mas não aguentou o andamento na segunda parte.

«A 200 metros da meta, senti que ia ganhar, já que as pernas funcionavam perfeitamente, como pistões. O adversário mais perigoso era o inglês, e por isso reagi ao seu ataque final, que não me apanhou desprevenido.»

Foi desta forma que J. Martinez comentou a sua vitória e anunciou que para o ano voltará a disputar a corrida de S. Silvestre.

O português Morujo Julio classificou-se em 28.º lugar na classificação geral.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO DESPORT DESPORTO DESPORTO

Selecção de Juniores, 3 - Benfica, 1

Os «miúdos» da selecção já tem «boas» maneiras

Não deu a sensação de formar uma equipa poderosa, esta selecção de juniores constituída pelo dr. David Sequerra. Mas os rapazes já têm maneiras e, alguns deles, embora sem o fulgor de vedetas, parecem capazes d fazer carreira.

Isto foi a impressão por nós tirada na tarde de ontem, em Alvalade, depois do encontro entre os elementos indigitados para a turma das «quinas» e a representação do Benfica nessa categoria.

O primeiro golo surgiu aos 15 minutos e marcou-o Eurico. O benfiquista rematou de longe, a bola foi á trave e, no ressalto, bateu no ombro de Matos acabando por entrar.

Os seleccionados responderam no minuto imediato. Cardoso centrou com a conta precisa e Germano cabeceou como um homem...

Estabelecida a igualdade, a selecção buscou imediatamente uma situação de vantagem. Nesse período não concretizou os seus intentos, mesmo num excelente pontapé de Nando, em que a trave sacudiu o esférico para as nuvens. A Eurico sucedeu coisa parecida mas, desta vez, o remate foi de cabeça.

No segundo tempo os seleccionados exibiram-se melhor. Movimentação atacante de nível assinalável, permitiu-lhes a obtenção de um par de golos.

No primeiro Benfica visou supermente um canto alto das redes contrárias, o guarda-redes confiou erradamente, no seu golpe de vista e consentiu o tento. O outro saiu de um lance bem delineado que mereceu a conclusão vitoriosa verificada, através da «cabeça» bem dirigida de Germano.

Mesmo sem a compleição física ideal (não abunda a força entre os juniores portugueses) o combinado eleito revelou sentido de jogo, defesa que sabe bater-se, média que carrila a sua acção para uma actividade constante e profícua e linha avançada que se adquirir maior profundidade, poderá cumprir perfeitamente. Individualmente Germano e Nando deram nas vistas.

Os benfiquistas, desfalcados, produziram trabalho meritório durante a primeira metade. Eurico, quase homem feito, é futebolista com o futuro assegurado e Rachão jogou em alto plano.

Arbitragem fácil de António Anastácio.

As equipas alinharam assim:

SELECÇÃO — Matos; Fernando, Vítor Alves Miranda e Lino; Freixo e Belchior; César, Nando, Germano e Cardoso.

BENFICA — Morais; Orlando, Almeida, Rolo e Belo; Rachão e Ruca; Sanina, Jerónimo, Eurico e Lourenço.

Na selecção foram também utilizados os serviços de Baltasar, Pinhal, Vítor Pereira e Armando. O Benfica fez entrar Eduardo, Luís António e Guilherme.

Olhos postos no esférico, um futebolista junior domina, em bom estilo, a bola e o adversário

CICLISMO

OS «SEIS DIAS» DE MADRID

MADRID, 2 — (A. N. I.) — Os espanhóis perureña e Lopez Rodriguez ganharam a corrida de ciclismo os «seis dias de Madrid» ao cobrirem em 145 horas, o percurso de 2758 quilómetros com 13 790 voltas do Palácio dos Desportos de Madrid.

AUTOMOBILISMO

FERNANDO BATISTA (AUSTIN COOPER) VENCEDOR DO RALLYE DO «FIM DO ANO»

Organizado pelo Clube Arte e Sport, com a colaboração da Câmara Municipal e da Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz e da Sociedade de Turismo Figueira-Praia, terminou ontem, na Figueira da Foz, o 14.º Rallye do Fim do Ano.

Tendo partido de diversos pontos do País para concentração na Figueira da Foz onde se disputaram as duas provas complementares, estiveram presentes 42 concorrentes.

A vitória absoluta veio a pertencer a Fernando Batista que pela segundo ano consecutivo é o vencedor desta prova.

Os vencedores das provas complementares foram: Fernando Baptista (perícia e maneabilidade) e César Torres (Slalon).

A vitória em senhoras coube a Maria Teresa Torres, tendo sido Pedro Capela o primeiro dos iniciados.

OS MILÍMETROS IMPORTANTES

Por BANDEIRA DE LIMA

Raras vezes entramos num automóvel ainda que recente mas com alguns meses de uso, que não encontremos pequenos defeitos de suspensão susceptíveis de efeitos de elevada e não suspeitada monta.

As nossas estradas e as nossas ruas provocam esse pequenos defeitos — é um mal que há que aceitar. Mas na maior parte dos casos, e dados tanto os efeitos possíveis daquela deficiência como a fácil e rápida reparação, dificilmente entendemos que as pessoas esperem pelos «males maiores» que, inevitàvelmente, sobrevêm mais cedo ou mais tarde.

Na realidade, quase tudo principia pela deterioração das borrachas, por intermédio das quais são fixados os diversos elementos das suspensões.

Estas, devido ás irregularidades do piso, trabalham, principalmente, em pequenos debatimentos, menores que 2 centímetros. E a ineficiência daquelas pequenas, e pouco dispendiosas borrachas conduz a que, pelo menos uma parte da suspensão não chegue a funcionar efectivamente naqueles pequenos debatimentos, que se vêem incluídos nas folgas milimétricas das borrachas deterioradas. E o que dizemos a respeito do funcionamento das suspensões é, também, válido para a correcção da geometria de certas direcções, que, também, dependem de ligações baseadas em borrachas ou «silentblocs».

Vejamos, ràpidamente, alguns exemplos relativos aos citados casos de funcionamento de suspensões e correcção da geometria.

Uma grande parte das actuais suspensões dianteiras comporta uma barra estabilizadora que funciona á torsão e liga ambas as rodas entre si: destina-se, em curva, a transferir uma parte da carga da roda exterior á curva para a do lado oposto, menos carregada. Essa barra estabilizadora apoia-se em borrachas, as quais, uma vez deterioradas, permitem que outro movimento que não o de torsão seja transmitido ao estabilizador; e, por isso, o efeito de transferência de cargas que lhe está atribuído, diminui. Quanto aos amortecedores, passa-se outro tanto: montados sobre borrachas deterioradas, nos pequenos debatimentos da suspensão, o amortecedor ainda que em bom estado não chega a funcionar — o pequeno movimento da suspensão não lhe foi transmitido, em virtude de ter sido incluído nas folgas das borrachas.

Quanto aos aparelhos de direcção, a transmissão do movimento de uma a outra das rodas directrizes inclui sempre uniões baseadas em borracha, ordinàriamente do tipo «silentbloc». E a deterioração de um destes elementos, como fàcilmente se entende, dá sempre origem a que uma diferença exista sempre, de uma roda para a outra quando se vira o volante de qualquer quantidade: a geometria de Ackermann, a que corresponde a correcção prática das «quantidades» diferentes de que devem virar uma e outra das rodas dianteiras para que o carro descreva determinada curva não mais se verifica. A direcção deixa de ser rigorosa. E, no fim de contas, tudo se resume á substituição de pequenas borrachas.

Taça de Portugal

«OS NAZARENOS» VENCERAM (2-1) O ORIENTAL

No encontro de desempate da terceira eliminatória da Taça de Portugal disputado ontem na Nazaré entre as equipas de «Os Nazarenos» e do Oriental a vitória pertenceu aos primeiros por 2-1, qualificando-se assim para defrontar o Sporting Farense, no jogo referente á quarta eliminatória.

HOJE À NOITE

ANDEBOL DE SETE — Campeonato de Lisboa da 1.ª Divisão (reservas). Belenenses-Técnico, C. Ourique-Sporting e Almada-C. N. O. C. A., no pavilhão do Campo de Ourique a partir das 20 e 30 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa da Divisão de Honra, 1.ª categoria, ultima jornada: Sporting-Ateneu e Nacional-Benfica, ás 21 horas; Internacional-Atlético e Belenenses-Algés, ás 22 horas no pavilhão da Ajuda.

TÉNIS DE MESA — Campeonato individual de Lisboa, da 4.ª série, nas mesas da Rec. Apolo, Casa Pia, Rod. Cordeiro, Ávila, Arroios, Arte e Sport, Graça, Andorinha, Belenenses, Mirantense, G. D. Operário, Armadorense, Combatentes, Intendente, Castelo, Madre Deus Sporting e S. L. Águias.

— Campeonato de Lisboa, individual, de senhoras, 3.ª jornada da 1.ª fase nas mesas do Ferroviário, Sporting, Benfica e Ecomám.

ÀS GRANDES EMPRESAS E COMPANHIAS DE SEGUROS

PRÉDIO NOVO COMPLETAMENTE DEVOLUTO SITO NA R. D. ESTEFÂNIA, 24-24/A

COM RENDIMENTO ANUAL APROXIMADO DE: — 744 000$00

BASE: — 7 500 000$00

LEILÃO

DIA 5, às 11 horas

Por determinação do Meritíssimo Corregedor da 2.ª Vara Cível da comarca de Lisboa, nos autos de execução pendentes na 1.ª Secção, será posto em leilão, NO PRÓPRIO LOCAL, o prédio acima referido, que se compõe de cave — loja e sobre loja — rés-do-chão com 1 divisão e 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º andares com 5 divisões, cozinha e 2 casas de banho, descrito na 1.ª Conservatória do Registo Predial de Lisboa sob o n. 5698 a fls. 142 verso do livro B-25 e omisso na respectiva matriz.

N. B. — MOSTRA-SE DAS 14 ÀS 17 HORAS

A LEILOEIRA, LDA.

Av. 5 de Outubro, 23, 1.º — Lisboa — Tels.: 45934-46259

CTT — Correios e Telecomunicações de Portugal

EMPRESA PÚBLICA

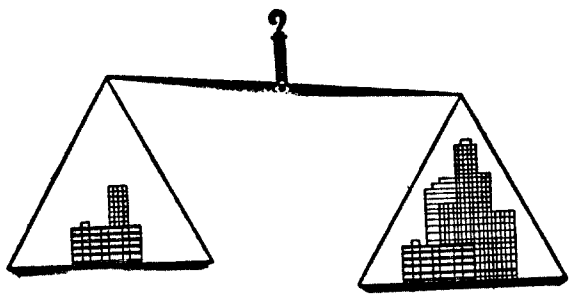
SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO

A partir do dia 2 às 24.00 h. os assinantes dos grupos de redes de **Caldas da Rainha, Vila Franca de Xira, Aveiro, Coimbra, Mealhada, Pombal, Figueira da Foz, Viseu e Covilhã** com acesso ao Serviço Interurbano Automático obtêm directamente os números dos telefones do grupo de redes de **Setúbal** marcando para o efeito o indicativo **015** seguido do número do telefone desejado.

J. PIMENTA, S. A. R. L.

1968

742 ANDARES E APARTAMENTOS CONSTRUÍDOS E VENDIDOS NO VALOR DE 161.011.220$40



1969

1.050 ANDARES E APARTAMENTOS CONSTRUÍDOS E VENDIDOS NO VALOR DE 242.800.000$00

ANDARES • APARTAMENTOS MOBILADOS • MORADIAS

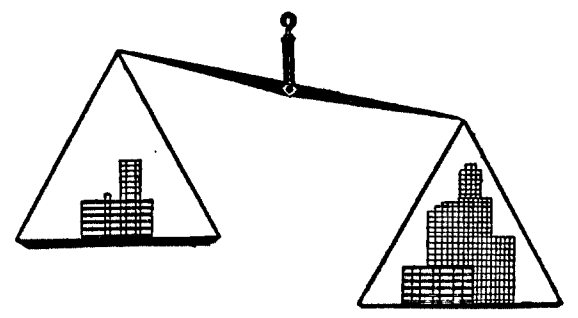
J. PIMENTA, S. A. R. L.

A MAIOR ORGANIZAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DO PAÍS NO SECTOR DE PROPRIEDADES. A ÚNICA QUE PROJECTA, CONSTRÓI, DECORA, VENDE E ADMINISTRA.

RENDIMENTO DE 6 a 10 %, GARANTIDO DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS À ESCOLHA DO CLIENTE, POR ESCRITURA PÚBLICA, MODALIDADE CONCEBIDA PARA A DEFESA DOS INTERESSES DOS CLIENTES.

1969

Mais um ano, em que vendendo 1.050 unidades, estabelecemos novo máximo e ultrapassámos o nosso plano que era de 1.000 apartamentos e andares.



1970

O maior ano em Propriedades. Previsão para 1.700 unidades a contruir em:

Espargal — Paço d'Arcos	=	1.000
Pampilheira — Cascais	=	200
Reboleira — Zona Sul	=	400
Lisboa — Olivais	=	100

O nosso impulso no fomento da habitação é cada vez maior de ano para ano, mercê da nossa iniciativa e da colaboração dos nossos prezados clientes. Não vá em conversas, peça informações nos nossos escritórios ou aos nossos clientes, porque só nós ou eles lhes poderemos contar a verdade.

150 Contos rendem-lhe 950$00 mensais

Locais onde temos propriedades à venda: REBOLEIRA, AMADORA, PAÇO D'ARCOS, PAREDE, CASCAIS e LISBOA

Materiais de construção — 1969 — 39.474 contos de vendas

Somos uma empresa virada para o futuro alicerçada em infra-estruturas poderosas.
Paralelamente à nossa actividade industrial desenvolvemos o comércio de materiais de construção em larga escala com Estabelecimentos de venda ao público em: AVENIDA SANTOS MATOS, 10 — AMADORA e RUA D. MARIA I, 30 — QUELUZ
e a partir de 22-2-1970 na: PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, 15 — LISBOA.

Além destes estabelecimentos possuimos uma equipa de vendedores devidamente especializada nos diversos materiais que fornecemos ao público em geral e à própria indústria de construção civil.

Toda a gama de Materiais de Construção, electro-domésticos, decoração e artesanato, poderá ser adquirida nos nossos estabelecimentos ou através dos nossos vendedores.

FELIZ ANO NOVO

Ao entrarmos em 1970, desejamos a todos os nossos Clientes, Fornecedores, Amigos e ao público em geral um ano cheio de venturas.

J. PIMENTA, S. A. R. L.

ESCRITÓRIOS: LISBOA — PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, N.º 15-1.º — TELEFONES 45843 E 47843.
QUELUZ — RUA D. MARIA I, 30 — TELEFONES 952021/22; AMADORA-REBOLEIRA, TELEFONE 933670.
PAÇO D'ARCOS-ESPARGAL, TELEFONE 2433511; CASCAIS, RUA REGIMENTO INFANTARIA 19, N.º 30.

CARTAZ DOS CINEMAS

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
TECHNICOLOR—2.ª SEMANA
KATHARINE HEPBURN é

A LOUCA DE CHAILLOT

com Danny Kaye, Giulietta Massina, Paul Henreid, Yul Brynner, Charles Boyer, Richard Chamberlain, Nanette Newman e John Gavin

ESTÚDIO

(M 6 anos Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
TECHNICOLOR

AS AVENTURAS DE PETER PAN

TIVOLI

(M 12 anos Tel. 50595
Às 3 e 6 1. da tarde (a p. red.) e 9.30 da noite
EM 3.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARAVEL em TODD-AO cor de Luxe com
BARBRA STREISAND

HELLO, DOLLY

UMA MARAVILHA

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
EM 11.ª SEMANA
Vanessa Redgrave, a melhor actriz do ano, no excepcional filme

ISADORA

TECHNICOLOR

Metro Estação Picoas

CASINO ESTORIL

(M 12 anos) Tel. 260729
Às 1. 21.30

OLHOS VERDES, LOIRA E PERIGOSA

com Zero Mostel e Kim Novak

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Às 21 horas

A PERVERSA CATARINA, IMPERATRIZ DA RÚSSIA

RESTELO

(M. 12 anos) Tel. 610375
ÀS 21.30 H.

SHERIFF PRECISA-SE

com James Garner e Joan Hackekt

SÃO JORGE

(17 anos) Telefs. 5 41 53/4
HOJE: Às 15.00, 18.15 e 21.30
JAMES BOND VOLTOU!
MAIS DURO, MAIS VIOLENTO! EM

007 AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE

com George Lazenby — Diana Rigg — Telly Savalas

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
INAUGURAÇÃO DO FESTIVAL DE TEATRO PARISIENSE
Às 6.15 da tarde e ás 10 da noite
A admirável comédia de Barillet e Gredy

QUARANTE CARATS

ALVALADE

(M 6 anos Tel. 763080
.15 e 21.45
SEMANA

SE O MEU CARRO FALASSE...

com Dean Jones, Michele Lee e Herbie

AVIS

(M. 12 anos Tel. 47163
21.45
3.ª SEMANA
ROGER MOORE na sua mais espectacular aventura!

O «SANTO» EM ACÇÃO

com Sylvia Syms
EASTMANCOLOR

VOX

(M 12 anos) Tel. 720803
Às 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA DE ÊXITO

O GOLPE DE OURO

com Anne Heywood, Richard Crenna e Fred Astaire, numa orignal história

R. Bulhão Pato (à Av. Roma)

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
CANTINFLAS em

D. QUIXOTE SEM MANCHA

CONDES

Tel. 522523-328710
Às 15.15 e 18.15
3.ª SEMANA
(Para todos)

ASTÉRIX E CLEÓPATRA

(Colorido)
Só á noite ás 21.30 (adultos)
Versão integral — 5.ª SEMANA
A LIÇÃO PARTICULAR

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
ÀS 21.30
O ULTIMO FILME DE JAMES BOND

007 AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE

c/ George Lizenby e Diana Rigg
Panavision — Eastmancolor

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.00 e 21.30
EM 3.ª SEMANA

GOODBYE, MR. CHIPS

com Peter O'Toole, Petula Clark e «Sir» Michael Redgrave

QUINZENA INFANTIL
(M/ 6 anos — HOJE — 18.30 h.
A GATA BORRALHEIRA, de Walt Disney
Ultima exibição em Portugal desta obra-prima

LIDO

Praça D. João I — AMADORA
Tel. 937593
(M. 17 anos) Às 21.30 h.
Um filme que define o novo pensamento cinematográfico!

CERIMÓNIA SECRETA

com Elizabeth Taylor — Mia Farrow — Robert Mitchum

ODEON

(M 6 anos Tel. 326283
Às 15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
SÓ ATÉ DOMINGO:
O MARAVILHOSO FILME FAVORITO DAS CRIANÇAS

MARCELINO PÃO E VINHO

grande criação do pequeno actor PABLITO CALVO
A HISTÓRIA DE UM GAROTO PERANTE UM MILAGRE DO DIVINO JESUS

LIZ

(Adultos Tel 48560

UMA CARREIRA SENSACIONAL MOMENTO A MOMENTO

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
HOJE: Às 18.30 e 21.30 h.
EM CONTINUAÇÃO DE ESTREIA
7.ª SEMANA
A espantosa comédia de PIETRO GERMI

DIVÓRCIO A ITALIANA

com Marcello Mastroianni

POLITEAMA

(M. 17 anos) Tel. 326305
HOJE: As 15 e 15 e ás 21 e 30
2.ª SEMANA
do filme de grande classe espectacular

A PELE DE UM MALANDRO

com o famoso idolo CLINT EASTWOOD

HOJE, ÀS 18.30 —— (Adultos)
SESSÃO CLÁSSICA

IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933
Às 2. horas
O MARIDO É MEU, MATO-O QUANDO ME APETECER
O CIRCO DO TERROR

EUROPA

(M 12 anos) Tel. 661016
Às 15.15

D. QUIXOTE SEM MANCHA

Às 21.30 (M. 17 anos)

A QUADRILHA SELVAGEM

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 30: «Nova Companhia de Circo» (6 anos).

TEATROS

MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Espenteza Saloia» (17 anos)
MONUMENTAL—Às 21 e 45: «Os elefantes não sentem as pulgas» (17 anos)
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 23: «O vison voador» (17 anos)
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Tombo no Inferno» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Fonja» (17 anos)
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Ena já fala» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 21: «Armadilha para um foragido» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Anjos rebeldes» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «O homem, o orgulho e a vingança» (17 anos)
CINEARTE — Às 21: «Em território inimigo» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «A magia da mulher» (17 anos)
PARIS — Às 21 «Charley» (17 anos)

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Mayerling» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Olhos verdes, loira e perigosa» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e ... «O grande ajuste de contas»

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Gangsteres em Roma» (17 anos).

Teatro Maria Matos
AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS (à av. ROMA) TELEF. 717017
— Maiores 17 anos —
HOJE, ÀS 21.45 HORAS
Quase com 100 representações
SÓ ATÉ DOMINGO
A CORAJOSA PEÇA de AQUILINO RIBEIRO
TOMBO NO INFERNO
com direcção de Igrejas Caeiro

AMANHÃ
Última tarde a preços POPULARÍSSIMOS
Domingo último dia, à tarde e à noite, aos jovens dos 17 aos 24 anos, desconto de 50%

BREVEMENTE
a teatralização de Stau Monteiro e Artur Ramos
«A RELÍQUIA» ... OZ

DISCOS Estab. MELODIA
LISBOA—R. DO CARMO, 28
PORTO—R. DE S.TA CATARINA, 360
R. DE S.TO ANTÓNIO, 36

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno L

ALAMEDA — Esperança, R. Carlos Mardel, 0-B (722868)
ALCÂNTARA — Nogueira, R. da Creche 2 (63 635)
ALTO S. JOÃO — Oriente, R. Lopes, 20 (84338) ✲ Teles, R. João de Barros, 2 (638249)
ALVALADE — Brisália, Av. Rio de Janeiro 66 (722368) ✲ Cartaxo, Av. da Igreja 2-C (776358)
AMOREIRAS — D. João V, R. D. João V 6-C (682772)
ANJOS — Matos, R. Álvaro Coutinho, 4047
AREEIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B-C (7 5370) ✲ João XXI, Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 2 (72772) Av. João XXI 6-A (726462) ✲
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. 5 de Outubro 47-A (763107) ✲ Avenidas Av. da Republica, 27-A (533688 ✲ Império, Rua Filipe Folque, 40-A-B (48002) ✲ Palma, Av. Duque de Ávila, 25 (47088)
BAIRRO AZUL — Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 7-A (51451)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 21 n.º 4 (311216).
BAIXA — Americana, Calç. de Santana, 3 (863984) Costa, Praça da Figueira 6-B/C (Tel. 32838)
BELÉM — Remisio, R. dos Jerónimos, 4-C (63 699) ✲ Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (63 958)
BENFICA — Lisboa, R. Claudio Nunes, Lote 2 (703393) ✲ Sousa, Est. de Benfica, 429-431 (780027)
CAMÕES — Combro, Calç. do Combro, 78 (326059) ✲ Azevedo Irmão & Veiga, R. do Misericórdia, 24 (323540)
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (688857) ✲ Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (671667)
CAMPOLIDE — Lab., R. Rodrigo da Fonseca, 01-101 A (682333) ✲ Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (680627)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (780181).
CONDE REDONDO — Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (52076)
ENTRECAMPOS — Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (774920)
ESTEFÂNIA — Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (44438).
ESTRELA E LAPA — Central da Lapa, Rua dos Navegantes, 10 (661734)
GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867842) ✲ Rosa & Viegas, R. de S. Vicente, 31 (864351) ✲ Bastos Andrade, Calç. de St.º André, 107-111 (860450) ✲ Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (862333).
LUMIAR — Alameda, Av. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ✲ S. Tome, Est. do Desvio, Lote 2-C (790704)
MADRAGOA — Lealdade, R. do Olival 226 (66344)
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 9 (3 237)
PALHAVÃ — Aguilar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro 98-A (764629)
PATRIARCAL — São Marçal, R. de S. Marçal 00 (3253 8)
PENHA DE FRANÇA — Carrondo, Rua Padre Sena Freitas 10-A (8425 8.
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa 6-A (728395 e 720703)
SÉ — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (863632)
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Salter, Rua de Xabregas, 63-65 (381 85)
MOSCAVIDE — Império — Rua Olivença 44 (Tel. 251 820)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212081).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro -A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto 86 (Telefone 2432034
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).
PAREDE — Aisir, Av. Gago Coutinho (Bairro das Caixas de Previdência) (Tel. 2472948).
ESTORIL — São João — São João do Estoril (Tel. 26 86)
MONTE ESTORIL — Costa, Av. Saboia, 29-B (260085)
CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (Tel. 280073) A. Costa — Rua Freitas Reis 24-A Telef. 2802 4

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Av. D. Nuno Álvares Pereira), 15-A (Tel. 938 49)
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523)
QUELUZ — Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117) ✲ Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)
SINTRA — Misericórdia — Largo dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)
VENDA NOVA — Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tel. 933920).

COLARES — Colares — Abreiro (Tel. 299089)

● Outra Banda

ALC... — Coronel Ramos da Costa 0 (2841871)
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos ... 240201
ALMADA — Algarve, R. Fernão Lopes, (Tel. 27027)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional Telefone 224302)
BARREIRO — Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2273212).
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, ... 52 — 270
MOITA — Silva Rocha — P. da Republica, 16 (Tel. 239029).
MONTIJO — ... Bulhão ...
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)
SETUBAL — Rosado Pinto, P. do Bocage (22484 ✲ Nova, R. General Gomes Freire 22052).
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 5 (Tel. 2 3580

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS E ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 861353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla 538321 ✲ Gazcidla idem feriados 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 Voluntários, 538524
POLICIA e G. N. R. — serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Maritima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G. N. R. (área rural) 36865
SAUDE — Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência 43738 ✲ Hospital de Santa Maria 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029 ✲ Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 ✲ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação maritima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Maritima de Rocha 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef 535203
ESPECIALIDADES DIARIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

RESTAURANTE
antónio
COZINHA PORTUGUESA
Diàriamente açorda de lagosta
AR CONDICIONADO
ABERTO AOS DOMINGOS
R. TOMÁS RIBEIRO, 63

NOVO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
ALEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
CABRITO CONSTIPADO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Tel 536080

POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
A PARTIR DAS 23 HORAS
(M. 17 anos)
COM O CONJUNTO DE HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D
(à Av. Duque de Loulé)

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa

DL

Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.

Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5

End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

NOVOS PREÇOS DOS PARQUES

de estacionamento de automóveis em Lisboa

Com o princípio do ano, o publico (automobilista) foi surpreendido pelo aumento de preço do estacionamento nos parques, que subiu para o dobro na generalidade dos casos, ou seja: de 2$50 para 5$00 As senhas de 1$50 (estacionamento só até um máximo de 1 horas) aumentaram, por sua vez, para 2$00. O publico desconhecia por completo a disposição, e, evidentemente, protestou — evidentemente também, sem qualquer resultado.

As novas tabelas dos parques de estacionamento entraram ontem em vigor, mas foi a partir de hoje que elas se tornaram mais notadas, dado que nos domingos e feriados sobre haver muito menos movimento, a maioria dos parques não funciona.

Além de haver protestos generalizados por parte dos utentes dos parques — que não obstante, claro, continuaram cheios, a abarrotar... — houve um ou outro automobilista mais irritado e reivindicativo, que se recusou a pagar. O remédio, como nos disse um dos guardas de um dos parques em que isso se deu (no Terreiro do Paço) foi chamar o fiscal e remeter o caso para a Secção de Transito da P. S. P.

Os próprios guardas dos parques de estacionamento só na quarta-feira á noite tiveram conhecimento do aumento do preço do estacionamento — e ainda nem há senhas impressas com o custo das novas taxas. Assim, os guardas têm de dar duas senhas em vez de uma, como **quitação** pelo pagamento dos 5$00.

Mas quem ordenou o aumento e por que não houve a devida publicação quanto ao mesmo para o publico não ser apanhado desprevenido — eis a (pergunta) que muitas pessoas fizeram. A resposta á primeira pergunta dá-a o Decreto-Lei 49 438, de 11 de Dezembro ultimo, que veio permitir a subida de toda uma série de taxas, licenças e emolumentos a pagar aos governos-civis, administrações de bairro, corpos administrativos e serviços policiais. De acordo com o decreto, e tabela anexa, as taxas nos parques de estacionamento podem ir no **máximo**, até aos preços que agora se passaram a cobrar nos parques de Lisboa. E a decisão foi tomada na ultima reunião da Camara Municipal de Lisboa — no dia 30 de Dezembro ultimo.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS — O céu estava muito nublado, e o vento era moderado, ou forte do Leste, e chovia em vários locais a sul do rio Douro

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto: 7°; Penhas Douradas, —2°; Coimbra, 6°; Lisboa 7°; Faro, 10°; Funchal, 18°

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na água do mar: 13°,4; na atmosfera: 8°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

A partir da tarde, céu muito nublado, vento moderado ou forte do quadrante Sul, por vezes com rajadas. Períodos de chuva ou aguaceiros, por vezes fortes, possibilidade de trovoadas.

Amanhã
Nascer ás 8 e 55
Ocaso ás 18 e 27

Dia 7 Dia 14 Dia 22 Dia 30

MARES:

PREIA-MAR: **Dia 2** — 10 e 58 (3,3 m); 23 e 43 (3,3 m) **Dia 3** — 12 e 32 (3,3 m). BAIXA-MAR — **Dia 2** — 4 e 33 (1,7 m); 17 e 17 (1,5 m) **Dia 3** — 5 e 48 (1,6 m); (18 e 20 (1,4 m)

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

No proximo Domingo, será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente electrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de conservação e ampliação das nossas redes.

3.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua do Arco a Alcântara, entre os n.os 21 a 25, e 28 a 52. (Das 8 ás 12 horas).

8.º Sector — Av. Madrid, de 13-A a 28-A. (Das 8 ás 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras, Buraca:** Rua Tristão Vaz, Estrada n.º 6, Rua Egas Moniz, Rua António Ferro, Rua Padre Cruz, Rua Padre Francisco Moreira da Silva, Rua Trindade Coelho e Praceta Conde de Arnoso. (Das 8 ás 15 horas).

2.ª Zona — Alfragide: Rua da Aviação Portuguesa, Rua Pais Ramos, Rua Alexandre Sales e Av. Brito Pais. (Das 8 ás 15 horas).

3. Zona — **Concelho de Oeiras:** Algés, Rua João Chagas, Av.ª dos Combatentes da Grande Guerra (parte e imediações). (Das 8 ás 15 horas).

4. Zona — Dafundo: Bairro de São Mateus e imediações (Das 8 ás 17 horas).

5.ª Zona — **Concelho de Cascais** Cascais: Rua Afonso Lopes Vieira, Rua Cesário Verde, Rua do Cobre e Av. do Ultramar (parte). (Das 8 ás 15 horas).

6. Zona — Alcabideche (parte Sul). (Das 8 ás 12 horas).

7. Zona — **Concelho de Sintra.** Algueirão: Rua Luís de Camões e transversais, Rua Vasco da Gama e transversais. Rua Eng. Gomes da Silva, Av. D. Afonso Henriques e Rua Capitão Américo dos Santos. (Das 9 ás 15 horas).

8. Zona — Carrascal e Morelinho. (Das 8 ás 15 horas).

Concelho do Cartaxo: Cruz do Campo e linha de Alta Tensão entre Cruz do Campo e Cartaxo. (Das 8 ás 13 horas)

Concelho de Vila Franca de Xira: V. Franca de Xira; Povos (parte), A-dos-Bispos, Cachoeiras, Ronduria, Quintas, Casal da Coxa. (Das 8 ás 11 horas).

Concelho da Arruda dos Vinhos: Rádio Farol da Quinta da Serra e Antas (Das 8 ás 11 horas).

Concelho de Alenquer: Cadafais, Santana da Carnota. (Das 8 ás 11 horas).

Rotary Clube

Consagrada ao Dia dos Reis realiza-se, no próximo dia 6, uma reunião de companheirismo do Rotary Clube de Lisboa

A reunião efectua-se ás 12 e 45, no decorrer de um almoço, no Hotel Tivoli.

De vez em quando

A propósito da mudança de horário dos comboios da linha do Estoril, que afectou realmente a maioria dos seus utentes (e não a minoria, como querem fazer-nos acreditar), e do substancial aumento de preços dos respectivos bilhetes (mais substancial do que nós próprios julgávamos ser possível) ouvimos hoje dezenas de queixumes e protestos dos passageiros de um minicomboio que se encheu na Parede, se superlotou em Carcavelos e veio apinhado de Algés até ao Cais do Sodré. Mas houve um que pôs o dedo na ferida: «A culpa não é da empresa. Eu cá se fosse administrador fazia o mesmo. A culpa é de quem permitiu que estes aumentos se fizessem e aprovou os horários.» Voz do povo

V. D.

Mensagens do Natal

A R. T. P. começou a transmitir ontem mensagens dos soldados em serviço nas províncias ultramarinas de Angola e Moçambique

O horário das emissões é o seguinte:

Angola, amanhã ás 20 e 30; Moçambique, dia 5 ás 20 e 35, dia 6 ás 20 e 25, dia 7 ás 20 e 25, dia 9 ás 20 e 30

CINEMA AMADOR (página central)

Temas em discussão:

● **A CRIANÇA E O LIVRO,** MESA-REDONDA EM QUE INTERVIERAM ANTÓNIO TORRADO, CALVET DE MAGALHÃES, LÍLIA DA FONSECA, MÁRIO CASTRIM, MATILDE ROSA ARAÚJO E RUI GRÁCIO ● **REALIDADES E PERSPECTIVAS DO CINEMA AMADOR,** ESTUDO ELABORADO PELA SECÇÃO DE CINEMA DO ATENEU DE COIMBRA ● **ACUDA-SE AO ENSINO TÉCNICO,** CARTA DE UM LEITOR.

A PROPÓSITO DA GRÉCIA...

Uma certa ideia da Europa

JOSÉ AUGUSTO SEABRA

Dois factos de relevância irrecusável para o futuro da Europa, e que importa não deixar de assinalar, tiveram lugar nos últimos tempos. Um situa-se predominantemente no plano económico, o outro no plano político. Referimo-nos, por ordem cronológica respectiva, à reunião da Comunidade Económica Europeia, que se realizou na Haia, e à reunião do Conselho da Europa, efectuada há poucos dias em Paris. A primeira, ao admitir o princípio do alargamento do Mercado Comum à Grã-Bretanha e a outros países da Associação Europeia do Comércio Livre, de que Portugal faz parte, terá inevitáveis incidências no desenvolvimento de todas as parcelas integrantes dos dois espaços económicos, que assim tendem a fundir-se, acentuando a sua sobreposição às fronteiras nacionais dos actuais e próximos associados. A segunda, ao condenar a inexistência de instituições políticas democráticas num dos países membros, forçando pràticamente o governo militar da Grécia a retirar-se do Conselho, pôs pela primeira vez de forma aguda no após-guerra o problema da incompatibilidade entre os princípios proclamados pelos regimes ocidentais e a persistência, neste mesmo ocidente europeu, de regimes em que esses princípios são violados.

Não havendo pròpriamente relação de causa a efeito entre estes dois factos, que se inscrevem cada um deles em órbitas diversas, a sua coincidência não deixa de constituir só por si um acontecimento em que há interferências recíprocas evidentes, por paradoxal que a alguns isso possa parecer. A história quase nunca obedece a uma lógica linear, e muito menos determinista, e não raramente vários problemas se lhe põem, por vias oblíquias, ao mesmo tempo, vindo acentuar contradições que permaneciam subterrâneas ou ocultas.

Sem pretender fazer aqui um comentário especificamente político das consequências decorrentes de uma tal coincidência, queremos apenas salientar estes factos como ponto de partida para algumas reflexões que transcendem o plano circunstancialmente imediato.

Se a realidade internacional mais recente por de mais nos habituou ao predomínio das razões de Estado e dos interesses das grandes potências — sejam eles económicos, estratégicos ou ideológicos — sobre o direito e a moral, criando, por vezes, a impressão da impotência das opiniões públicas perante factos consumados, como a guerra do Vietnam, a invasão da Checoslováquia ou o conflito do Biafra, para só citar alguns exemplos, poderia pensar-se que, num momento em que problemas económicos e financeiros prementes preocupavam os Governos dos países do Ocidente da Europa, e em plena euforia de um acordo em que não se pode, todavia, dizer que primassem os interesses dos pequenos povos ou simplesmente dos povos *tout court,* uma vez mais um povo oprimido como o da Grécia seria abandonado à sua sorte. Ora aconteceu — e para ter disso consciência bastará ter-se lido a Imprensa internacional de todos os quadrantes políticos — que certos Governos sobre os quais «outro poder mais alto se levanta» tiveram que associar-se, finalmente, mesmo se com hesitações e reticências, ao movimento geral de repulsa perante a violação dos Direitos do Homem e das mais elementares normas democráticas pelos coronéis gregos. Os observadores e comentadores atentos, das mais variadas tendências, não deixaram de insistir no facto de que a primeira prova por que passava a Europa em fase de «consolidação» e de «abertura» seria a posição assumida perante a questão da Grécia. A contradição entre certos princípios e uma certa realidade vinham, assim, à tona: seria possível, na perspectiva de uma Europa não apenas económica mas política — e para já no seio de um organismo criado para defender o primado do direito e da democracia — tolerar um regime que se situa nos seus antípodas? A evidência dessa incompatibilidade intrínseca fez inclinar a balança no sentido da exclusão da Grécia, e foi numa última, mas demasiado tardia, tentativa para salvar a face, que esta abandonou o Conselho «in extremis».

Continua na página 8

Na passagem do ano

Prognósticos felizes para o ano 2000
Desenho de João Abel

espelho da imprensa

«O problema das rendas altas»

«Cônscio de que a nossa Associação de há muito traçou caminho face ao gravíssimo problema habitacional supomos, todavia, que nunca será demais renovar considerações sobre tão importante assunto, dada a campanha fomentada nos meios «senhoriais-proprietários» para aumento de rendas de casa.

Acompanhando-a, portanto, na sua luta pelo bem-estar dos inquilinos portugueses e pela manutenção das rendas actuais, abordaremos o tema das rendas altas, que a maioria da população se vê obrigada e forçada a pagar por não ter outra saída para o conseguimento de uma casa de renda modesta.

Com efeito, verifica-se que muitas rendas em prédios novos e até em velhos (estes, passando por novos com uma ligeira ensaboadela pelo exterior), estão alcançando preços fantásticos, verdadeiramente incomportáveis para o nível de vida que se está operando. Sem rebuço e sem vergonha pede-se por quatro assoalhadas, cozinha e casa de banho a «aliciante» e «bem modesta» quantia de 4000 escudos por mês!!!

É verdade, quatro mil escudos por mês!!!

Pergunta-se:

Estaremos ainda nos princípios do século XIX, nos tempos do famoso Pinhal de Azambuja?

.....

Calcorreando Lisboa, interrogando porteiros e porteiras por que preço o senhorio do prédio aluga o andar ou andares vagos, logo a resposta vem pronta: — 3000..., 4000 escudos!!!...

Isto se diz porque os factos assim o demonstram e estão á vista.

Tudo supõe que esta situação habitacional não pode e nem deve continuar. O Governo, as Camaras Municipais e as demais entidades superiores têm o dever de conter esta maquiavélica e desenfreada especulação — especulação, aliás, que surge não só da parte dos construtores como também de proprietários-senhorios.

As rendas de casa e tudo o mais que constitui o bem-estar do cidadão, deve situar-se ao nivel dos vencimentos de quem trabalha e tudo produz: — casas, fatos, calçado, etc., etc. Por isso, julgamos ser de salutar justiça aplicar-se um equilíbrio entre o que se ganha e o que se deve gastar, porque ganhar pouco e gastar 3000 ou 4000 escudos só em renda da casa é caminhar-se para a despersonalização do individuo, que a ninguém aproveita. É a ruina do cidadão.

Por tudo isto, urge colocar-se o problema da casa — a que todo o ser humano tem incontestável direito — no seu devido lugar: rendas compatíveis e aumento da produtividade da construção em condições higiénicas favoráveis, de maneira que todos os portugueses, sem distinção de classe, possam ter um lar condigno e livre do pesadelo da elevada renda da casa.

O contrário, poderá ser o imprevisível que está perturbando e inquietando toda a gente.

A. DIAS»

(Do Boletim da Associação dos Inquilinos Lisbonenses, de Dezmbro de 1969).

O vencimento que merece

«O Governo preocupa-se com os servidores do Estado e das autarquias locais, concedendo-lhes o que vai podendo, e preocupa-se, sobretudo, com o que espera deles e eles têm obrigação de não lhes recusar. Por motivos conhecidos, e de que já aqui nos temos ocupado algumas vezes, deu-se, nesta classe, durante os últimos quinze ou vinte anos, um abaixamento de qualidade, cujas consequências consideramos dificeis de reparar nos tempos mais próximos. Mas é indispensável repará-las e que a reacção para isso necessária não demore. O funcionalismo não dispõe, tão absolutamente como entende, do direito de justificar o desinteresse pelo seu cargo com a modéstia da remuneração. Ao ser admitido, prestou juramento solene a que fica obrigado até á exoneração. Também era preciso que isto se não esquecesse.

A reestruturação dos quadros, a mecanização, a simplificação de processos constituem factores imprescindíveis para um maior rendimento dos serviços, mas a valorização profissional do funcionário é ainda o elemento principal. E há-de continuar a ser. Por isso, aquele que, aceitando uma função pública, trai, na prática, o juramento prestado, nem um vencimento pequeno merece. Quando se queixa, devia olhar, em primeiro lugar, para si e examinar, conscientemente, até que ponto terá contribuído com o seu desinteresse, as suas negligências e a sua errada noção dos próprios deveres e direitos para os entraves que se opõem á concessão de mais substanciais regalias.»

(Do editorial de «O Século», de 28-12-69).

ASSIM VAI O MUNDO

Sabedoria?

«Rockefeller concedeu uma bolsa ao director do Radical Theatre Reportory, o Open Theatre recebeu 65000 dólares da Ford, que subvenciona o New Lafayette Theatre, no coração do Harlem, o Negro Ensemble e o Chelsea Theatre, onde os artistas negros pregam a exterminação da raca branca». (Do *Monde*)

Candura? Masoquismo? Sabedoria? Mescla de tudo isto? Outra coisa? Qual é a opinião do leitor?

Moderno

O patronato moderno (U. S. A, Suécia, Alemanha Federal) prefere um sindicalismo forte, bem implantado nas empresas, com a função de despoletar pela negociação os conflitos sociais á nascença, transformando a luta das classes em relações contratuais periòdicamente renegociadas entre a organização patronal e a dos trabalhadores. (*Michel Bosquet*).

Prematuro

«São autênticos revolucionários ou barreiras dilatórias, Kerenskys do imperialismo norte-americano, para atrasar a revolução popular? Se são honestos e autênticamente revolucionários — poderão resistir á pressão dos grandes interesses dos Estados Unidos? Se estão ao serviço das oligarquias — poderão defender-se da pressão popular quando esta se sentir defraudada? Pronunciarmo-nos sobre qualquer destas questões é, naturalmente, prematuro. Mas não faltará muito tempo para se desmascararem» considera Juan Aldebaran, a respeito dos «novos militares hispano-americanos, numa crónic recente da revista espanhola «Triunfo».

De facto, o que está a acontecer no Peru e na Bolicia não é muito claro, ainda que se esteja a tornar cada vez mais claro. (V. no ultimo numero de «Mesa Redonda» o artigo sobre o Peru).

Discos

A empresa hungara Kultura exportou, durante o ano corrente, cerca de 500 mil discos para cerca de cinquenta países, entre os quais os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a Itália e a França. Só com as obras completas de Bartok foram publicados dez discos.

Milionários

Há uma vaga de contestação entre os milionários italianos. Entendendo que os impostos sobre o rendimento a pagar á municipalidade foram demasiado agravados, os nababos de Roma recusam-se a pagá-los. A lista dos contribuintes ricos mais descontentes comporta nada mais nada menos do que 390 nomes.

Entre os contestantes figuram o príncipe de Torlonia, a quem o ano passado foi aplicado um imposto sobre um lucro de 300 milhões de liras; os produtores de filmes Carlo Ponti e Dino de Laurentis; Sophia Loren; Gina Lollobrigida e muitos magnates da industria e do comércio.

Degradação?

A sra. Golda Meir, primeiro-ministro de Israel, declarou, segundo o jornal «New York Times», que o apoio dos Estados Unidos ao seu pais se tinha degradado, numa política tendente a levar o Governo de Tel-Aviv a fazer a paz com os Estados Árabes. E a sra. Meir classificou de traição a política de qualquer Governo israelita que consistisse em aceitar a paz entre Israel e a Jordânia, com base nas propostas de Washington.

Até que ponto se deve atribuir este alarme do primeiro-ministro israelita ao resultado da conferência de Rabat? Uma forma de chicotear a opinião pública norte-americana?

ASSIM VAMOS NÓS

Quarenta anos...

O deputado e vereador da Câmara Municipal de Lisboa eng.º Santos e Castro, na reunião municipal de 18 de Dezembro último, ocupou-se de novo da necessidade de apressar a construção da rede do Metropolitano, acentuando que «todos os esforços deverão ser mobilizados no sentido de lhe dar rápida realização».

Outra afirmação: «Por este caminho, está-se construindo um metropolitano, segundo um plano elaborado há vinte anos, que só estará concluído daqui a outros vinte anos. Isto quererá dizer que estamos a executar um empreendimento que não serviu a geração que o planeou, não serve a actual e não servirá o futuro satisfatòriamente, pela desactualização, quando estiver concluído».

Sim, quarenta anos é muito tempo. Construir-se-á, mais uma vez, para ontem, e não para hoje e para amanhã, como se impõe. E também se impunha, quanto a nós, a actualização dos velhos projectos, que já suficientemente demonstraram uma visão acanhada e sem perspectivas do futuro.

Derrota

No número anterior deste suplemento publicámos aqui algumas passagens de afirmações feitas, no almoço nacionalista de Aveiro, pelo chefe daquele distrito, subordinadas ao título «Vitória». Mas, pelo menos, parte da intenção com que fizemos tais transcrições cifrou-se numa «derrota», em consequência de uma «gralha» que totalmente deturpou o sentido de uma das frases. Assim, onde o dr. Vale Guimarães dissera: «dignidade não pode traduzir, e não traduzirá, para o adversário, minimização ou menos respeito por ele» saiu: «dignidade não pode traduzir, e não traduzirá, para o aniversário...»

Com esta rectificação tentamos transformar a involuntária «derrota» na «vitória» que pretendíamos acentuar. Embora tais erros gráficos sejam de lamentar, estamos certos de que os leitores atentos se aperceberam da verdadeira intenção dos fragmentos transcritos.

Emigrantes

No plano geral, aproxima-se do milhão e quatrocentos mil o número de portugueses espalhados actualmente pelo Mundo.

Na Europa, ultrapassou-se o meio milhão: todos eles saídos, pràticamente, na década de 1960. A França absorveu 424 500 destes.

A reunificação e fixação de famílias, bem como a permanência do fluxo migratório, com rumo além-Pirenéus, leva-nos a rever a ideia quanto á nossa emigração europeia, até agora considerada simplesmente temporária.

Para estudo e reflexão do caso migratório, o Episcopado português determinou que o dia 11 de Janeiro seja celebrado como o «Dia Nacional do Emigrante».

tem a palavra o leitor

Acuda-se ao Ensino Técnico Profissional

A carta do nosso leitor Valdemar Quinta Ferreira, que publicámos no dia 5 de Dezembro, subordinada ao título «O esquecido ensino nocturno», teve o condão de activar a atenção por aspectos e sectores do ensino normalmente ignorados ou relegados, injustamente, para posições marginais.

A seguir, inserimos o texto que, sobre o assunto, nos enviou, com pedido de publicação, o nosso leitor António Cabrita Marques, de Lisboa, cujos pontos de vista nos parecem de indiscutível interesse:

Com o título de «O esquecido ensino nocturno», e autoria do sr. Valdemar Quinta Ferreira, publicou «Mesa-Redonda» uma carta em que se focavam as anomalias que se verificam nos cursos nocturnos do ensino técnico.

O «D. L.» em nota que pospõe a carta, diz que «é absolutamente desejável que o suplemento «M. R.» dedique a este aspecto do problema educacional a maior atenção», e aproveita para dizer, também, que o leitor não é inteiramente justo quando afirma que o assunto não tem merecido a atenção que lhe é devida.

Não se poderá negar que o «D. L.» não tenha dado certa atenção ao assunto, mas temos de concordar que o lamento daquele leitor é plenamente razoável. Simplesmente, eu desejaria que o problema fosse posto sob um ponto de vista muito diferente do do sr. V. Q. F., esperando, por isso, que «M. R.» possa reservar espaço para estas notas.

● ATENÇÃO ESPECIAL AOS CURSOS NOCTURNOS

De certo que não sou a pessoa mais indicada para tratar deste assunto num jornal, mas, á falta de quem melhor se proponha fazê-lo, servir-me-ei o melhor que puder da experiência que a frequência (precisamente em regime nocturno) do Curso Geral de Comércio me ensinou para expor aquilo que me parecem ser os verdadeiros males (alguns) de que enferma o ensino técnico (necessàriamente, o ramo «comercial»).

Entendo, primeiro que tudo, que se deve, de qualquer forma, uma palavra de gratidão ao sr. Valdemar Quinta Ferreira, pois, não obstante só agora ter iniciado a frequência de um curso deste ensino, e perante a apatia de tantos e tantos seus colegas com mais obrigações de o fazer, por mais adiantados no estudo e, por isso, porventura mais conhecedores das anomalias que os prejudicam, ter tido a coragem de vir junto do público dar a conhecer o problema.

Mas, com efeito, entendo não ter o sr. V. Q. F. entrado bem no âmago dos problemas que afectam o ensino técnico. E, sobretudo, embora compreenda que se deve dar uma atenção especial aos cursos (aos alunos) em regime nocturno, acho que para este caso não interessa grandemente estar a distinguir entre cursos da noite e cursos de dia — está em causa, sim, o próprio ensino técnico.

Diz o sr. V. Q. F. que o aluno nocturno tem jus a «um trato mais carinhoso, como recompensa do esforço despendido» e é merecedor do reparo de alguém pelo «simples facto de um indivíduo trabalhar durante o dia, e á noite ir estudar». Não o negarei, mas pergunto: será isso, realmente, que mais nos interessa obter? Para mais, não serão, igualmente, merecedores de carinho e atenção, tal como alunos, aqueles que frequentam cursos diurnos? Aliás (se bem que com uma diferença bastante significativa, claro) creio, até, que há hoje uma tendência educacional no sentido de o estudante ser simultâneamente operário, ou melhor dizendo, trabalhar, também, na especialidade para que estuda. É que lá virá o tempo em que será um encargo muito grande para um país (enfim, já o é hoje, evidentemente) manter durante anos e anos milhares de indivíduos que nada produzem...

● COMPREENSÃO E JUSTIÇA E NÃO COMPAIXÃO

E bem verdade é que mesmo os alunos diurnos se encontram também afectados por grande número de problemas mais importantes que dificultam o estudo aos da noite. (Pois, não são as condições das salas de aula, das instalações sanitárias, das salas de estudo, das relações entre professores e alunos mais ou menos idênticas para uns e outros?!).

Não é, pois, verdadeiramente, de compaixão (de carinho) que nós necessitamos — necessitamos, sim, é de: compreensão e justiça.

Porque, se falarmos em compreensão e justiça, sim, então teremos de perguntar onde isso existe quando tivermos presente que, representando, actualmente, os alunos do ensino técnico dois terços do total dos alunos do ensino secundário em todo o País (portanto, um terço, apenas, de alunos liceais), verificando-se, afinal, que estes, os liceais, após a conclusão do seu curso secundário têm á sua disposição toda uma série de caminhos para prosseguir (mas, diga-se em abono da verdade, que ainda assim são bem insuficientes), nós, a grande maioria, que depois de concluídos os cursos secundários, e a fim de obtermos equivalência ao 7.º ano liceal, ainda temos de transitar para os institutos médios (em que em todo o País só há dois comerciais e três industriais) estamos limitados a um reduzidíssimo número de cursos médios-superiores (cursos de Contabilidade, Finanças, Economia — para o ramo Comercial; para os do Industrial a situação é sensivelmente idêntica, só que os cursos, como é evidente, são outros). Cursos de «Letras», «Direito», etc., estão fora do nosso alcance, ou, então, se quisermos mesmo frequentá-los teremos de nos sujeitar a grandes perdas de tempo, sacrifícios e dispêndio de dinheiro.

Porque, não devemos deixar de atender a isto: não é geralmente significativo o facto de um jovem começar os seus estudos pelo curso comercial (ou industrial, embora aqui o caso já não seja tão verdadeiro) pois isso não quer dizer que ele se incline para economia, finanças ou contabilidade. Sabe-se bem que isso se deve em regra á sua baixa condição social, que lhe não permite seguir um curso mais oneroso. Daí que se não possa aceitar como razoável e dar-se-lhe apenas aquelas hipóteses para continuar os estudos. Demais, se houvesse nisto alguma duvida lá estaria o facto de, mesmo com as grandes dificuldades que se lhes põem, muitos e muitos (se é que seja legítimo falar aqui em muitos e muitos!) alunos, preferirem o Instituto de Económicas em favor de outros cursos superiores — Direito, sobretudo.

● SUJEITAR O ALUNO A UM AMBIENTE INSUPORTÁVEL...

É este, sem duvida, um dos maiores males dos muitos que complicam a vida do estudante do ensino técnico profissional. Dar-se-lhe remédio é uma necessidade premente e um acto de justiça.

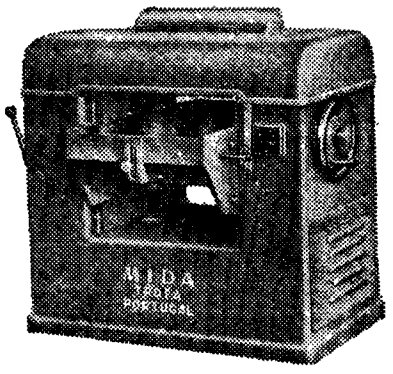
Do muito mais a apontar há o problema da impreparação de muitos professores, que em muitos casos já o são sem ainda sequer serem formados; há a falta de vocação para o ensino de muitos outros que como tal vão sujeitar os alunos a um ambiente insuportável, conduzindo-os muitas vezes a atitudes desagradáveis; há a falta de inspecção ao trabalho do professor, permitindo-se que este resvale para o desleixo e se dê a atitudes contrárias ás boas regras educacionais. (Dou um exemplo: certo professor negava-se a responder a perguntas porque, dizia, não era para isso que estava na aula mas apenas para expor a matéria); ha a péssima qualidade didáctica da maioria dos livros adoptados, não obstante, muitas vezes, haver outros sobre a mesma matéria bastante aceitáveis, rejeitados não se sabe por que estranha razão; etc., etc. E não se poderá deixar de dizer que o curso (comercial) precisa de ser completamente remodelado.

Pois será razoável que um aluno deste curso (em regime nocturno) para ter entrada numa escola superior se veja obrigado a estudar, pelo menos, durante nove anos (e os de dia, oito) enquanto que pelo liceu essa condição é obtida com sete anos de estudo? Não parece que não fosse fácil modificar esta situação uma vez que a chamada Secção Preparatória para os Institutos (um ano, após a conclusão dos cursos) poderia deixar de existir, integrando-se a sua matéria nas disciplinas do curso. E acompanhando esta modificação uma outra que se impõe ser feita urgentemente: acabar com o famigerado exame de admissão aos institutos — um aluno que frequenta e conclui um curso que é o antecedente de outro necessitará de ser sujeito a provas suplementares? Isso é reconhecer a insuficiência do que se ensinou nesse curso! — Seria lógico que um aluno que completa o quinto ano do liceu, para ingressar no sexto tivesse de fazer, para além dos exames inorentes áquele ano, exames de admissão ao sexto ano?

Mas, ainda assim, ainda que por razões de força maior (por razões do mal que já vem de trás) se tivesse que manter a chamada Secção Preparatória por mais alguns anos, o que urge fazer imediatamente é modificar a sua estrutura. Como está presentemente ela é olhada pelos alunos como um fosso que se colocou entre a escola e o instituto. Um fosso que amedronta e afasta a maioria dos pretendentes a ultrapassá-lo e submerge a maioria ainda dos que a tanto se aventuraram. Basta dizer que turmas que começam com quarenta alunos chegam a acabar com o irrisório número de cinco, e menos. Finalmente, os poucos que se apresentam á admissão ao Instituto ainda dão origem a notícias nos jornais em que se fala, como se falou agora, acerca da admissão ao Instituto Comercial do Porto, em reprovações na ordem dos 90%. Isto prova bem quanto é difícil a Secção e quanto ela está desnivelada em relação ao baixo grau de aprendizagem

Cont. na pág. 4

NOVIDADE "SEARA NOVA"
II Congresso Republicano de Aveiro
TESES E DOCUMENTOS
textos integrais
2 volumes
SEARA NOVA
obra fundamental de análise à vida portuguesa

«MIDA»

UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:
* SERRAÇÃO
* CARPINTARIA
* MARCENARIA
DESENGROSSADEIRA
Mod. 510 - 610 - 810
Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5)
Filial em Lisboa:
Avenida Defensores de Chaves, 3-A (Telef. 44147)

«Le Monde»: novo director —a mesma orientação

Jacques Fauvet

O jornal «Le Monde» completou 25 anos de existência no passado dia 19 de Dezembro. 25 anos na vida dura e agitada de um jornal onde a independência e a seriedade na recolha e no fornecimento da informação constituem as leis maiores.

«Le Monde» viu a luz num dia frio de Dezembro de 1944, quando as grilhetas das tropas invasoras mal haviam desaparecido entre os marcos esbatidos das raias traiçoeiras. A França surgia da honra que toca o espírito de resistência e de luta ao inimigo dominador e sanguinário e logo se apossara da mente de alguns homens que se bateram na calada da noite a ideia de criar um jornal digno da cultura e das tradições francesas. Os colaboracionistas e os que vergaram o joelho e a alma diante do exército invasor tinham os dias contados por força da lei. Mas o próprio general de Gaulle reconhecia a necessidade para o seu país de ter entre os jornais a criar, um órgão que fosse a expressão da influência da língua francesa no mundo, do pensamento e das responsabilidades culturais da França. Um jornal como existem nalguns grandes países, em casos naturalmente limitados pelas exigências que supõem.

Esse jornal nasceu sob a orientação esclarecida e lúcida de Hubert Beuve-Méry, com uma grande parte da Redacção e do equipamento que pertenceram ao antigo quotidiano parisiense «Le Temps».

Porque queria ser economicamente independente e sacrificar apenas no altar da Verdade e do serviço público, nasceu pobre e teve de fazer apelo à coragem, à vontade intrépida e à abnegação dos seus redactores. Os primeiros anos foram de sacrifício material, de construção séria e sólida de um futuro e de um prestígio de que só a confiança e a adesão dos leitores podem ser garantes. Essa confiança e essa adesão foram conseguidas no decurso destes 25 anos. A prová-lo está a atitude de um grupo de leitores que em determinado momento de crise se associaram e se quotizaram para colocar ao dispor do jornal os fundos de que este pudesse vir a necessitar para continuar a servir, na independência e na integridade de processos a causa da informação. Não de uma informação qualquer, mas de um jornalismo sério, documentado, rápido, especializado e completo. A provar o prestígio do jornal está, também, a curva ascendente da sua tiragem. «Le Monde» tinha em 1945 uma tiragem diária de 108 mil exemplares e tira agora cerca de 470 mil exemplares.

O corpo redactorial (agora constituído por 141 jornalistas profissionais) lançou-se à tarefa de elaborar um jornal de características inconfundíveis e de conteúdo sólido, pela minúcia de informação e pelo detalhe de elementos interpretativos. Dominado por estes objectivos, não perdeu nunca a consciência do papel que desempenha no quadro da Imprensa francesa e da Imprensa internacional. Mostrou-o em 1951 aquando de uma crise surgida no seio da empresa que levou à demissão de Beuve-Méry. A ameaça da solidariedade da Redacção com o seu director e do não-aparecimento do jornal, levou a constituir-se uma sociedade de redactores. Essa forma de participação na sociedade comercial proprietária do «Monde» alargou-se mais tarde com a criação de mais duas sociedades: uma de funcionários e outra de empregados. O sistema tem sido valorizado pela introdução de sucessivos aperfeiçoamentos aconselhados pela experiência. E a fórmula logrou estender-se a numerosos quotidianos franceses, tanto de Paris como de cidades de província.

A comemoração do 25.º aniversário coincidiu com a mudança de director. Beuve-Méry passou o leme da grande barca a Jacques Fauvet, que era o chefe de Redacção e seu braço direito. Por determinação da sociedade anónima, tomada em assembleia geral extraordinária, o nome de Hubert Beuve-Méry continua a figurar no cabeçalho do jornal como seu fundador. E não só o nome. Também a experiência e o conselho válido e fundamentado de Sirius foram prometidos por Beuve-Méry no encontro de confraternização que assinalou a passagem das bodas de prata.

Jacques Fauvet constitui uma garantia de que «Le Monde» manterá a orientação seguida até agora e de que perdurará o critério na escolha dos seus jornalistas e colaboradores. E não só o critério de escolha, como o ambiente de trabalho e de relações. Um ambiente onde vigora o respeito mútuo, a disciplina, o sentimento de responsabilidade e de serviço atento e dedicado, o culto e a busca constantes da verdade, a emulação que se baseia no estudo, no esforço incessante de valorização, na inteligência, na cultura, no reconhecimento e na admiração do talento.

JOÃO GOMES

H. Beuve-Méry

Tem a palavra o leitor

Cont. da pág. 3

que se faz no curso. Parece, pois, que haveria que diminuir as matérias naquela e alargar as das disciplinas respectivas integrantes do curso — se outra solução melhor não fosse encontrada...

Bem, tenho presente os limites de espaço do jornal e compreendo não dever alargar-me muito mais nas minhas considerações. No entanto, ainda desejaria chamar aqui a atenção para o seguinte: os alunos do liceu, caso queiram continuar os estudos para além do 5.º ano, podem-no fazer até ao sétimo em grande número de cidades (e creio que até em muitas vilas) por esse País fora — com regozijo o digo! — mas nós como já frisei, apenas o podemos fazer em Lisboa e no Porto (em Coimbra, também, para os «industriais»). Isto é uma desigualdade gritante, tanto mais de realçar quanto é certo que é precisamente o aluno do ensino técnico que menos pode suportar a sua estadia prolongada numa daquelas cidades, quando nelas não habita.

Enfim, Roma e Pavia... mas há necessidades que tardam de mais, e a criação de institutos comerciais e industriais pelas diversas capitais de distrito (pelo menos) está a demorar demasiadamente. É que se o Povo quer cultura, ela deve ir ao seu encontro, pois de outra forma não será possível elevar o seu nível de vida.

Lisboa, 16 de Dezembro de 1969.

a) António Cabrita Marques

JOMA 883-1

o banco para toda a gente

Todos os caminhos vão dar ao banco. O banco tem todos os caminhos para lhe dar.
A poesia do banco é o dia-a-dia de quem passa e descansa no BANCO...
O BANCO PARA TODA A GENTE.
O BANCO renovou-se, modernizou-se, apetrechou-se de forma a poder oferecer
TÉCNICA MODERNA.
Criou para si, qualquer que seja a sua profissão, o seu ramo de comércio ou indústria
um SERVIÇO PERSONALIZADO.
Para a resolução do seu problema a nossa RAPIDEZ DE DECISÃO.
Não esqueça... EXISTIMOS PARA O SERVIR.

BANCO FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente

A criança e o livro

Conclusão da mesa-redonda efectuada na Cooperativa Ludus e na qual tomaram parte António Torrado, Calvet de Magalhães, Lília da Fonseca, Mário Castrim, Matilde Rosa Araújo e Rui Grácio. Interveio como moderador Correia da Fonseca

RUI GRÁCIO — Parece que não temos razão para recusar o maravilhoso, ainda que esse maravilhoso nos pareça absurdo do ponto de vista de uma verosimilhança natural e científica. Seja qual for a idade, o homem compraz-se no maravilhoso. Nós adultos podemos sorrir desse maravilhoso, mas se tiver qualidade artística e humana, nós sorrimos com prazer e proveito. Recordo, por exemplo, uma novela de Marcel Aymé, que talvez não seja um escritor de primeira fila, mas é, sem dúvida, um escritor de qualidade e dotado de uma imaginação descabelada. Numa novela, ele conta-nos que um grupo de pessoas vai por um jardim e a páginas tantas encontra... um centauro. Eu sei que não há centauros, mas achei, no contexto da novela, o episódio delicioso.

A criança, mais empenhada e empolgada do que nós, que nos distanciámos do maravilhoso, lê, vive, saborela aquilo que lê, embora ela saiba — frequentíssimamente sabe! — que não é possível, que não é crível! Mas lê com gosto. Entra no jogo.

CORREIA DA FONSECA — Neste debate luto, com um reflexo pessoal quase involuntário: não é verdade que pela janela por onde entram as fadas, entram todos os restantes mitos? Também posso formular a pergunta de outro modo: — Não é verdade que uma certa literatura infantil do fantástico foi consequência próxima de escritores de ideologia reaccionária, ao passo que uma literatura infantil que parte ao encontro da vida criticamente vivida é criação de escritores desligados de ideologias reaccionárias?

MATILDE ROSA ARAÚJO — Assim se pensou, em parte, na U. R. S. S., mas, pelo que sei, talvez por se considerar que já não constituiria uma ameaça, actualmente os escritores russos para crianças estão tentando arrepiar caminho. Histórias infantis, desenhos animados, filmes e peças de teatro para crianças estão

Rui Grácio

a aproveitar o tema inesgotável da tradição popular, onde o maravilhoso desempenha o principal papel.

● O MARAVILHOSO NOS CONTOS TRADICIONAIS

CORREIA DA FONSECA — Talvez seja fácil confundir o maravilhoso considerado abstractamente, como processo, e as obras concretas em que se realiza. Talvez me deva defender dessa confusão que me assalte. Eu diria que não é o maravilhoso que é condenável, mas a utilização que dele se faz. O escritor pega no maravilhoso para quê? Para contar á criança histórias de facilidades quase imorais, de varinhas de condão que pactuam com a preguiça ou a estimulam, ou para contar ás crianças histórias que as acrescentem? Nenhum maravilhoso será demasiado para levar a criança a amar a paz, a desejar crescer interiormente, a transformar-se num poeta perante o mundo... O maravilhoso como processo e os efeitos do maravilhoso em determinadas obras, averiguadamente nefastas, é que poderão dar origem a confusão. Mas que essa confusão possa acontecer já me parece um sinal de perigo.

MÁRIO CASTRIM — Temo-nos colocado numa posição de hostilidade em relação aos contos tradicionais que, á luz de um critério tocado de racionalismo, reprovamos. Pois bem. A mim não me parece, num ponto de vista pragmático, que os contos tradicionais tenham dado resultados desastrosos ao longo dos séculos. Parece-me antes que provaram a sua eficiência através da aceitação pela infância de imensas gerações.

LÍLIA DA FONSECA — Não sabemos. Se queremos contribuir para a melhoria do mundo futuro, temos de proceder de maneira diferente. O que sabemos nós da semente que certos contos lançaram na vida de muitas crianças? Os resultados, esses conhecemo-los. Certos contos que consideramos clássicos, embora tenham sido escritos pelo escritor A ou pelo escritor B, que conquistaram o nome através das idades, devem ser excluídos da literatura infantil do nosso tempo. Temos de seleccionar os contos tradicionais em função de um novo critério sobre o maravilhoso.

ANTÓNIO TORRADO — Se por esse critério de saneamento da literatura infantil tivéssemos de rejeitar a «Alice no país das maravilhas», o «Feiticeiro do Oz», os livros de Monteiro Lobato ou de Selma Langerlöf, eu pediria que não contassem comigo. Sei que assim não é. A renovação da literatura infantil tem de partir de nós, dos que escrevem, sem perdermos de vista a exemplaridade de alguns belos livros que

Calvet de Magalhães

ocupam lugar de direito tanto na História da Literatura Infantil como na História da Literatura.

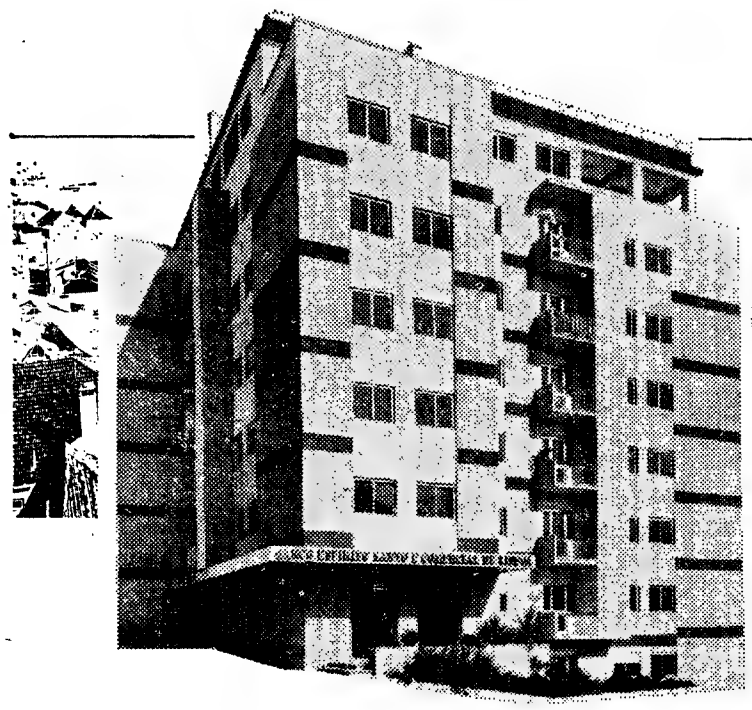
MATILDE ROSA ARAUJO — O maravilhoso pode ser uma riqueza ou uma pobreza. Como receita fácil pode ser uma pobreza, um expediente que vai limitar muito a fantasia da criança. Essa receita fácil existe à mão de muita gente que tenha um determinado «jeito» para escrever e nós sabemos os resultados. Mas também temos livros adstritos à realidade, jogando com um certo didactismo para a criança através da realidade que não deixam de ser também receita fácil. De certa maneira também são pobreza.

É uma questão de qualidade, qualidade no encontrar ou na verdade ou na fantasia (preferia chamar-lhe-ei mitificação do que é real) um caminho de conhecimento de sensibilização da criança, de abertura, correspondendo ao desejo que a criança tem de tudo imaginar, de tudo recriar em si, desejo de a tudo dar uma forma sua, o tal paraíso de que os adultos fazem uso... e abuso.

CALVET DE MAGALHÃES — A literatura representa um modo poderosamente educativo para cultivar o amor, a liberdade, a esperança, a poesia viril, séria e alegre, as qualidades humanas mais puras; isso basta para se criar uma qualidade. Não vejo que seja necessário, propositadamente, engendrar o maravilhoso. Concordo com a Matilde, é uma questão de qualidade, tanto pode ser rico como pobre. Simplesmente considero que uma preocupação obstinada, uma forma unilateral de enriquecer as qualidades humanas não respeita o autêntico interesse criado que é necessário estimular nas crianças.

ANTÓNIO TORRADO — Na exigência de uma literatura infantil de qualidade estamos todos de acordo. Creio mesmo que, por essa via, poderemos atingir a unanimidade acerca da intervenção do maravilhoso nas histórias para crianças. Porque está tudo no fazer, no como fazer. No meu caso, para levar a criança a participar na história, sem explorar a sua credulidade incondicional, procuro chamar, pela oralidade da narração, a criança a inventar a história comigo, a participar com o autor no maravilhoso do acto da criação. Nós, autor e leitor, estamos

Cont. na pág. 10



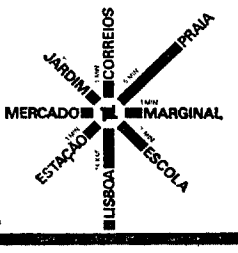
uma paisagem sobre o futuro

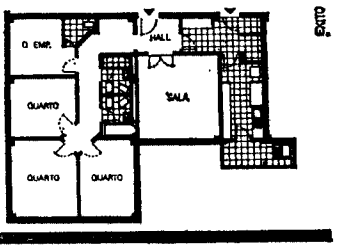
EDIFÍCIO PANORAMA

Um panorama para o futuro do seu capital

EM PAÇO DE ARCOS
UMA VALORIZAÇÃO RÁPIDA DO SEU CAPITAL

- EXCEPCIONAL LOCALIZAÇÃO
- JARDIM INFANTIL PRIVATIVO





EDIFÍCIO PANORAMA Propriedade construida pelo Eng. civil J. J. Luz ■ Av. Senhor Jesus dos Navegantes (Junto à Igreja Nova) PAÇO DE ARCOS

Realidades

ES

Antóni. Campos durante as filmagens de «A invenção do amor»

O que é, como se processa e que função desempenha hoje o cinema amador em Portugal? Eis uma questão insuficientemente debatida, mas que, dado o crescente número daqueles que dedicam ao cinema uma boa parte dos tempos livres, justifica um debate que clarifique os seus limites, as suas possibilidades e, sobretudo, de onde se parta para uma revisão do esquema em que, até agora, tem vivido o cinema amador

Dada, porém, a multiplicidade de vias que se oferecem ao cinema amador, tanto no que respeita aos seus objectivos, como aos meios de o empreender, convém definir o âmbito a que esse cinema se deve ou pode circunscrever e lançar as bases teóricas para a criação efectiva das estruturas que o arranquem da mediocridade a que, quanto a nós, e salvo poucas excepções, está votado.

Mais do que delinear a especificidade do cinema amador, importa socializá-lo, isto é, fazer dele agente de cultura cinematográfica em geral, pela inserção em organismos autogenidos que o apoiem e divulguem, proporcionando aos seus cultores as facilidades que só com o concurso de todos podem alcançar.

O cinema amador não se caracteriza exclusivamente por viver à margem do cinema-indústria, nem tão pouco se lhe podem atribuir

limites
passáv
da ca
dora c
se inte
meios
possib

Func
que o
deixe
evite
da eco
pela p
cinema
ve des
ção be
um ca
to à p
ção e

Assi
um ci
das p
fissiona
nos o
menor

A TELEVISÃO NAS AMÉRICAS

O mais influente meio de propaganda

A Televisão converteu-se, na ultima década, no mais importante órgão de difusão dos Estados Unidos. As agências publicitárias e os especialistas concordam em que esta é a forma mais penetrante e influente que se pode utilizar com vista á propaganda e á formação de uma atitude. Os estudos acerca da opinião publica indicam que para a maioria dos norte-americanos a Televisão não só constitui uma forma de entretenimento como um meio essencial na obtenção de informações. Wilson Dizard afirmava no seu livro «Televisão: Uma Opinião Mundial», que mais do qué qualquer outro meio, a Televisão tem o poder de identificar e de definir o nosso ambiente. O seu poder para atrair a atenção de milhões de pessoas, durante largos períodos de tempo, supõe algumas consequências políticas. O sentido desta observação atinge um significado tanto maior se atendermos ao facto de o poder que controla os meios de comunicação, tanto nos Estados Unidos como na América Latina, estar concentrado nuns quantos homens e em suas empresas. Como as possibilidades de um programa de televisão dependem, consideràvelmente, dos anuncios, existe uma poderosa competição entre algumas cadeias de Televisão a fim de obter com estes a maior audiência possível. Assim, o objectivo de utilizar a Televisão com fins culturais e sociais seria naturalmente prejudicado. Todos os meios de difusão (Televisão, Rádio, Imprensa periódica, etc.) propagam um conteudo político. Além das imagens e das notícias que apresentam, tal conteudo vale pelos que são sonegados. Não existe, na prática, qualquer suposta diferença de orientação política entre as três maiores cadeias de Televisão dos Estados Unidos (ABC, CBS e NBC).

GRANDES LUCROS

O desenvolvimento da Televisão na América Latina passou por diferentes fases. Os países importantes e mais desenvolvidos como a Argentina, o Brasil, Cuba, o México e a Venezuela encetaram o processo no princípio dos anos 50, principalmente com o capital de capitalistas crioulos. Os investimentos iniciais foram consideráveis e os lucros obtdos foram maiores do que aqueles a que os capitalistas latino-americanos estavam acostumados; tais empresários compreenderam, no entanto, que a Televisão permitiria lucros não só em termos monetários como também na qualidade de um mecanismo capaz de moldar as opiniões e de aliviar, através da diversão, as frustrações do povo.

Existem duas razões básicas devido ás quais as proprietárias dos meios de difusão dos Estados Unidos não fizeram importantes investimentos durante os primeiros tempos da Televisão na América Latina. Primeiro, as facções conservadoras da comissão de directores das empresas proprietárias duvidavam de que na América Latina existisse um mercado suficientemente grande para que os resultados fossem positivos. Argumentavam que os próprios latino-americanos deveriam correr os riscos iniciais. Se a Televisão fosse capaz de obter a necessária audiência nesses países subdesenvolvidos do Sul então as companhias norte-americanas (CBS, NBC, ABC) participariam.

A segunda e provàvelmente a mais significativa das razões pelas quais estas companhias não fizeram investimentos nos primeiros tempos da Televisão latino-americana explica-se pela estrutura económica do sistema capitalista americano. Mais ainda: na década de 50 a indústria da Televisão não tinha uma necessidade económica que a estimulasse a expandir-se nos mercados estrangeiros.

Durante essa década, continuava a desenvolver-se o mercado da Televisão. O povo norte-americano exigia mais televisores e mais programas. As estações locais de televisão necessitavam de equipas especializadas e de assistência técnica. Também havia carência de patrocinadores e, por isso, enviavam as agências publicitárias ao encontro dos clientes, que aguardavam com ansiedade. Por último, nos fins dos anos 50 e princípios de 1960, a procura declinou. O mercado de aparelhos de televisão e outras equipas de programação e transmissão começou a saturar-se; a produção de programas e de películas fazia-se a preços muito elevados. Era evidente para os empresários responsáveis pela produção de lucros que a única forma de resolver este problema consistia em aumentar a distribuição dos programas de Televisão. Já em 1960, a América Latina demonstrou às empresas proprietárias de meios de difusão norte-americanas que era terreno seguro e frutífero.

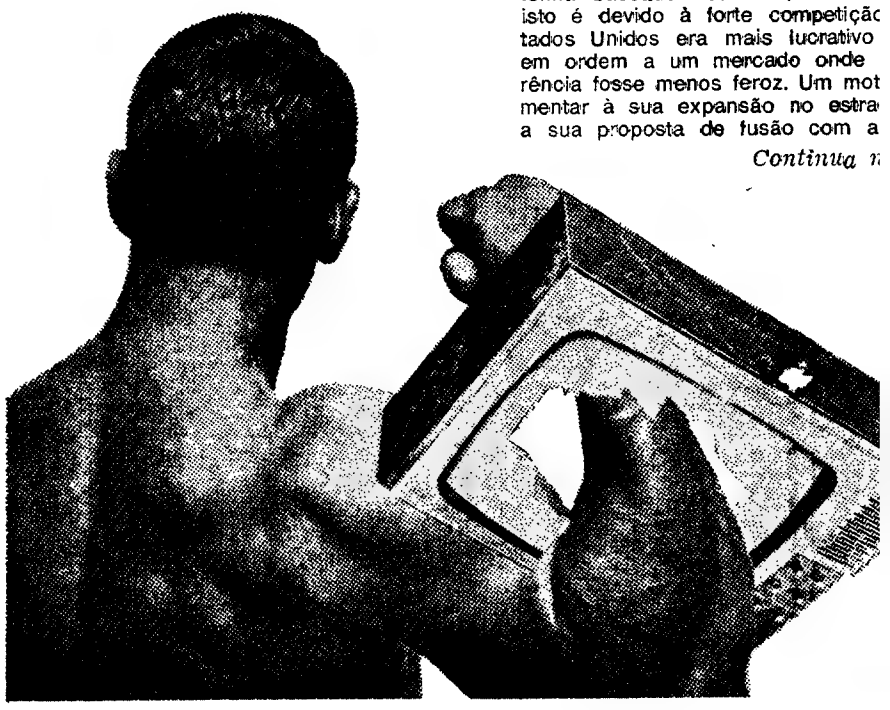
INTERESSES COMERCIAIS

A presença crescente das companhias norte-americanas provoca um ímpeto renovado na vida da Televisão na América Latina que, na realidade, estimularia o uso da TV para vender os seus produtos (através de anúncios).

Os investimentos directos privados norte-americanos na América Latina aumentaram de 4,4 biliões de dólares em 1950 para 11,5 biliões em 1966. Em 1967 os Estados Unidos exportaram para a América Latina produtos no valor de 4,1 biliões de dólares.

Apesar do desenvolvimento dos sistemas de Televisão nos seus países, levado a cabo por homens de negócio latino-americanos, estes foram sempre influenciados, e frequentemente limitados, pelas indústrias de aparelhos electrónicos e de meios de difusão dos Estados Unidos.

Os materiais de programação, a assistência técnica e os televisores vinham dos Estados Unidos. Muito mais importante porém é o facto de, atendendo ao custo assaz elevado do uso dos meios disponíveis, cerca de 80 por cento dos programas apresentados na América Latina serem produzidos nos Estados Unidos (tal como «The Flintstones», «I Love Lucy», «Bonanza», «Route 66», etc.). Os realizadores iniciais de Televisão na América Latina



puseram em relevo as possibilid
meios de difusão no domínio
Contudo, uma vez começadas as
sões, a Televisão educativa foi d
Dizard afirmava que «a maioria
ções de Televisão dos países
volvidos são dirigidas, directa ou
mente, por interesses comerciais
cialmente, estavam interessados
ter solventes as suas empresas.
gramas educativos constituíam um
limitava os meios de que dispun
produzir dividendos».

A ABC, uma das três cadeias
visão de maior importância nos
Unidos, foi a pioneira da penet
mercado estrangeiro, através da
nização internacional Worldvisio
Mundial) — uma série de estaçõ
ciais de Televisão no estrang
quais a ABC realizou investimento
cil explicar o começo da primazi
no campo internacional, pois é e
mente mais débil do que a NBC
a CBS, além de ser a menos po
três mais importante cadeias de
dos Estados Unidos. É provável
cisão de se expandir no estra
tenha baseado nestas mesmas
isto é devido à forte competiçã
tados Unidos era mais lucrativo
em ordem a um mercado onde
rência fosse menos feroz. Um mot
mentar à sua expansão no estra
a sua proposta de fusão com a

Continua n

es e perspectivas do cinema amador

ESTUDO ELABORADO PELA SECÇÃO DE CINEMA DO ATENEU DE COIMBRA

limites congénitos inultrapassáveis, pois depende só da capacidade empreendedora daqueles que por ele se interessam, conseguir os meios que ampliem as suas possibilidades.

Fundamentalmente, para que o cinema amador não deixe de o ser, basta que evite obediência às regras da economia mercantil; mas pela própria existência do cinema profissional ele deve desempenhar uma função bem diversa, ganhando um carácter peculiar quanto à produção, à distribuição e ao público.

Assim, podemos visionar um cinema amador isento das peias do cinema profissional, com certeza menos opulento, mas não de menor significado cultural.

Pense-se, por exemplo, no teatro amador (ressalvando, desde já, o vício da competição e equiparação com o teatro profissional, que desejaríamos não ver nunca transferido para o cinema amador...).

Num país em que o cinema profissional está limitado pelas malhas apertadas dos interesses capitalistas e sendo na maioria de importação, fica aberto um vasto campo ao cineasta amador para a criação de um cinema de raiz nacional, sobretudo pela realização de um inquérito aos nossos problemas, mas também pela aquisição de uma experiência individual e pela divulgação do cinema junto de grandes camadas para as quais ele ainda é inacessível: r e ferimo-nos, sobretudo, aos meios rurais, mas também ás pequenas vilas e cidades onde está por chegar um cinema que humanize consciencializando, distraia humanizando.

Eis, portanto, em traços gerais, a perspectiva em que gostaríamos de ver enquadrados o cinema amador.

Os Festivais de Cinema Amador

Os festivais são a manifestação pública mais importante do cinema português de amadores. É por isso que vamos partir deles para a análise que nos propusemos fazer do cinema amador. Desde logo nos merece algumas considerações a constituição dos júris, pois nos parece que, salvo algumas excepções, a sua formação obedece a critérios que não têm em conta exclusivamente a valoração artística dos filmes apresentados. Será por isso que os críticos estão ausentes dos júris dos festivais? A título de exemplo cite-se a constituição do júri do Concurso Nacional de Filmes de Amadores de 1968, organizado pelo Clube Português de Cinema de Amadores (C. P. C. A.), «membro permanente da U. N. I. C. A. (União Internacional de Cinema de Amadores)»: «Ex.mos Senhores Dr. Félix Ribeiro, Director da Cinemateca Nacional, que presidiu, Vitoriano Rosa, da Revista Plateia, Eng.º Lemos Pinheiro, do C. C. B. (Cine Clube da Beira), Rogério Ceitil, do C. G. A. (Clube Galitos de Aveiro), Carlos Mascarenhas de Azevedo, da Revista Cinema de Amadores, Júlio Rabaça e Dr. Francisco Alves da Costa, do C. P. C. A. (Clube Português de Cinema de Amadores). Fizeram também parte do apuramento de classificação e pontuação os Senhores Coronel Luciano Alves e António Bernardo, respectivamente presidente e secretário-geral do Clube Português de Cinema de Amadores, Mário de Aguiar, da Revista Plateia, e Capitão Baptista Rosa, da Radiotelevisão Portuguesa.» (1) A citação é longa, como numeroso é o júri. Mas valeu a pena pelo esclarecimento que nos oferece.

Quanto aos regulamentos dos festivais nacionais, há que salientar um pormenor curioso: a inserção de uma norma que permite ao júri «excluir os filmes que, pelo seu conteúdo, ofendam a moral ou envolvam propaganda política.» (2) Qual o alcance d e s t a cláusula? Não o sabemos. Verifica-se, todavia, a sua inexistência nos regulamentos dos festivais internacionais, mesmo quando realizados em território português. (3) E até se conhece o grau de independência que costuma acompanhar estas exclusões. Mas continuemos...

Pelo número de festivais que se realizam poder-se-ia pensar que se estavam lançando os fundamentos de um cinema digno desse nome, razão porque todos poderíamos dormir descansados: a seu tempo, o cinema amador não deixaria de dar os seus frutos, como resultado do aperfeiçoamento de uma aprendizagem técnica e de uma bagagem cultural que incluiria um conhecimento das funções e objectivos da obra de arte em geral e do cinema em particular.

Ora, na verdade, o panorama que se nos apresenta é bem diferente. Em regra, para o cineasta amador o cinema é um *hobby*, um passatempo caro, convenhamos, colocado num plano igual ao do comboio eléctrico que o burguês instala em sua casa. É, pelo menos, esta a impressão que colhemos dos festivais a que t i v e m o s ocasião de assistir, concretamente o que resultou de uma iniciativa da Federação Portuguesa de Cinema de Amadores (em formação). De resto, este último festival, ou melhor, a sessão organizada para projecção dos filmes e entrega dos prémios, foi justamente uma ilustração da perspectiva assumida pelos cineastas amadores. Tratou-se de uma reunião em família, com os cumprimentos respectivos, os sorrisos, o encontro de pessoas onde se adivinhava um convívio frequente. Não temos conhecimento que do programa do festival fizesse parte qualquer sessão de estudo dos filmes apresentados, ou discussão dos problemas inerentes à situação do cineasta amador. Tem interesse atentar, todavia, num afirmação do relatório do Júri, lido por ocasião da entrega dos prémios, em que se dizia: «os temas do cinema amador, não se podem desenvolver no cinema comercial.» Estaremos perante um cinema predestinado?

O Cinema Amador, os Cineclubes e a Crítica

Traçado em linhas gerais o perfil característico do cinema amador, incluindo as iniciativas que o divulgam e que até certo ponto o definem, importa vermos porque se chegou a esta situação e quais as possibilidades de a superar.

Antes de mais nada, há que assinalar o divórcio existente entre o cinema amador (e os seus organismos representativos) e o movimento cineclubista, votado à divulgação do cinema profissional e de autor. A raiz desta divergência pensamos vê-la na posição que o cineclubismo foi levado a tomar, logo de início, face ao que se afigurava mais urgente: divulgar o melhor cinema, na medida do possível, salvando-o do anonimato das sessões comerciais, estudá-lo, criar um público interessado e esclarecido que permitisse às agências distribuidoras, salvaguardando o respectivo lucro, a importação de obras de melhor qualidade. Estes os objectivos, ditados pela situação concreta do cinema em Portugal, aquando do início do movimento. Quanto a nós, são incalculáveis os benefícios desta orientação e, a tal ponto, que se não pode pensar uma história do cinema em Portugal que não inclua o cineclubismo, que não analise as suas repercussões que vão aé à constituição de um núcleo de autores e de críticos que colocam, apesar de tudo, o panorama actual do cinema português num plano qualitativamente superior àquele que forçosamente seria sem a acção dos cineclubes. Isto porque, para nós, são bem concretos os seus efeitos.

Na altura da formação do movimento cineclubista, já existiam em Portugal organismos de cinema amador, e, tendo em conta a complementaridade das suas actividades que, em última análise, visam fins comuns, parece-nos estranho não se ter assistido à fusão e integração destes organismos num único movimento que, tivesse por objectivo a dignificação do cinema. Mas a esta via, e no âmbito do cinema amador, preferiu-se a da criação de organismos de cúpula que o promovessem e divulgassem mas que acabaram por não intervir directamente na *formação* dos cineastas. Eis porque a sua acção educativa foi diminuta e acidental, pelo que se não pode falar de um movimento onde está ausente a intenção de criar estruturas de base.

O cineasta amador é um herói que faz filmes como pode e o melhor que pode e depois os envia aos festivais. Chegado aí, pode ser ou não premiado, ser ou não elogiado. Raramente analisado. E quanto a ser acompanhado no seu trabalho, é preocupação que não faz parte das coordenadas por que se regem os organismos existentes.

Passaram-se os anos. Hoje os cineclubes, sobretudo os da província, encontram-se perante uma situação de crise e são já sensíveis as tentativas de autocrítica que levem à sua reestruturação. Se é certo que ao cineasta amador, afastado dos grandes centros, falta apoio eficaz, é o momento oportuno para que os cineclubes incluam nos seus futuros esquemas de acção a promoção na *base* do cinema amador, sem dispensar a necessária acção formativa essencial. Constituir equipas de cineastas, se põe problemas de organização, irá no entanto enriquecer imenso as possibilidades até agora, na generalidade, tão limitadas do cinema a m a d o r. Julgamos que a definição de objectivos, a reunião de fundos para a produção, a utilização do material por um maior número de pessoas, a exibição dos filmes para um público interessado e a acção crítica conjunta podem ser de tal eficácia que não é difícil admitir poderem tornar-se a base de um cinema de inestimável valor cultural e cívico. Isto porque o alargamento de temática fortemente enraizada nos problemas colectivos, regionais e nacionais, indicará o caminho de uma consciencialização que permita superar esses mesmos problemas e adquirir uma visão progressiva da arte e da sociedade. Neste sentido ganha uma urgência nova a efectivação do maior número de sessões fora da sede, numa tentativa que tem sido, por vezes, dificultada, de uma abertura a sectores pouco interessados pelo cinema, para os quais ele não representa ainda um factor de cultura de enorme importância.

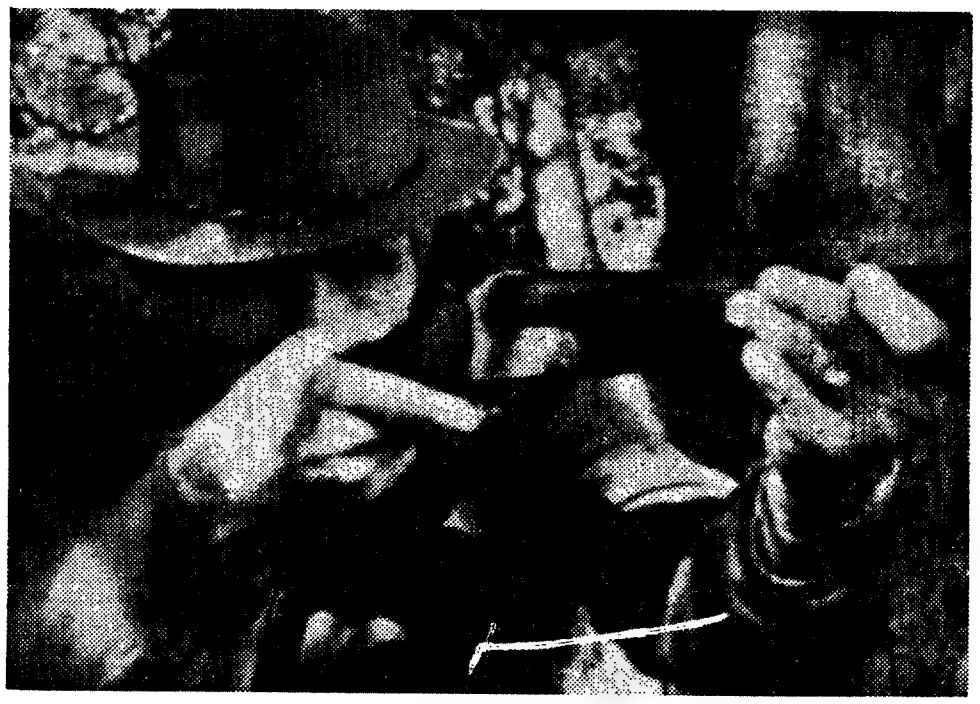
E não queremos finalizar este capítulo sem atender a outro aspecto que reputamos também fundamental: porque razão os críticos de cinema de maior audiência (e até os outros) não se debruçam sobre os filmes exibidos nos festivais de cinema amador? Haveria todo o interesse que se fossem destacando os autores mais capazes e se analisasse a sua obra. Além da sempre necessária crítica global, evitar-se-ia o preconceito de que o cinema amador é necessàriamente igual a cinema de segunda.

Os cineastas

Dentro do cinema português, é sem duvida o de António Campos aquele que tem sido mais discutido e analisado, embora não participando, talvez significativamente, dos festivais. Na verdade, parece-nos ser este o realizador mais dotado e com uma obra sem paralelo em Portugal, não só pela intuição cinematográfica que está na base dos seus primeiros trabalhos, a que se seguiu um estudo e pesquisa que lhe abriram outras perspectivas, m a s pela observação rigorosa da realidade, um autor que persegue e regista algumas das nossas contradições, os motivos de pensarmos e agirmos em relação aos factos, aos acontecimentos quotidianos do homem.

Depois dos seus dois filmes de 8 mm («O Tesouro» e «O Senhor») onde já se adivinhavam as suas qualidades de documentarista, pois a acção não raro é motivada p e l a ambiência socio-geográfica, típica de certas regiões do país, em estádio de acentuado atraso, António Campos realiza em 16 mm aquele belo filme «Almadraba Atuneira», que alguém comparou já á famosa película «La Terra Trema», de Visconti. Trata-se dum fresco notável sobre a pesca do atum, as relações entre o pescador e a empresa, o círculo apertado á volta do homem, alugado e ofendido por uma exploração que nada lhe consente. Aqui já António Campos evidencia uma dinamica focal que surpreende, a obstinação com que enquadra o homem e o imptica nas imagens. Depois disto, só alguns planos de «A Invenção do Amor» (o ultimo filme que dele vimos)

Cont. na pág. 8



Uma imagem do filme «Uma batida às raposas»

possibilidades dos
omínio educativo,
adas as transmis-
va foi desprezada.
aioria das esta-
países subdesen-
recta ou indirecta-
merciais que, ini-
essados em man-
mpresas. Os pro-
uiam um luxo que
e dispunham sem

cadeias de Tele-
ncia nos Estados
da penetração no
avés da sua orga-
Worldvision (Visão
e estações comer-
estrangeiro, nas
estimentos. É difí-
primazia da ABC
pois é econòmica-
a NBC e do que
enos popular das
deias de Televisão
rovável que a de-
o estrangeiro se
esmas limitações,
mpetição nos Es-
lucrativo mover-se
o onde a concor-
Um motivo suple-
no estrangeiro foi
com a ITT (In-

ntinua na pág. 9

Uma certa ideia da Europa

Continuação da pág 1

Qualquer que seja o efeito que esta decisão tenha sobre a evolução da realidade grega — e ela acentuará, fatalmente, o isolamento de um regime militar que constitui um anacronismo entre as nações europeias, como o não pode, aliás, deixar de ser qualquer regime autoritário — criou-se, assim, um precedente que, certamente, desencorajará todos os que alhures procurem seguir o exemplo dos coronéis helénicos, ao arrepio de uma liberalização e democratização efectiva da vida política. É verdade que o Conselho da Europa não agrupa a totalidade dos países do Ocidente europeu, mas os princípios que ele acaba de reafirmar constituirão, inevitàvelmente, uma condição para que a integração económica e política, e, particularmente, a admissão de certos membros no desejado concerto da Europa, possa processar-se normalmente e sem dificuldades institucionais graves. Pense-se, por exemplo, no problema que um dia poderá levantar a eleição de um parlamento europeu se não houver uma real democracia pluralista em todos os países empenhados na construção da Europa, seja ela mais ou menos pequena ou grande — e é ainda demasiado cedo para fazer previsões sobre a sua extensão, natureza e estruturas.

Sabe-se que o general de Gaulle, além de «uma certa ideia da França», tinha uma determinada concepção da Europa, que, com a sua grandeza habitual, ele visionava, num futuro longínquo, «do Atlântico aos Urais», embora contentando-se a curto prazo com a «Europa das pátrias». Certos acidentes que não foram apenas de percurso, como os acontecimentos de 1968 em França, o esmagamento pelos tanques soviéticos da «Primavera de Praga» e a sua própria derrota no referendo, puseram prematuramente termo às suas ambições. Enquanto a independência continuar a ser negada aos países ditos socialistas, apesar das tentativas feitas por alguns destes de conciliarem o socialismo e a liberdade, enquanto, por outro lado, persistirem no Ocidente europeu regimes de força e a independência económica de todos os países não for assegurada, não é provável que essa concepção consiga vingar. Seja qual for a ideia que lhe esteja ou venha a ser substituída, e os interesses que nela predominem, a verdade é que há, pelo menos, uma certa ideia da democracia — se não a da Europa dos meios económicos, em todo o caso a da Europa dos povos — que a opinião pública dos países ocidentais evoluídos não deixará de tentar, apesar de tudo, fazer prevalecer, como aconteceu no caso da Grécia. Daí o seu precioso valor de exemplo.

Se, como disse o grande filósofo Husserl, «a Europa tem um lugar de nascença» — não apenas um lugar geográfico, mas «um lugar espiritual de nascença» —, que se incarna numa nação — e «esta nação é a Grécia antiga dos séculos VII e VI a. C.», a Grécia da filosofia, que não a Grécia dos escravos — não poderemos nós hoje, que esse lugar é profanado sem pudor, ver na condenação dessa mesma profanação do espírito originário europeu o primeiro sinal do seu ressurgimento?

JOSÉ AUGUSTO SEABRA

se você
não se sente jovem
desista do superimp

Porque o SUPER IMP
entende a juventude dos 18 aos 80.
Arranca com ela para um mundo novo.
Mais vibrante e melhor vivido.

Amplas janelas com vidro de elevador e
portas largas para uma família jovem.
Janela de abrir na retaguarda.
E um motor nervoso e submisso
como um animal de raça.

Entre nele. Domine-o. E sinta-se
ainda mais jovem.

Conheça também o SUNBEAM CHAMOIS de acabamentos luxuosos

...em todo o país encontrará
a estrela CHRYSLER!

Concessionários em Lisboa:
J. COELHO PACHECO, COMERCIAL S.A.R.L.
R. Braamcamp, 92 - Lisboa 1
SIDIAL
Av. de Roma, 15 B - Lisboa 5

AGENTES EM TODO O PAÍS

CHRYSLER
DE PORTUGAL

Imagem do filme de Júlio Bernardo: «Ferragudo»

Cinema amador

Cont. da pagina 7

conseguem superar, em força e intenção, os que «Almadraba Atuneira» nos apresenta. Mas, mesmo assim, apesar de «A Invenção do Amor» ser um filme discutível, em nada se pode comparar aos malabarismos pretensiosos da maior parte dos nossos cineastas amadores (e se fosse só destes..), á confusão dos quais António Campos opõe austeridade, uma banda sonora com altos momentos e algumas imagens que deixam entrever a marca dum realizador de quem se aguarda ainda uma obra totalmente conseguida.

Depois de António Campos, afigura-se-nos ser Julio Bernardo o que realiza um cinema mais honesto e mais válido, segundo o critério que reputamos dever exigir-se a todo o artista que publicamente apresenta os seus trabalhos. Isto porque todas as experiências são válidas, como é consabido, mas só podem interessar como tal e não apresentadas ostensivamente como obras de arte definitivas como nos tem sido dado observar (4).

Julio Bernardo caiu neste pecado ao apresentar «Mascarada», seu primeiro filme de enredo e a cores, embora ele próprio reconheça tratar-se de um filme pouco significativo, tematicamente afastado dos seus restantes filmes.

Onde Julio Bernardo se revela exemplar é, sem dúvida, como documentarista. Aqui nos surge a camara com a sua força e poder, o impacto das imagens e sua verdade contrastada. Tal se manifesta em «Ferragudo» (1963), canto de trevas com seu ritmo lento e certo, agora com uma banda sonora que sublinha o esforço, o que há de doloroso no trabalho desumano; em «Uma batida ás raposas» (1964-65), menos conseguido mas com pormenores que marcam um estilo, uma perspectiva que equaciona a preversidade e sadismo que não estão ausentes do acto de caçar; e, sobretudo, em «Há Peixe no Cais» (1966), com uma montagem certa, nervosa e ágil, e alguns momentos que se contam entre os melhores que o cinema português já realizou.

Uma característica do cinema de Julio Bernardo é o aproveitamento exaustivo do recurso antitético, com que o autor critica ou condena, tomando posição no que lhe parece dever ser corrigido. Recorde-se, entre muitos exemplos, a criança que colhe flores sob os tiros da caçada («Uma Batida ás Raposas»), a matança da raposa e os cavalos em liberdade (mesmo filme), ou os pés dos pescadores, caminhando para a faina, e a imagem das gaivotas, voando contra o azul («Há Peixe no Cais»). Síntese dos filmes de Julio Bernardo: um cinema de contrastes.

★

Ao falarmos dos cineastas amadores, seria injusto não referir os nomes de Fernando Ferreira (autor de «A Pinha de Natal»); de José Barbosa, com o seu filme «Os Pequenos Pintores do Castelo»; e de José Cardoso, do Cineclube da Beira, de quem não vimos «O Anuncio» mas que nos impressionou favorávelmente no seu outro filme «Pesadelo».

Igualmente seria notada a não inclusão dos nomes de Vasco Branco e Nuno Vieira da Fonseca, precisamente os realizadores mais vistos e premiados na série de «festivais». Todavia, os caminhos destes dois ultimos autores não nos parecem definidos e programados e, se técnicamente muito aceitáveis, os seus filmes navegam numa confusão de formas mal assimiladas, sem uma linha certa e arrumada, o que lhes transforma as qualidades em virtuais aptidões para um cinema que há muito se aguarda.

SECÇÃO DE CINEMA
DO ATENEU DE COIMBRA

1) In Revista «Cinema de Amadores» n.º 146, Abril/Julho de 1968, pág. 2687 (propriedade da Sociedade Pathé-Baby, Lda.)

2) Regulamento do Concurso Nacional de Filmes de Amadores de 1969, idem n.º 149, Janeiro/Março de 1969, pág. 2757.

3) V. Regulamento do V Festival de Cinema de Amadores do Grupo Cultural e Desportivo da Companhia Nacional de Navegação.

4) A que acima defendemos não anula a distinção entre cinema experimental e mera experiência cinematográfica, antes pelo contrário.

«Há peixe no cais», outro filme de Júlio Bernardo

O mais influente meio de propaganda

Continuação da pág. 6

ternational Telephone and Telegraph Corp.), anunciada em Setembro de 1965. Esta união resolveria os problemas económicos da ABC e tornaria possíveis consideráveis contratos no estrangeiro, pois a ITT é o maior sistema internacional de telecomunicações existente no Mundo. Outro aspecto essencial da fusão proposta reside no facto da ITT ser uma das cinco ondas transmissoras americanas autorizadas pela Comissão Federal de Comunicações para adquirir canais de Televisão da COMSAT (Comunications Satelite Corp.), com objectivo de vendê-los ao público (as quatro restantes são a AT & T, RCA, Western Union e The Hawaiian Telephone Co.). A fusão forneceria um importante comprador à ITT, tanto de canais de satélites como dos seus próprios equipamentos de televisão.

Infelizmente para ambas as companhias, em Janeiro de 1968 a ITT foi obrigada a desistir dos planos de fusão. Apesar da F. C. C. ter aprovado, por duas ocasiões, o plano de fusão no espaço de dois anos, o Departamento da Justiça opôs-se à mesma.

PENETRAÇÃO E DOMÍNIO

Contudo, apesar deste contratempo, a ABC Worldvision continuava a desenvolver-se. Em começos de 1968 a Worldvision vangloriava-se de possuir 64 estações de Televisão em 27 países (16 das quais na América Latina), cuja emissão ultrapassava 20 milhões de horas. O método utilizado pela ABC para criar este império da Worldvision é bastante comum. Primeiramente a ABC realizou investimentos na estação de Televisão. Este investimento está relacionado com os serviços que a ABC Internacional pode oferecer á estação de Worldvision.

Por exemplo, a ABC pode oferecer apoio financeiro, serviços técnicos e administrativos, programas para a formação de pessoal, um serviço de compra de programas e, acima de tudo, actuar como representante de vendas da estação. A ABC considera essenciais estas duas ultimas funções para o êxito do sistema Worldvision, pois as estações têm que estar de acordo quanto á aceitação dos programas e dos anuncios seleccionados préviamente pela ABC (1).

Portanto a função realizada pela Worldvision para a ABC consiste em centralizar três tarefas muito importantes e lucrativas: compra de programas, representação de vendas e organização de cadeias difusoras.

Num certo sentido a ABC International está a tornar-se uma agência publicitária mundial. «Contudo a perspectiva da ABC é contrária ao que fazem as agências. A ABC intenta criar um meio de difusão unico no mundo, que possa ser aquirido por um publicitário internacional de maneira centralizada, apesar das agências publicitárias procurarem estender os seus serviços ao estrangeiro a fim de se aproximarem da variedade dos meios de difusão existentes em todo o mundo. Não obstante, ambas confiam na existência de um considerável grupo de companhias internacionais que elaboraram planos para o mercado e incluem grandes porções do globo» (2).

O papel que a ABC Internacional jogou na América Latina e a forma como organizou e desenvolveu as suas operações, constitui uma síntese da maneira como os meios de difusão, e em particular a TV podem ser utilizados pelas companhias norte-americanas para servir de dama de companhia á penetração, domínio e eventual adulteração das economias estrangeiras.

FOMENTAR UM CONSUMO ARTIFICIAL

Em 1960, após uma enorme persuasão por parte de funcionários do Governo de homens de negócios norte-americanos, os países centro-americanos acordaram em criar um mercado comum económico. Este sistema permitia aos homens de negócios dos Estados Unidos estabelecerem-se num país da América Central e vender os seus produtos em todos os países, sem pagamento de tarifas e, segundo informações do Departamento do Comércio norte-americano, centenas de companhias norte-americanas afluíram em manada a fim de aproveitar o novo mercado.

Também em 1961, após um ano de existência, a ABC Internacional antecipou 250 mil dólares e realizou investimentos em cinco estações centro-americanas de Televisão — uma em cada um dos cinco países.

Este grupo foi denominado Central Americana TV Network (Cadeia Centro-Americana CATVN). Como se pode adivinhar, a CATVN, através da ABC Internacional, mantém um programa centralizado de vendas de publicidade e um sistema distribuidor de películas. A ABC Internacional publica uma lista de 31 companhias que anunciam através do sistema Worldvision, realizando quase todas negócios na América Central. A ABC, através das suas estações de Televisão, fomenta um consumo artificial que, na maioria dos países do Terceiro Mundo, não devia ter prioridade sobre a educação, a saude e o desenvolvimento económico básico. Contudo, isto parece ser o que se verifica na América Latina. As companhias norte-americanas continuam a prosperar e o papel da ABC nesse processo é denunciado pelas suas próprias palavras:

«Agora as estações Worldvision chegam a um universo integrado por cerca de 15 milhões de locais (1963) onde entra a Televisão. O poder aquisitivo deste auditório, que cria uma tendência, é superior a 136 biliões de dólares disponíveis. Eles são os primeiros a desenvolver a lealdade ás marcas de fábrica, que estabelecem os padrões para as restantes».

E quando os Estados Unidos exerceram maior pressão nos países sul-americanos, a fim de convencê-los da necessidade de criar uma Associação Latino-Americana de Comércio Livre, em Janeiro de 1968, a ABC Internacional criou o LATINO (Organização de Cadeias Internacionais de Televisão Latino-Americana) que seguiu as mesmas linhas do CATVN e que é integrada até agora pela Venezuela, Equador, Uruguai, Argentina, Chile e México. Nem a CBS, nem a NBC participaram no mercado internacional á escala em que o fez a ABC. Ambas gozam de uma boa posição financeira — as acções são elevadas e os capitais são grandes (670 milhões para a CBS e dois biliões e 84 milhões para a RCA, que é a companhia gémea da NBC). As companhias também obtêm lucros em consequência do aparecimento de conglomerados. Entre os subsidiários da RCA encontram-se Hertz, Commercial Credit Co., Random House, Sunbury and Dunbar Music, Inc., Defense Electronic Products e dois centros Job Corps Training. A família da CBS está rodeada ainda pela editora Holt. Rinehart and Kinston, Inc., pela Creative Playthings, Inc., Baily Films e pelos New York Yankees.

FALTA DE ATRACTIVO A INVESTIMENTOS

Apesar dos investimentos da CBS e da NBC no estrangeiro não serem elevados, os meios de que dispõem tendem a situar-se em zonas estratégicas. A CBS possui companhias produtoras em Buenos Aires, Caracas e Lima; as da NBC encontram-se em Monterrey, México, Caracas, Saigão e no Médio Oriente.

A especialidade da NBC no exterior são os contratos de serviços de direcção e programação, em vez de investimentos directos em estações de Televisão. A NBC International trata directamente com os radiodifusores estrangeiros a fim de lhes vender os seus programas, que são exibidos em 82 países. Os serviços de direcção incluem desde a assistência até ao estabelecimento de um sistema completo de Televisão num país.

Segundo a NBC, um «contrato extenso» significa analisar os objectivos do país cliente (porque motivo deseja a Televisão?), realizar uma vigilância técnica, sugerir um programa completo, criar um corpo para a realização de programas (três membros do pessoal da NBC, um administrador-geral, um director do sector de engenharia e um director administrativo serão responsabilizados pelo projecto), desenhar, construir e equipar os estúdios de Televisão e, por último, supervisar e assistir à transmissão da estação.

O contrato para a instalação de um sistema completo, estende-se em geral por cinco anos. A influência do estilo, as prioridades e estrutura da NBC (em especial a sua preferência por estações não estatais) serão postas inevitàvelmente em relevo num sistema de Televisão do país cliente. Uma revista comercial sugeriu que o interesse da NBC em desenvolver sistemas de Televisão à volta do mundo não consiste tanto em obter o «controle» mas sim estimular o pedido de aparelhos de Televisão, de que a RCA é o principal produtor.

A CBS concentrou na América Latina a sua limitada expansão no estrangeiro. Contudo a sua política global é ainda vacilante. O factor principal está em que tanto a CBS como a NBC têm uma série de prioridades diferentes da ABC. Merle S. Jones, presidente da CBS-TV e director da CBS (também é o director da Proarte, de Buenos Aires, da Provental, de Caracas, da Pantel, de Lima, da Companhia Televisora de Trinidad e Tobago e dos Tele-programas Iberoamericanos do Panamá) define a limitada presença da CBS no estrangeiro não como uma falta de interesse, «mas o facto indesmentível é que as oportunidades não surgiram na forma como concebemos uma oportunidade. Travamos conversações preliminares na América do Sul — Colômbia, Brasil e Chile —, mas simplesmente não foram oportunidade atraentes. Quando se viaja pelo mundo comprova-se que a Televisão é dirigida pelo Estado ou é semi-estatal e não oferece o necessário atractivo à realização de investimentos... Preferimos permanecer livres para o mercado completo».

EFEITO PREJUDICIAL?

É provável que a CBS e a NBC considerem que o papel da ABC no exterior é, acima de tudo, o de uma agência publicitária internacional interessada na compra e venda de programas e de tempo para publicidade.

Aliás, a ABC viu-se obrigada a adoptar semelhante função devido á debilidade no campo da transmissão de Televisão relativamente à CBS e à NBC. O que parece ser certo é que a CBS e a NBC se consideram transmissores e, portanto, desejam o «controle» das estações de Televisão no estrangeiro. E como não podem obter o referido «controle» preferem esperar por momento mais oportuno.

Time-Life Broadcast é outra companhia importante dos Estados Unidos que realizou investimentos na América Latina (Argentina, Brasil e Venezuela). Os interesses da Time-Life no Rio de Janeiro tornaram-se objecto de uma controvérsia, em 1965, quando Carlos Lacerda atacou o Governo brasileiro por não actuar contra a participação «inconstitucional» da Time-Life na Televisão-Globo (nenhum estrangeiro pode possuir, nem participar na orientação administrativa de empresas jornalísticas). Time-Life investiu cerca de seis milhões de dólares na principal estação de Televisão do Rio, que é propriedade da mesma família que edita «O Globo», o jornal de maior circulação no Brasil.

Caracas e Venezuela são exemplos de participação intensiva das companhias norte-americanas no mercado da Televisão. A Time-Life e a CBS são proprietárias de 20 por cento dos interesses na companhia produtora Provental. O resto está nas mãos de Goar Mestre e de outros capitalistas locais. (Mestre foi um importante negociante de Havana que desenvolveu e controlou a maior parte da Televisão cubana antes da Revolução. Em 1958 estabeleceu na Argentina, Proarte (Canal 13), associado de novo com Time-Life e com a CBS). A NBC fez investimentos em Rádio Caracas-TV (canal 2), que é membro da ABC Worldvision.

A ABC controla uma parte da Venevision (Canal 4), da Venezuela e Screen Gems tem interesses no (Canal Onze).

O efeito que a Televisão produzirá na América Latina é ainda indefenido mas, provàvelmente, não será benéfco para os seus povos. O énfase que a Televisão consagra ao consumo não só levará a aumentar as frustrações de muitos latino-americanos como continuará a prejudicar, como o fizeram no passado as companhias norte-americanas, o desenvolvimento dessas sociedades. Os valores evidenciados pelos programas de Televisão e pelos anúncios importados dos E. U. A. afectarão, de maneira decisiva, a integridade cultural dos povos latino-americanos. Shigeto Tsuru, economista japonês, referiu-se a este aspecto de forma pessimista e afirmou que os meios de difusão servem aqueles que os controlam.

Neste mundo de comunicação de alta potência, seria talvez mais correcto falar de uma nova forma de «auto-alienação» dos que vivem em regime capitalista. Se em qualquer lugar da Terra existisse uma sociedade que fizesse uso total dos técnicas altamente desenvolvidas das comunicações de hoje, com o único propósito de satisfazer as necessidades culturais da população, seria uma valiosa experiência para todos nós visitá-la — nós que todos os dias, hora a hora, não podemos libertar-nos da investida, astuta ou cruel, da comercialização moderna de uma sociedade capitalista.

JON FRAPPIER

(1) «Por exemplo, ABC pode vender artigos Batman a um anunciante e utilizar o Batman conjuntamente com as empresas designadas em qualquer país que o anunciante deseja e na qual existe a Worldvision». **A Televisão é volta do Mundo**, por Ralph Tyler (em «Televisão Magazine», Outubro 1966, pág. 33).

(2) Artigo citado, pág. 61.

A criança e o livro

Cont. da pág. 5

ambos a debatermo-nos com a nossa imaginação para darmos uma continuidade à história, para lhe acharmos um fim. Assim a narração desenrola-se em dois planos que constantemente se cruzam. Levará isto a um desencantamento? Não o creio. Levará sim a um certo distanciamento e a uma maior expectativa perante a história, maravilhosa sim, mas como história.

RUI GRÁCIO — A observação e o processo parecem-me muito interessantes. Se a criança é reptada a imaginar também, se ela é solicitada a criar, fica a compreender melhor que aquilo que lhe é proposto não passa de uma criação, uma entre outras possíveis. Nesse caso, de facto, distancia-se. E provocar a sua participação activa e criadora não pode senão aprovar-se.

● DA CASUALIDADE MÍTICA À CASUALIDADE CIENTÍFICA

RUI GRÁCIO — A psicologia infantil diz-nos que a criança aceita o maravilhoso por si. O pressuposto de que a criança já não aceita o maravilhoso, porque o mundo técnico está cheio de maravilhas, de enigmas, de coisas prodigiosas, que teriam destronado as varinhas de condão, não me parece justificado.

Diz Henri Wallon que na segunda infância, cito de memória, a criança não tem capacidade para dar uma explicação natural das coisas. A causalidade natural, que é a nossa e a do pensamento científico, não é acessível á criança. A forma de aceder á compreensão naturalística de que as coisas se transformam, se determinam, a forma de aceder a isso é a forma mítica. Ela está mais habilitada a entender uma varinha de condão, por exemplo, do que uma causalidade natural que a ciência desmonte. Esta mitificação dos processos naturais é o modo de a prepararmos para ela vir a entender, na futura objectividade a partir dos 6-7 anos, o que no mundo real existe de maravilhoso.

António Torrado

Portanto, da causalidade mítica acederá por si á causalidade natural. Apartá-la desta evolução, argumentando que o mundo de hoje já se não compadece com o maravilhoso tradicional, não me parece certo.

Reconheço, no entanto, nesta atitude algo que me parece verosímil. Muitas das histórias populares, que os grandes escritores recolheram, não com intenção de as legar ás crianças, mas para as fixarem e transmitirem aos presentes e aos vindouros, traduzem um tipo de civilização que já não é nosso. Revelam um tipo de civilização em que a humanidade, desmunida e impotente perante a Natureza, tinha de depositar as suas esperanças na magia. As suas aspirações eram comprometidas pela fragilidade do seu poder económico, pela ausência de recursos técnicos ao seu dispor. Por isso criava mitos que compensavam essa humanidade do que não podia realizar pelo seu esforço. Ora estes dados não são os presentes. Hoje o homem tem recursos que outrora só eram possíveis por intermédio de entidades míticas.

Por outro lado, era um mundo hostil aquele em que a humanidade vivia. Mundo de hostilidade em que o negrume dos campos constituía um risco, em que as ameaças espreitavam por todo o lado, em que o homem vivia na sombra e não podia, por exemplo, prever o tempo, os flagelos, nem era capaz de dominar as grandes epidemias. Todos os pavores que o cercavam, mitificava-os ele em bruxas, em gigantes, em carnificinas de toda a ordem, em monstros que comiam pessoas (quem sabe se não eram transposições míticas de hábitos canibalescos?). Por tudo isto, as histórias da tradição popular exprimem um mundo que está muito distante de nós. Mas não quero dizer que esse maravilhoso, esse sobrenatural, que não corresponde á verosimilhança das leis naturais e dos recursos técnicos do nosso tempo, não continue a ter uma significação e um interesse tanto para a criança como para o adulto.

A criança aceita, é crédula. A confusão entre o real e o imaginário faz parte da sua natureza. Começa a desprender-se dessa confusão, mas há um período durante o qual se mantém numa certa ambivalência, numa certa ambiguidade, em que a criança sabe que é imaginário, mas aceita como se fosse real. Não é iludida. Limita-se a entrar no jogo. O maravilhoso assim entendido tem uma função, corresponde a estados psicológicos em que o maravilhoso nutre a imaginação da criança.

O maravilhoso que eu rejeitaria, sem bem saber rigorosamente se esta atitude tem qualquer fundamento de ordem científica ou ética, é o da morbidez do terror. Todos nós, na nossa infancia, nos ressentimos com as histórias terríficas que nos contaram.

● COMO ENSINAR O MEDO

MÁRIO CASTRIM — Mas a criança precisa de saber que há medo, precisa de senti-lo. Tem de haver alguma maneira de ensinar o medo á criança, para pô-la de sobreaviso contra situações extremas. Não medo ao escuro em si, mas medo ao escuro, porque podem estar pessoas no escuro, porque pode tropeçar...

CORREIA DA FONSECA — Não será tanto o medo que é desejável, mas a consciência de perigo.

LÍLIA DA FONSECA — Posso contar a este propósito uma peça a que assisti na Alemanha. Quando lá estive, a opinião publica andava alarmada com uma série de raptos de crianças, principalmente de meninas, por automóveis que passavam na estrada. Então as autoridades pediam, por intermédio das casas de cultura e de juventude, que os marionetistas escrevessem uma peça, para ser apresentada nas escolas, que pusesse as crianças de sobreaviso. Uma das peças chamava-se «Gaby e o automóvel vermelho». Estão a ver que, neste caso, o lobo mau aparece ao volante de um automóvel, enquanto que o papel do bom lenhador, que salva o capuchinho, é desempenhado pelo carro da Polícia que persegue e prende o automobilista corruptor. A completa actualização do maravilhoso clássico! E a peça foi deli-

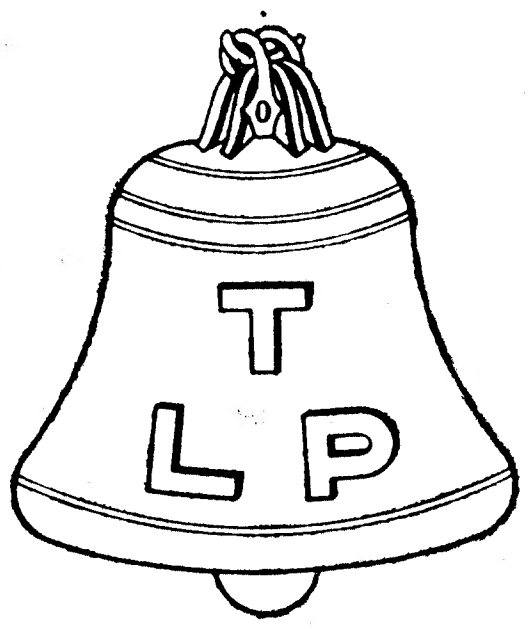
Matilde Rosa Araújo

rantemente acolhida pelas crianças das escolas. Numa delas, de crianças de idades muito juvenis, 6-7 anos, onde a vi, uma espectadora dos seus seis anos contou-a, depois, muito emocionada, ao Kasper (o fantoche clássico alemão) que, á beira da cena da sua barraca, a escutava e lhe ia dando as deixas necessárias. É esta actualização que eu preconizo, que tenho estado a estudar junto das plateias infantis e que vejo que em nada compromete nem oblitera a evasão e o sonho tão necessários aos mais jovens.

RUI GRÁCIO — É difícil dizer ás crianças que há pessoas más, porque as crianças não têm experiência do mal, ou os seus cri-

TELEFONES DE LISBOA E PORTO

EMPRESA PÚBLICA



AO SERVIÇO DA NAÇÃO

Cumprimenta os seus Assinantes e apresenta os melhores votos de um Feliz Ano Novo.

térios do bem e do mal não são inicialmente os nossos; mas as histórias podem conter advertências, devem, indirectamente, provocar medo. Com este aspecto formativo das histórias concordo plenamente. Ainda há duas ou três semanas num «círculo de pais», verifiquei que se chegou justamente a essa conclusão.

A literatura pela imagem

O problema levantado pela vaga irreversível da «literatura» pela imagem foi abordado apenas em dois dos colóquios. O prof. dr. Vítor Fontes salientou o dado fundamental de que «a imagem suprime a interpretação e convida á contemplação», considerando «mínimos» os benefícios da «literatura de quadradinhos». A dr.ª Maria Leonor Viana Botelho encarou a «leitura» em quadradinhos como cindível em «válida» e «não-válida». Acentuou a necessidade de compensar com obras-imagens de qualidade a oferta perniciosa que os «trusts» de além-Atlântico exportam para todo o mundo. E fez uma alusão (a que importará talvez atender como base para um trabalho de discriminação) aos álbuns «Astérix» e «Tintin».

CORREIA DA FONSECA — A «literatura pela imagem» (designação que se utiliza aqui, aliás, com todas as reservas) parece reclamar a atenção urgente dos educadores em geral e da LUDUS em particular. Digo LUDUS em particular, porque receio que, ladeando o problema, e preocupando-nos apenas com a restante literatura infantil, a nossa acção de esclarecimento junto da generalidade dos pais esteja a ser incompleta e ineficaz. Poderia mesmo dizer que aquilo que a maoria dos pais conhece da literatura infantil são as histórias de quadradinhos que, a meias, lêem, com os seus filhos. Se fecharmos, por princípio, todas as portas e não nos detivermos numa análise construtiva deste fenómeno do nosso tempo, estamos, desde logo, a renunciar a um extenso sector de auditores e a deixar as crianças, que elegem as histórias de quadradinhos como unica leitura, entregues a si próprias e ao seu mundo de fantasia tantas vezes mediocre.

Correia da Fonseca

LÍLIA DA FONSECA — A perspectiva das histórias aos quadradinhos ainda não foi estudada em profundidade, naquilo que elas interferem com a educação e a formação da mentalidade das crianças, com aquele intuito de se resolver o problema que se me afigura sério. Porque, veja-se: as histórias inundam o mercado, a sua existência e difusão criou necessidades no público consumidor, que não é apenas constituído por crianças. Formaram-se inclusivamente, em determinadas élites cultas do estrangeiro e também de Portugal, correntes de interesse pelas histórias em quadradinhos. Futilidade? Derivativo intelectual? Mundanismo? Reacção, por fastio, á literatura escrita? Tudo isto tem de ser considerado no âmbito de pessoas que, como eu, vêem nesta espécie de subliteratura uma fórmula perniciosa da literatura para a infância e a juventude.

ANTÓNIO TORRADO — Vamos, porém, distinguir aqui as histórias por imagens (sobretudo eróticas) escritas e desenhadas para adultos, das histórias em quadradinhos dos livros e revistas infantis e juvenis. As primeiras não são da nossa conta, as segundas já serão da nossa conta e preocupação, se conseguirmos apreciá-las, sem preconceitos, sem quixotismos. Apontá-las, antecipadamente, como um perigo não nos levará a lado nenhum, nem ninguém, ou quase ninguém, nos daria ouvidos. Pela minha parte, sinto muitos escrupulos em rejeitá-las a priori. Li-as quando era criança. Ansiosamente aguardava o «Mosquito» ou o «Diabrete» da semana seguinte e ainda hoje, de vez em quando, folheio as antigas colecções, não sei se por nostalgia, por ociosidade ou por parvoice... Seja como for, não sinto que a leitura das histórias aos quadradinhos (assim se dizia) me tenha feito mal.

LÍLIA DA FONSECA — Mas, no seu tempo, esperava uma semana até saber a continuação da história e, no intervalo entre dois numeros, lia livros, tenho a certeza. Não foram as histórias aos quadradinhos que o formaram, mas os livros que leu. Que vemos hoje? Séries completas, atraentes, fáceis e muito mais acessíveis no preço do que um livro de histórias.

ANTÓNIO TORRADO — Se os leitores responsáveis, renunciando um pouco ao lucro imediato, lançassem colecções de livros muito ilustrados e com histórias claras, directas, desenvoltas, que prendessem logo ás primeiras imagens e ás primeiras palavras a atenção dos jovens leitores, livros em grandes tiragens, portanto baratos, livros distribuídos pelas mesmas tabacarias e bancas de jornais que vendem histórias aos quadradinhos, sempre queria ver se seria ou não possível inverter os interesses do publico que agora é desfavorável e impermeável á literatura infantil de qualidade!

RUI GRÁCIO — Temos de reconhecer que o factor qualidade, tal como o factor preço são quase sempre decisivos. Se hostilizamos a má literatura infantil, porque é deformativa, viciosa ou convencional e desprovida de talento, pelas mesmas razões hostilizaremos a «literatura» aos quadradinhos má. Algumas publicações infantis, ou melhor, juvenis periódicas que tenho visto, nomeadamente alemãs, conseguem manter um equilíbrio entre a mancha escrita e o espaço da ilustração. Para qualquer livro, a qualidade gráfica parece-me essencial.

CALVET DE MAGALÃES — A influência do verdadeiro professor é preponderante. Guiada por ele, a criança começará a orientar as suas preferências pela boa via. Mas, para que isso se consiga com êxito, tem de ser encaminhada desde a tenra idade, antes que se dê a outras «evasões». Há que ensiná-la a amar o livro e é necessário dar-lhe tempo, ócios produtivos para a leitura, não lhe sobrecarregando as tarefas escolares. Reparem que a criança, ao adquirir um livro de histórias por imagens, não se demora a escolher. Mas se tiver de comprar um livro, ela escolhe, desconfia, toma conta de que está a proceder a um acto de responsabilidade. É muito mais fácil comprar uma revistinha de «cow-boys». Tenho observado que os meus alunos só lêem os livros conhecidos ou aqueles que o mestre apresenta, lendo-lhes, por exemplo, um capítulo. Por este meio consegue-se despertar curiosidades, incitar a criança á boa leitura.

Mário Castrim

CORREIA DA FONSECA — Um dos óbices que ponho à «literatura de quadrinhos» é o de não encontrar nela a descrição de estados de espírito senão esquemàticamente. O Tintim pensa? em que pensa ele? Sorri, ri, franze o sobrolho, zanga-se, fica espantado... E que mais? Mais nada. O Jogo mímico é insuficiente, a imagem só nos pode transmitir um pouco da intimidade de cada personagem. Receio que este esquematismo, aliado ao esquematismo de situações, esvazie os leitores e lhes deprima ou aniquile a vida interior, estandardizando-os, principalmente se não tiverem, como compensação, acesso a outras leituras mais ricas.

CALVET DE MAGALHÃES — As histórias aos quadrinhos devem ser consideradas, mesmo para as crianças, como literatura de evasão. Elas encontram, em tais histórias, o conflito que vivem psicològicamente, conflito que reside na sua capacidade em harmonizar a obrigação de se dominarem e o desejo de se afirmarem. É justamente o que sucede aos heróis das bandas desenhadas. O Tintin não constitui excepção a esta regra: tudo, no aspecto deste ser sem idade, o aparenta com uma criança. É dotado, todavia de uma inteligência de um homem, para não dizer de um super-homem, além de possuir conhecimentos vastíssimos. Ora este quadro exemplar é extremamente aliciante para a criança, que se sente diminuída e inferiorizada num meio de criaturas sempre mais aptas do que ela.

LÍLIA DA FONSECA — Parece-me que estamos a juntar elementos para o «processo» da «literatura» aos quadrinhos, embora não possamos chamá-la a depor... Se o fizessemos, teríamos de chamar à presença deste «júri» a grande indústria gráfica estado-unidense que, pela via do Brasil, inunda o mercado português, responsáveis, em parte, pela literatura de fantasia que inunda o nosso País.

ANTÓNIO TORRADO — Concordo em absoluto. As nossas crianças vêem-se obrigadas a viver situações e ambientes que estão muito longe dos que lhe são próprios. Isso acentua o artificialismo da relação leitor-história. Não só a violência, a paisagem humana e as obsessões que tantas vezes transparecem nas histórias aos quadradinhos americanas lhes são alheias, como a linguagem e até as exclamações e onomatopeias (Bang! Plof! Zzzzt...). Mas não estaremos nós a criticar o processo, a técnica narrativa das histórias aos quadradinhos pelos resultados que conhecemos? Não seria possível pensar, inventar, desenhar *outras*, não sei quais, mas outras histórias aos quadradinhos, possivelmente sem «balões» sobrepostos à imagem, sem a agressividade como eixo único da narrativa, e mais ricas, mais belas e mais naturalmente infantis? Creio que sim. Há algumas propostas nesse sentido, aqui em Portugal. Lembro, por exemplo, uma ou outra história do «Fagulha» e um livrinho esquecido do Eduardo Teixeira Coelho,

Lília da Fonseca

admirável desenhador que em França, em Itália e no Brasil viu reconhecido o seu mérito.

CORREIA DA FONSECA — Vemos assim que há unanimidade em relação à aceitação das histórias de quadrinhos. Há aceitação, porque não nos sobram forças nem razões para rejeitá-las em bloco. Enfim, é preciso aceitar a «literatura» pela imagem, ainda que não tenha sido desejada, pois por mais que queiramos, não podemos alhearmo-nos da sua popularidade. O fenómeno aí está. Tiremos então partido dele, orientemos este meio de expressão no melhor caminho e depois se verá... Demos aos escritores e artistas gráficos empenhados neste novo tipo de expressão a possibilidade de mudarem o curso das histórias de quadrinhos. A mim, em particular, a empresa parece-me por demais difícil, principalmente no nosso meio, onde as carências técnicas desanimam quase sempre as melhores boas vontades.

já pensou que...

...AO ADQUIRIR UMA MÁQUINA DE LAVAR ROUPA LIBERTA-SE DE UM SEM NÚMERO DE PROBLEMAS DE ECONOMIA E DE TEMPO.
A SUA EMPREGADA DOMÉSTICA PODERÁ SER DISPENSADA DESTA TAREFA, A SUA ROUPA SERÁ LAVADA QUANDO DESEJAR E COM EXTRAORDINÁRIA RAPIDEZ, A SUA QUANTIDADE TAMBÉM NÃO TERÁ IMPORTÂNCIA E A CHUVA DEIXARÁ DE SER UMA PREOCUPAÇÃO.
E QUANTAS COISAS PODERÁ FAZER ENQUANTO A HOOVER TRABALHA?
PERGUNTE ÀS SUAS AMIGAS QUE JÁ POSSUEM MÁQUINAS HOOVER E FICARÁ MARAVILHADA COM AS SUAS OPINIÕES!

A HOOVER RECOMENDA skip

MÁQUINAS DE LAVAR AUTOMÁTICAS

HOOVER

LEOPOLD SHIROI, LDA. LISBOA • PORTO • COIMBRA • FARO

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057

Carros e furgonetas amplas facilidades de pagamento, peças legítimas estação de serviço e oficinas

REUNIÃO DA ALA ESQUERDA DO PARTIDO DE INDIRA GANDHI

Alteração profunda da economia indiana?

WILLIAM V. CONGHLIN

Agora que Indira Gandhi conta com um Partido do Congresso depurado dos elementos da ala direita, irá ela dominar o partido e a nação?

Esta é a questão crucial, neste momento, em que se anuncia uma reunião da ala esquerda do partido, em Bombaim. Espera-se que Indira Gandhi apresente nessa reunião os termos de uma nova politica económica, politica essa, por certo, de sabor esquerdista. Mesmo alguns funcionários americanos residentes em Nova Delhi são de opinião de que isso é necessário para salvar a índia da depressão.

Mas o primeiro-ministro, que se revelou um estratego consumado na maneira como soube manobrar os seus adversários, no auge da crise política, vai enfrentar grandes problemas neste período que se avizinha. De momento, o menor desses problemas é o facto de, pela primeira vez na história do Partido do Congresso, ela contar com uma minoria no Parlamento. Mas tem suficiente apoio da ala esquerda para afastar qualquer tempestade nestas semanas mais próximas. Pelo menos até á próxima sessão do Parlamento, a sessão da discussão orçamental (na qual será chamada a pagar as suas dívidas políticas) não terá que recear desafios á sua supremacia política bem firmada.

DIMINUIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES

Nos domínios da economia e da politica externa é que o primeiro-ministro se acha agora em maus lençóis. O ministro do Comércio Externo revelou, há dias, que o crescimento de exportações tinha descido de 13,6% no período de Abril-Outubro de 1968 para 1,8 % no mesmo período deste ano. Este resultado veio negar as previsões: esperava-se uma taxa de crescimento de 7%.

O Governo empreendeu esforços muito especiais para manter em certos campos o nível de exportações, a fim de evitar essas quebras. Mas essas medidas levarão o seu tempo a dar fruto.

VIRAGEM À ESQUERDA

Além disso, o êxito da tão anunciada «revolução verde» da índia foi posta em questão, na semana passada, quando o presidente da Associação de Fertilizantes da índia revelou que o consumo de fertilizantes se situava a níveis muito inferiores aos esperados. Declarou que a diminuta capacidade das fábricas de fertilizantes tinha aumentado de tal maneira os preços, que só os fazendeiros ricos poderão adquiri-los, deixando, assim, os pequenos fazendeiros na dependência dos métodos tradicionais.

Se tivesse havido uma verdadeira revolução nos métodos agrícolas da índia, a procura de fertilizantes seria dupla, afirma. Alguns observadores ocidentais acusam a falência das fábricas do sector público que, incapazes de se ajustarem á situação do mercado, são responsáveis pela impossibilidade de os pequenos fazendeiros adquirirem os fertilizantes.

Por outro lado, a nacionalização dos bancos e a declaração governamental de que a nacionalização não pode ser excluida noutros domínios, parecem ter tirado aos capitalistas estrangeiros o desejo de colocarem o seu dinheiro em empresas privadas, enquanto a situação não se esclarecer.

Ao mesmo tempo, parece ter havido uma nítida viragem á esquerda na política externa do país. A revelação de que o Governo da sr.ª Gandhi parece ter o propósito de elevar a sua representação diplomática em Hanói á categoria de Embaixada foi seguida da actual visita dos representantes do Governo Provisório «vietcong» do Vietnam do Sul. Esta visita foi uma resposta ao convite feito pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Dinesh Singh, durante a sua viagem a Hanói para os funerais de Ho Chi Minh.

A sra. Indira Gandhi e o presidente do Partido do Congresso, Saddavvanshali Nijalingappa. Apenas uma cisão entre a ala direita e a ala esquerda do mais velho agrupamento politico da Ásia

Numa altura em que o Congresso dos E. U. A. está a mostrar um entusiasmo mínimo pelo auxílio externo, verifica-se na índia uma hostilidade cada vez mais acentuada por parte da ala esquerda, contra os E. U. A., que acusam de usar do auxílio prestado ao país como alavanca de comando da política externa indiana. O auxílio dos E. U. A. á índia totaliza, em todas as suas formas, mais de nove biliões de dólares. Um participante numa discussão em mesa-redonda, na emissora radiofónica controlada pelo Governo (**All India**) convidou, na semana passada, o Governo a renunciar a todo o auxílio externo e a declarar que não satisfaria qualquer das suas dívidas externas.

OS ADVERSÁRIOS ACUSAM...

Mas o incidente mais embaraçoso para o Governo talvez seja o da derrocada de um edifício em construção em Trivandrum, no Estado comunista de Kerala. A derrocada causou nove mortes, no princípio deste mês. Velo a saber-se que o edifício seria o Centro Cultural, e que estava a ser construído pelo Governo soviético, que não se preocupou com a formalidade de obter o consentimento do Governo de Indira Gandhi para a construção do Centro. Os russos pediram ao ministro dos Negócios Estrangeiros autorização para abrir o Centro, mas não esperaram por resposta para darem início ás obras. Os E. U. A. tinham recebido, no ano passado, uma recusa ao seu pedido de abertura de um centro similar, em Bhubaneshwar.

O ministro dos Negócios Estrangeiros convocou o embaixador soviético, Nikolai Pegov, exigindo-lhe uma explicação e anunciou á Embaixada soviética que não permitiria a abertura do centro. Mas o mal já estava feito. Os adversários do Governo acusaram os russos de terem tanta confiança no gabinete de Indira Gandhi que se sentiam autorizados a passar por cima de formalidades diplomáticas e a fazer o que quisessem na índia.

IRONIA OU PREVISÃO?

Na semana passada, a ala direita do Partido do Congresso (chefiada pelo antigo presidente Siddavanhalli Nigal lngappa), reunida em Ahmedabad, contestou a legitimidade do Governo da sr.ª Gandhi.

São todos estes os problemas que a assembleia desta semana terá que resolver. Pairando acima dos partidários de Indira Gandhi, em Bombaim, estarão desenhos de mãos segurando o povo da índia, alusão á missão do Partido. Ironia ou previsão? O futuro o dirá.

(Exclusivo «The Los Angeles Times»-«Diário de Lisboa»).

Bernadette Devlin: o combate dos pobres contra os ricos

Os caprichos do acaso fizeram com que Bernadette Devlin nascesse a 23 de Abril, que é, ao mesmo tempo, o dia de S. Jorge, padroeiro da Inglaterra, e o aniversário do grande levantamento de Dublin contra o poder britânico, em 1916. Aos 22 anos, fez saltar todas as barreiras da celebridade, desde a sua eleição triunfal (Março de 1969) até á sua participação nas barricadas do Bogside, o bairro católico de Londonderry, em Agosto passado, e que deram á situação do Ulster uma tal publicidade que Londres teve de intervir e substituir-se, de facto se não de direito, ao regime de Stormont, odiado pelos católicos.

E, no entanto, na sua breve autobiografia, ora traduzida em francês (1), Bernadette Devlin esforça-se por deixar bem claro que o seu combate não é o dos católicos contra os protestantes — divisão artificialmente conservada por todos que nela têm interesse — mas sim o dos pobres contra os ricos, o dos «desprezados» contra os exploradores, sem distinção de religião. Tornou-se socialista, não por ter estudado Marx ou Lenine, que confessa conhecer mal, mas sob pressão dos acontecimentos.

Filha de um carpinteiro de Cookstown e de uma senhora que pertencia á pequena burguesia católica local, teve que suportar com o irmão e as quatro irmãs, a hostilidade da boa sociedade, que não tolerava este casamento desigual. No seio desta família turbulenta, mas feliz e unida, roçando constantemente a pobreza, Bernadette foi educada no culto da história e da mitologia irlandesas. Na escola Saint-Patrick de Dungannon, onde fez os seus estudos secundários, não hesita, contudo, em erguer-se contra o fanatismo anti-inglês da madre superiora, que ela, no entanto, muito admira. É católica, mas não à irlandesa: pouco se preocupa com os ritos e as rivalidades tradicionais com os protestantes; afirma que a Igreja traiu a sua missão e é cumplice da ordem estabelecida. Em Belfast, na Queen's University, onde entra em 1965, descobre a politica activa sob a forma de marchas pelos direitos cívicos, a primeira das quais se realizou em 24 de Agosto de 1968. Não podemos deixar de as comparar ás que se realizaram, há uns dez anos, nos E. U. A.: a mesma não violência dos manifestantes, as mesmas brutalidades da polícia, a mesma cumplicidade com os elementos extremistas (os sequazes do rev.º Paisley cumprem muito bem o papel da Ku-Klux-Klan). Em todo o caso, passado menos de um ano, a campanha para os direitos cívicos irá produzir a insurreição de Agosto de 1969.

Bernadette Devlin toma frequentemente a palavra nas manifestações; encontramo-la na primeira fila quando se trata de vencer os cordões da polícia. Chega a altura de uma eleição parcial para substituir o conservador de posse do lugar do Mid-Ulster. Bernadette é escolhida para fazer a paz entre todos os candidatos antiorangistas. Perante a surpresa geral, vence por 4000 votos, após uma entusiástica campanha. Aí a temos, menina-prodígio do Parlamento, assediada pelos fotógrafos e pelos candidatos ao matrimónio. No entanto, ela não tem qualquer confiança na instituição parlamentar e não distingue entre um trabalhista e um conservador. Rompe com todas as regras da decência, ao participar em Londonderry na resistência ás forças policiais (e nomeadamente aos «B special» tão detestados), arremessando tijolos e cocktails Molotov. Nunca tal se tinha visto em Westminster.

A Imprensa, que a tinha por menina dilecta, acusa-a a gora de irresponsabilidade e infantilismo político. A verdade é que ninguém lhe perdoa ter demonstrado que a acção directa pode compensar.

BERNARD CASSEN

(1) Bernadette Devlin — *Mon âme n'est pas à vendre*, Le Seuil.

DL MESA REDONDA